

9459

Vinh.

HOMENS DO PASSADO



# HOMENS DO PASSADO

CHRONICAS

Dos seculos XVIII e XIX

PELO

Dr. Moreira de Azebedo

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-Editor do Instituto Historico

65 RUA DO OUVIDOR 65

1875

V 2  
920.081  
A994  
ADP  
1875



BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2664

do ano 1974

DR. MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

I





## **O padrinho**

Descobrirão as riquissimas minas de Ouro Preto em 1699 a 1703 os paulistas Thomaz Lopes de Camargos, Francisco Bueno da Silva, Antonio Dias natural de Taubatê, e o padre João de Faria Fialho, natural da ilha de S. Sebastião, que acompanhara como capellão ás bandeiras dos exploradores.

Dirigindo-se a população para essas montanhas que, como sentinellas eternas, guardavão abundantes minas de ouro, surgiu alli um arraial que subio á cathegoria de villa por ordem do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 8 de Julho de 1711, sob o nome de Villa Rica de Albuquerque. Elegerão-se no mesmo dia os juizes e vereadores, e no dia seguinte entrárão todos em seus cargos.



Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, que reuniu sob seu governo as capitancias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, fundou em Villa Rica em 1738 um hospital e casa de Misericordia.

Nesta villa onde diversas vezes se reunirão os companheiros de Tiradentes ; onde expoz-se em um poste alto a cabeça desse martyr da liberdade da patria, e onde suicidou-se, encerrado na cadêa, o poeta Claudio Manoel da Costa ; nesta villa condecorada em 1823 com o titulo de imperial cidade de Ouro Preto ; visitada por distinctos viajantes, como Walhs, Saint-Hilaire e outros, e cantada pela musa melancolica e saudosa daquelle mavioso poeta, que finou-se como Chaterton o suicida de 18 annos, nasceu em 1749 o festejado poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Era seu pai um homem alto, de semblante alegre, olhar penetrante, calvo, animando-lhe o rosto um continuo sorriso, que dilatava-lhe os musculos da face, e dava-lhe ao semblante um aspecto prazenteiro ; chamava-se Ignacio da Silva Alvarenga, era viuvo, pobre e vivia da lavoura e da musica, tocando rabeca e flauta com perfeição, quando convidado para as reuniões de familia celebradas pelos moradores por occasião do nascimento de algum filho, do casamento de alguma filha ou em regosijo às festividades do natal, do Espirito Santo e dos reis.

Residia Ignacio Alvarenga em uma casa de triste apparencia situada proximo á povoação da Villa

Rica. Acompanhava-o seu filho aos passeios e divertimentos, e apesar de contar pouca idade, igualava-o em habilidade e mestria ao ferir a rabeça ou a empunhar a flauta.

Ouvindo os sons melódiosos destes instrumentos tocados pelo joven Alvarenga, repetião os moradores do lugar :

— Ha de ser um grande musico, e igualar ao pai ou excede-lo.

Escutando-os se ficava Ignacio Alvarenga taciturno, apagava-se-lhe a alegria do rosto, e murmurava :

— Praza a Deus que não.

Mas o menino entregava-se de dia para dia ao exercicio da musica, e não havia reunião para a qual deixasse de ser convidado ; accedia o pai constangido a esses convites, e se podia negava o filho. A opposição do velho, o constangimento que manifestava em permittir que o filho se dedicasse á musica, não escapara a ninguem; e muitos condemnãõ esse procedimento.

— Que deseja o Ignacio Alvarenga fazer do filho, censurava um, não quer que seja musico ; que ambiciona pois aquella alma de villão !

— Tenciona que o filho estude para fazer desse maltrapilho um doutor, retorquia este.

— Ah ! Santo Nome de Jesus, sentenciava outro, onde irá aquelle birbante buscar dinheiro para doutorar o filho !

— E' pasbobis, repetia aquel'outro, crê que esse toucador de flauta nasceu para vestir gabinardo em Coimbra.



— Quem sabe, respondia um ; se o sertanejo Alvarenga achar algum brilhante ou descobrir ouro em suas terras, poderá mandar o filho a Coimbra ; assim Deus o ampare e favoreça.

— E' certo, mas o menino não tem intelligencia para comprehender as leis de Coimbra, não tem talento para os estudos.

— Como sabe vossa mercê que o menino não tem cabeça para ser doutor ! Lá se foi para o Rio de Janeiro o filho de Manoel da Costa Villas-Boas, José Bazilio da Gama, e dizem que nas aulas da companhia de Jesus e no seminario de S. José adquirio reputação superior a de todos seus discipulos, e tanto que...

— Sei, accrescentava o outro, que Bazilio da Gama grangeou pelo seu merito a estima do Sr. governador Gomes Freire de Andrade, do Sr. bispo e do brigadeiro Pinto Alpoim ; mas esse pobre Silva Alvarenga...

— Talvez seja ainda uma gloria desta nossa terra, e só nos resta louvar as boas intenções do pai desse menino.

— Mas não será o orgulho que insufla o desejo que tem o Alvarenga do filho ser doutor, para desse modo eleva-lo acima das outras pessoas do lugar ?

— E que tem isso ; quer dar ao filho a supremacia do saber que não offende, e pôde torna-lo util a todos nós.

Colloquios mais ou menos semelhantes repetião-se diversas vezes entre diferentes individuos ; no em-

tanto ia Manoel Ignacio aperfeiçoando-se na musica, e merecia cada dia muitos gabos pela sua rara habilidade.

Interpetrando os votos e lamentos de Ignacio de Alvarenga sobre a instrucção do filho, abriu Luiz da Silva, que era padrinho do menino, uma subscrição entre seus amigos, e assignando elle maior somma, reunio alguns mil crusados, e levou-os ao pai de Manoel Ignacio.

— Desejo que meu afilhado estude e seja doutor formado em Coimbra, disse Luiz da Silva ; labora o compadre no mesmo empenho : pois aqui está o dinheiro para o começo da carreira do rapaz. E entregou a Ignacio Alvarenga uma bolsa cheia de moedas de ouro.

Ignacio contentissimo abraçou-se no compadre, e cuidou logo no enxoval do filho ; enfardelou a bagagem, e enviou-o para o Rio de Janeiro, onde devia de estudar as humanidades.

Quando lançou-lhe a benção de despedida, disse o velho, tendo os olhos rasados de lagrimas :

— Deus Nosso Senhor ouviu-me, não serás musico, meu filho.

---





**● repentista**

Chegado ao Rio de Janeiro matriculou-se Silva Alvarenga no melhor collegio que então havia, e cursou as aulas dos jesuitas e dos frades de Santo Antonio, mostrando-se morigerado e mui applicado aos estudos.

O seu character affavel e sincero, a sua conversação agradável e variada, a perfeição com que tocava flauta e rabeça, e a harmonia, gosto e elegancia dos seus versos, que começarão a tornar-se conhecidos e apreciados, grangearão para o joven estudante a estima e a consideração das principaes familias da cidade.

Não havia divertimento particular, sarão, outeiro ou festejo publico, em que se não visse o vulto alto e corpulento de Silva Alvarenga.

Em noite dos reis armavão as freiras do convento da Ajuda um lindo presepe no interior do claustro,

e das grades vinhão ouvir os poetas, que ião alli improvisar junto aos muros do convento ; as monjas davão os mottes que os vates apressavão-se em glosar, e aquelle que o não fazia, repetia o motte a outro. Si o verso sahia cadente chovião applausos, echoavão gritos de alegria, mas se não mostrava-se o poeta rapido e feliz no improviso, ou não recitava convenientemente a poesia, era apupado e escarneado.

Entre os que concorrião ao outeiro notava-se Silva Alvarenga que, improvisando lindos e harmoniosos versos, acordava no povo vivo entusiasmo.

Em um desses outeiros deu uma freira o seguinte motte :

Quem tem presa a liberdade,  
Não pôde sentir prazer.

O vate não reflectio um instante, bateu as palmas, e pronunciou :

Vive triste, com saudade,  
Sem gosar consolação,  
Traz ferido o coração  
Quem tem preza a liberdade ;  
E' lei da humanidade  
Que para feliz viver  
Mui livre se deve ser,  
E quem vive agrilhoado,  
Em dura prisão fechado,  
Não pôde sentir prazer.



Troarão os applausos, retinirão as palmas, e do mesmo motte tirou o poeta novos versos mais mi-mosos e elegantes.

Convidado em uma noite do natal para um outeiro, em que erão as moças que davão os mottes, mostrou Silva Alvarenga tanta inspiração, foi tão rapido no improviso que attrahio a attenção geral; soltado o motte vinhão logo a glosa, a decima, o soneto; e tão perfectos e suaves erão os versos, que abafavão os applausos, os bravos, as palmas ás ultimas palavras do poeta !

Mas por que nesse outeiro tão exaltada e inspirada patenteou-se a imaginação altiva do poeta !

Entre as moças que cercavão o menestrel, e repetião os mottes, havia uma de tanta candura e lindeza no olhar, e de semblante tão formoso que acordou affeição repentina no peito do repentista.

Quando o estudante afastou-se da reunião trazia no coração um sentimento que até então não sentira, uma luz que se cerca os cherubins, queima as fibras do peito dos mortaes.

E Laura, a menina da mesma idade que o vate, nos annos dourados da juventude, com o coração aberto ás paixões, não sentiria pelo estudante a affeição que rompeu no peito deste !

Assim como abre a sempre-viva as petalas logo que o sol a illumina, expandio-se o semblante de Laura percebendo o olhar apaixonado de Alvarenga, e penetrou em seu coração um sentimento puro, terno, apaixonado que os dias e mezes forão transformando em amor; mas como se communica o



de amor um coração com o do outro ; como dá-se rapidamente essa transmigração do sentimento ? não sabemos, nem queremos indagar esse acto psychologico, para não acontecer-nos como áquelle philosopho da India, que endoudeceu estudando a sensitiva.

Amarão-se Alvarenga e Laura, que tornou-se a alma do poeta, a inspiração da sua lyra, cujos hymnos maviosos e apaixonados forão-lhe todos dedicados.

Via o poeta todos os dias a sua Laura, acompanhava-a á missá ao romper d'alva, ás ladainhas, ás novenas e ao terço.

Um dia convidou Alvarenga a Laura para ir ao terço no oratorio de Pedra, situado na rua da Alfandega, esquina da primeira travessa de S. Joaquim, hoje rua do Regente, porque, como reunia-se alli muita gente, teria elle occasião de ve-la e conversar tranquillamente com ella.

Pedio Laura ao pai para leva-la ao terço no oratorio de Pedra ; mas receioso dos disturbios que havião naquelle lugar, recusou-se acceder á vontade da filha. (\*)

O poeta foi ; vio chegar o povo, as mulheres de mantilha, as devotas, os irmãos do terço revestidos de opa, mas Laura não appareceu. Terminada a reza recolheu-se Alvarenga triste para casa, e em-

(\*) Ainda existem as ruinas do oratorio de Pedra construido na rua do Regente esquina da rua da Alfandega ; era de aivenaria, de fórma arredondada, tendo tres aberturas uma no centro e duas lateraes ; desde muito que está despido de imagens.

punhando a lyra dirigio á nympha do seu amor  
uma poesia na qual lem-se estes versos :

Ao amor cruel esquivo  
Entreguei minha esperança,  
Que me pinta na lembrança  
Mais activo o fero mal,  
Não verás em peito amante  
Coração de mais ternura,  
Nem que guarde fé mais pura  
Mais constante e mais leal.

---



**O Entrudo**

Aproximava-se a epoca da Pascoa ; as montanhas vizinhas á cidade mostravão-se cobertas de uma linda côr de purpura proveniente das flores roxas da quaresma ; nas ruas e nos armazens vião-se expostos á venda em taboleiros de madeira milhares de limões de cêra amarellos, verdes, encarnados, azues e brancos, cheios de agua pura ou aromatisada, como se fossem os fructos mimosos daquelle arbusto agreste. Chegado o domingo de entrudo tomavão todos parte nesse divertimento ; sobre os traseuntes atiravão-se os limões de cera ; se procurava o infeliz fugir em outra direcção era alcançado por nova descarga de limões ; se buscava o centro da rua, ou tratava de occultar-se no vão de uma porta, via esguichar-lhe por cima da cabeça a agua de uma



seringa de folha de flandres empunhada por individuos escondidos por detraz das rotulas ou dos balcões das casas de negocio ; se volvia o olhar para os sobrados para ver quem arremessava-lhe os limões recebia sobre a cabeça uma bacia d'agua.

As moças em geral recolhidas e timidas, tornavão-se alegres, prasenteiras, e entram no jogo do entrudo com todo o desembaraço e garridice. Cada individuo que percorria a rua era o alvo de mihaftes de limões de cheiro ; e raro não era agarrar-se qualquer pessoa e precipital-a em um banho. Era uma inundação ; velhos, moços, meninos todos concorrião a esse jogo louco e disparatado ; e era de ver-se os escravos e crianças envolvidos em uma crosta de polvilho ou de outra qualquer substancia polvorenta com que se lhes untavão o rosto, o pescoço e o peito.

Era um tiroteio de todos os lados, que deixava sobre os chapéos crostas de cera dos limões de cheiro, e punha as roupas sem um fio enxuto, como se todos tivessem sahido do banho.

Durava o divertimento tres dias, sendo mais vertiginoso no primeiro e no ultimo, durante os quaes mudava o povo de indole e de feição ; de grave e recolhido tornava-se alegre e folgazão nesses tres dias de loucura, de festa que repetia-se no interior das casas, nos theatros e nas ruas.

Tão entusiastas mostravão-se alguns nesse jogo de limões e d'agua que excitavão rixas e contendas mais ou menos serias, nas quaes procurava a autoridade intervir, e embaraçar o divertimento ; mas

era inutil ; desprezava o povo as ordens policiaes e com frenezi e alegria entregava-se ao jogo do entrudo.

Nesses dias ia Silva Alvarenga á casa de Laura e se atirava muitos limões, tambem recebia milhares, tendo occasião, nessas horas de contentamento e prazer, de sentir palpitar junto do seu o coração de sua amante.

Estando Laura ao seu lado, perguntava-lhe Alvarenga :

— Amas-me, amas-me ?

A moça corava e conservava silencio.

— Amas-me, repetia o poeta.

Ligeira afastava-se Laura sem responder palavra.

Corridos instantes reapparecia, e atirava sobre o amado um limão de cheiro,

— Acertou-me no coração, declarava Alvarenga.

— Era ahi mesmo que eu queria que elle batesse, retorquia Laura sorrindo.

Assim, findo o divertimento, se delle sahião [es-correndo em agua, levavão no coração mais viva e ardente a chamma do amor.

---





## IV

### **A coruja**

Havião corrido quatro annos ; achava-se Alvarenga versado no estudo das humanidades, e como proporcionassem a seu pai meios de envial-o á universidade de Coimbra, veio o velho Alvarenga ao Rio de Janeiro, e cuidou em remetter o filho na frota, que breve ia fazer-se de vela para a capital da monarchia portugueza.

Pezaroso e afflicto se ficou Silva Alvarenga por ter de deixar sua Laura, mas o dever e a obediencia de fiño obrigavão-no a sujeitar-se á vontade de seu pai, pois não só não desejava contraria-lo, porque sabia quanto elle prezava-o, como tambem áquelles que havião-no afastado dos sertões de Minás.

Antes de partir escreveu a Laura pedindo-lhe uma entrevista, onde pudesse dizer-lhe o ultimo



adeus, e firmar o seu juramento de fidelidade e constancia.

Residia Laura proximo á lagôa da Sentinella, e respondeu ao amante que iria espera-lo de noite junto á cerca do quintal. Encontrarão-se os amantes, e as palavras que murmurarão, os juramentos que fizerão, perderão-se, como se evaporão os perfumes das flores ás lufadas do vento.

Ao proferir o ultimo adeus, ao soltar a ultima jura de amor, percebeu Alvarenga em um cajueiro proximo uma coruja, que começou o seu piar agoureiro. O poeta tornou-se taciturno, e após alguns instantes de meditação, improvisou o seguinte:

Oh ! que lugubre gemido  
Sahe daquelle cajueiro !  
E' de passaro agoureiro  
O sentido lamentar !  
Para amor . . . terrivel, forte  
Glaura bella, infausto agoiro,  
Ai de mim e o meu thesoiro  
Impia morte has de roubar ?

— Socega, Alvarenga, viverei e tambem viverá o meu amor, interrompeu-o Laura chorando.

Algumas horas depois levantava ferros a frota em que ia o estudante brasileiro para a universidade da Athenas portugueza.

---

## ● Estudante

Matriculou-se Silva Alvarenga na universidade de Coimbra um anno antes da importantissima reforma operada nesse estabelecimento pelo marquez de Pombal ; cursou as aulas com aproveitamento e brilho, e em 1776 recebeu o grão de bacharel contando em idade vinte e sete annos.

Relacionando-se com Ignacio de Alvarenga Peixoto, e Bazilio da Gama seus compatriotas, e com outros poetas portuguezes entregou-se ao cultivo da poesia ; tornou-se festejado paladino nos certames poeticos; grangeou nomeada e a valiosa protecção do marquez de Pombal, que cooperou para que sahisse impresso o poema heroi-comico do poeta brasileiro intitulado o *Desertor das letras*.

Sua musa inspirada saudou o monumento erguido

pelo grande ministro ao rei D. José I, e em uma ode dedicada á inauguração da estatua desse monarcha lem-se estes bellissimos versos :

Póde o volver dos annos  
 Mudar a face á terra, ao mar o leito ;  
     Isento de seus damnos  
 José o grande irá de peito em peito ;  
 Outro Tito quebrou entre os monarchas  
 A fouce ao tempo e a tisoira ás parcas.

Se a lyra do poeta tangia louvores aos assumptos mais elevados, clangorosa gemia modulando o nome de Glaura.

Muitas poesias amorosas, repassadas de dôr e saudade, inspirarão-lhe os seus amores, e em seus threnos, em seus hymnos, em que as cordas da lyra estalavão de saudade pela nympha que as fizera vibrar, notão-se mimosos versos, que só os verdadeiros poetas, ungidos pelo amor, sabem dedicar á mulher que amão.

Diz Alvarenga em uma dessas poesias:

Nas lybicas areas  
 Ou sobre as neves frias  
 Com ella alegre os dias  
 Passara sem temor.  
 Mas longe dos seus olhos  
 Me assusta a morte avara,  
 E o mar que nos separa  
 Separa o nosso amor.



Entre os collegas de Silva Alvarenga na universidade notava-se um chamado Raymundo, que se não era mentecapto, pouco allumiava-lhe a intelligencia os reconditos do cerebro. Escarnecião delle os companheiros, largavão-lhe satyras, atiravão-lhe apodos, que aguçavão a colera de Raymundo, e fazião-no esbravejar horas e horas.

Apaixonara-se Raymundo por uma moça que residia não distante da universidade, e tornarão-se os episodios dos seus amores thema da zombaria dos estudantes; cada um divertia-se zombeteando da paixão do caricato Romeu; um fazia estourar uma bomba no momento em que Raymundo fallava á janellella com a sua dulcinéa; outro atava-lhe ao gabinardo uma tira de papel relatando peripecias do seu amor, quando encontrava-o nos bancos da universidade; este espalhava pelos collegas satyras allusivas á paixão do estudante, e aquelle caricaturas do seu retrato e de factos allusivos á sua vida.

Lembrou-se Silva Alvarenga tambem de chaco-tear de seu infeliz companheiro.

Tendo obtido uma carta em que convidava Raymundo á sua amante para acompanhá-lo abandonando a casa paterna, foi avisar a mãe da moça, a qual depois de ouvir o estudante recitar a carta, exclamou:

— Jesus, Nossa Senhora do Amparo me soccorra, assim como á minha filha.

— Não se afflija vossa mercê, retorquiu Alvarenga, deixe que hei de vingar o ultrage, que querem lançar sobre a honra de sua filha.

— Valha-me meu senhor, e castigue esse birbante como elle merece, respondeu a velha.

Formou Alvarenga um plano engenhoso ; fez com que um estudante, que era mais baixo que elle, se envolvesse em uma mantilha, e fingindo os gestos de mulher, esperasse no lugar e hora determinados pelo seu collega Raymundo.

De feito Raymundo chegou, e a supposta amante acompanhou-o ; mas convidando-o para leva-la ao domicilio de uma parenta, conduzio-o a uma casa onde achavão-se reunidos quasi todos os alumnos da universidade.

Dsicoberta alli a trama soffreu o misero estudante viva e prolongada vaia ; atazanarão-lhe os ouvidos com uma grita ruidosa e fremente ; Silva Alvarenga recitou-lhe em face uma satyra ferina ; outros cortarão-lhe os cabellos, despedaçarão-lhe as vestes, e fizerão-no subir a um pulpito, do qual repetio contra si proprio e contra seus parentes, os maiores vituperios, e depois lançarão-o á rua seguindo-o ao som de assovios, de gargalhadas e de mil estulticias e liberdades repetidas em diapazão.

Difficilmente livrou-se Raymundo dos seus collegas, e desde então resolveu deixar a universidade ; no dia seguinte seguiu viagem para Lisboa, e alli entrou como noviço em um convento de franciscanos.

Terminados os estudos de Coimbra permaneceu Silva Alvarenga algum tempo na capital do reino, mas saudoso da patria e de Laura abandonou as aguas do Tejo, deixou Lisboa tomando passagem no

navio *Principe da Beira* commandado por Manoel Gonçalves Anjo que, suvina e rediculo, guardava para si os bons manjares, e aos passageiros tratava mal, e atormentava-os com fome. Zurzio Silva Alvarenga com suas satyras o commandante do navio ; entre outras escreveu a seguinte decima :

Vale o capitão por mil  
E é de mão tão apertada  
Que inda leva goiabada  
Da que trouxe do Brasil ;  
Se perdesse um só ceutil  
Morreria de paixão ;  
Quando em outra occasião  
De disfrutar não tem pejo,  
Mas se ha de dar do seu queijo  
Não larga a faca da mão. (\*)

---

(\*) Veja *Curiosidades, Noticias e Variedades Historicas Brasileiras* pelo Dr. Moreira de Azevedo pag. 17.





## **A Suspeita do vice-rei**

Quando Silva Alvarenga chegou em 1777 ao Rio de Janeiro ainda sustentava o peso do governo o marquez do Lavradio que, dedicado ás letras, ás artes, protegia os litteratos, os poetas, os artistas; reunia em seu palacio os mais distinctos homens da colonia portugueza na America, presidia-os, com elles discutia, fundava uma sociedade scientifica, e creava um horto botanico e um theatro.

Convidou o fidalgo vice-rei ao poeta Silva Alvarenga para entrar na academia scientifica, onde recitou este, entre applausos e gabos, o seu poema intitulado *as artes*.

Ao marquez do Lavradio succedeu na governação da colonia Luiz de Vasconcellos que, tambem inclinado ás sciencias e especialmente ás artes, creou a

casa dos passaros que mais tarde devia de ser o musêo nacional ; construiu o Passeio Publico ornamentando-o com primorosos e delicados trabalhos dos artistas brasileiros Valentim, Leandro Joaquim e Xavier das Conxas ; favoreceu as pesquisas de frei Velloso o autor da *Flora Fluminense* ; acolheu benignamente ao poeta mineiro Alvarenga, e nomeou-o professor regio de rethorica, indo elle com o bispo D. José Joaquim Justiniano assistir a abertura dessa aula, da qual sahirão doutos discipulos ; apreciando os conhecimentos de Alvarenga nas mathematicas, no latim, grego, inglez, francez e hespanhol escolheu-o o vice-rei para membro da sociedade scientifica que fundara em seu palacio.

Começou em 1790 o governo do conde de Rezende, dando-se onze dias depois o incendio da casa do senado da camara, que era no largo do Paço esquina da rua do Mercado. Virão os homens da época um máo presagio neste acontecimento.

— Ardeu o archivo da camara, e morreu o avarento Francisco Xavier que residia nas lojas do edificio, repetia o mestre Valentim, o autor dos jacarés do Passeio Publico, o mais habil artista em obra de talha que ha tido o Brasil, dirigindo-se a José Mauricio Nunes Garcia, que dous annos depois devia tomar ordens sacras e cantar missa.

— Começa mal a governação do senhor conde ; muito temos que ver, acrescentava José Mauricio.

— E o pobre menino que abraçado com o adêlo Francisco Xavier foi victima das chammas ! (\*)

(\*) Veja Pequeno Panorama vol. 2.º pag. 128.



— Era seu neto, mas o maldito velho só pensando no ouro descuidou-se delle ; ah ! mestre Valentim a alma desse ambicioso já ha de arder pelo inferno, porque gente assim não se salva.

— Assim é ; e que diz vossa mercè dos presos da inconfidencia ?

— Consta que todos vão ser enforcados.

— Póde muito bem ser ; e assim neste gôverno teremos de presenciar fogo e sangue.

— Caluda, ahí vem um soldado do regimento velho.

— Em verdade devemos estar precavidos, porque dizem que o Sr. vice-rei é homem de má catadura.

— S. Sebastião lembre-se de sua cidade e de seus habitantes, murmurou José Mauricio despedindo-se do mestre Valentim.

Ouvião-se juizos e conversas semelhantes sobre taes assumptos entre outras pessoas da cidade.

Desejando restaurar a sociedade litteraria instituida por Luiz de Vasconcellos e Souza incitou o conde de Rezende a Silva Alvarenga e a outros litteratos a se reunirem, e para esse fim alugou-se o primeiro andar da casa n.º 78 da rua do Cano, hoje Sete de Setembro, para a celebração das sessões e archivo da sociedade.

No segundo andar habitava o poeta Alvarenga, que encarregou-se de velar pelos papeis e livros da associação.

Mas pouco viveu essa sociedade, porque o suspeito conde de Rezende mandou dissolve-la, receioso que della surgisse algum plano politico.

Cóntrariou essa ordem a Silva Alvarenga e a seus consocios, que desde então não deixarão de censurar o governo do conde de Rezende, que começou a ser conhecido pela alcunha de conde da Resinga.

Dias depois de dissolvida a sociedade aconteceu ser o anniversario natalicio do vice-rei, e nesse dia espalhou-se pela cidade a seguinte decima manuscrita composta por Silva Alvarenga :

O nosso illustre Narciso  
Conta hoje mais um anno,  
Mostra o tolo o fio ao panno,  
A todos causando riso :  
Na prudencia e no juizo  
Anda sempre para traz ;  
Cada dia é mais rapaz,  
Nem lhe serve isso de affronta  
Pois quantos mais annos conta,  
Maiores asneiras faz.

Leu o conde de Rezende a satyra, e recolhendo-se ao gabinete particular com o seu secretario José Constantino Lobo Botelho perguntou-lhe, mostrando a poesia.

— Quem é o autor destes versos ?

— Não sei, senhor.

— Será o Silva Alvarenga ?

Lobo Botelho não respondeu.

— Desejo saber.

— Sim, senhor conde, retorquio o secretario.

E o vice-rei mandando vir a sege, entrou nella, cerrou as cortinas, como fazia sempre quando sahia, e dirigio-se para jantar na chacara do Angolista, rico negociante que habitava no Cattete.

---





**Amores**

Era Silva Alvarenga alto, afanado, de côr parda, semblante pouco attractivo por que franzia facilmente a testa, o que carregava-lhe mais a côr do rosto, porém era agradável no trato e na conversação, tendo mui visível na pronuncia o sotaque brasileiro.

Viera de Minas com elle um joven da mesma idade chamado José Bernardo da Silveira Frade, que não frequentou os estudos no Rio de Janeiro com a mesma assiduidade e applicação, antes entregou-se á má sociedade, começou a viver nos botequins, e em pouco tempo adquirio reputação de rapaz vadio.

Estimava-o Alvarenga como a um irmão, pois havião sido criados juntos, porque perdendo José

Bernardo seus pais, foi recebido no seio da familia de Alvarenga com carinhos e agasalho de filho.

Deixando saudoso á patria para caminhar para Coimbra, triste despidio-se Silva Alvarenga da mulher que amava, e tambem do seu irmão José Bernardo, que para sustentar-se vio-se obrigado a encarregar-se de papeis do fôro, onde adquirio rendosa clientella.

Voltando de Coimbra encontrou-se Silva Alvarenga com o seu amigo José Bernardo, e correu a ver sua amante.

Abriu-se então o coração do poeta ás alegrias da vida; estava na patria, perto dos amigos e de Glaura, cujo amor despertava sons cadentes e mimosos em sua lyra; e cada dia uma nova canção vinha saudar esse amor, que si excitava as fibras de um coração, fazia tambem vibrar as cordas as mais sonoras da harpa do poeta.

Restituído á patria teve Alvarenga a dita de beijar a mão de seu pai, que viera de Minas para esperar o filho na volta da universidade, e abraçando-o, correndo-lhe as mãos pelos cabellos, dissera o velho suffocado de alegria.

— Felizmente não foste musico, meu filho, e sim doutor de Coimbra.

Realisavão-se todas as esperanças do velho Alvarenga; estava seu filho graduado em leis, era prezado pelo seu talento, acolhido nas sociedades litterarias, recebido no palacio do vice rei; considerado poeta notavel e professor habil na materia que regia; não ignorava o velho o amor que o filho



tributava a Laura, mas o não contrariava nisso, porque pertencia Laura á boa familia, e devia receber em dote alguns mil crusados.

Assim alegrava-se Alvarenga pensando no destino que reservado estava ao filho, e repetia o velho :

— Ha de ser alguma cousa em sua terra se tiver juizo, se souber dominar as paixões da alma.

Mas se Silva Alvarenga estava apaixonado por Laura, tambem José Bernardo se enamorara da filha de Luiz da Silva que, como vimos, concorrera com uma avultada quantia para seu afilhado vir ao Rio de Janeiro estudar, e depois se passar a Coimbra.

Deixara Luiz da Silva a sua residencia de Minas, a vida de lavrador, e viera estabelecer-se na cidade do Rio de Janeiro como negociante de diversos generos ; desde então começárão as relações amorosas entre José Bernardo e Emilia, moça rica, qualidade tida como mui essencial por José Bernardo, que considerando o casamento como um contracto, repetia que sem deixar interesse não devia de ser contrahido.

Divergião Silva Alvarenga e José Bernardo no modo de encarar o amor ; um evocava o nome da mulher amada como o de um anjo ; o outro repetia-o lembrando-se do dinheiro que pelo casamento devia ser seu ; um fazia da mulher o seu idolo ; o outro absorvia-se no calculo do dote ; um era o homem do pensamento, da paixão; o outro o ambicioso que calcula e somma ; emquanto um sonhava

o outro calculava ; em um havia sinceridade e sentimento; em outro fingimento e cubiça ; um queria amar; outro queria ganhar ; um era poeta; o outro negociante.

Qual será o destino destes homens, qual o mais feliz, o que sonha ou o que calcula !

---

## VIII

### **A Sociedade secreta**

Tendo sido dissolvida a sociedade scientifica que nascera na governação de Luiz de Vasconcellos, cuidarão Silva Alvarenga e outros em crear uma associação secreta, onde pudessem estudar e discutir as idéas bebidas nos livros francezes, que difficilmente chegavão-lhes ás mãos.

Homens de talento, de idéas livres e grandiosas, não podião Alvarenga e outros sujeitar-se, como machinas que pela pressão de uma valvula cessão seus movimentos, ao despotismo e prepotencia do vice-rei ; desejavão discutir, espalhar suas theorias, apregoar seus pensamentos.

Reunirão-se Silva Alvarenga, o professor de grego Marques Pinto, o medico Jacintho José da Silva, Mariano José Pereira da Fonseca, Vicente



Gomes, o chimico João Manso e diversos socios da extincta sociedade litteraria, e fundárão uma associação secreta, na qual ninguem seria admittido sem dar antes provas da sua probidade, segredo e applicação; todos deviam considerar-se iguaes, e guardar segredo do que se deliberasse nas conferencias. (1)

Encontrou esta sociedade muitas adhesões, crescido tornou-se o numero dos seus membros, sua esphera ampliou-se e adquirio certa importancia; mas breve tinha de vêr o dia de seu desaparecimento.

Apezar do sigillo que guardavão os socios, começou a correr na cidade o boato da existencia dessa associação; e principiárão uns a dizer que era uma reunião de pedreiros livres, e o franciscano frei Raymundo denominou-a sociedade de jacobinos.

Este padre era o estudante de Coimbra que fugira para Lisboa, onde se alistara em um convento de franciscanos; alli professara, e dirigira-se depois para o Brazil, recolhendo-se ao convento da sua ordem no Rio de Janeiro, onde obteve logo invejada influencia por haver trazido de Portugal validosa recommendação do marquez de Angeja, gentil-homem da rainha D. Maria I.

Logo depois da vinda de Alvarenga para a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, chegou frei Raymundo, e bem recebido foi pelos seus irmãos do claustro.

(1) Veja Noticias sobre Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e Suas Obras por Joaquim Norberto de Souza Silva.

Homem rancoroso, de genio vingativo e máo se não esquecera frei Raymundo das satyras e epigrammas que Silva Alvarenga dirigira-lhe na universidade, e por isso apenas soube da existencia da sociedade secreta, se não descuidou em compromette-lo, propalando ser elle o presidente de uma sociedade de jacobinos.

Irritado Alvarenga, contra esta calumnia compoz para vingar-se muitos sonetos satyricos contra o frade, os quaes, fechados em cartas, eram introduzidos por debaixo da porta da cella de frei Raymundo pelo licenciado Simão, por alcunha o Simãosinho, na occasião em que passava visita na enfermaria do convento.

Leu frei Raymundo os sonetos, e cada epigramma, cada satyra encheu-o de ira e exasperou-o; cedo comprehendeu quem podia ser o autor de taes pasquins, e sem esforçar-se por indagar quem os trazia á cella, tratou de vasar todo o fel do odio e da vingança sobre o individuo que elle acreditava ser o autor dos versos; e em accesso de colera, bradou :

— Quer elle recommençar a luta da universidade ; accito, mas infeliz daquelle que agora for vencido.





## Laura e Emilia

Habitava o pai de Laura junto á lagôa da Sentinella, e Luiz da Silva, pai de Emilia no Caminho Novo, hoje rua do Conde d'Eu.

Morando proximo uma da outra avistavão-se amiudadas vezes Laura e Emilia.

Tinha Laura vinte annos, era alta e magra, de olhos negros e cabellos negros, rosto claro, apresentando no sangue, que tingia-lhe as faces e os labios, a transparencia e brancura da pelle.

Era Emilia de mediana estatura, de cabellos louros e annellados, olhos pardos, rosto macillento ou antes amorenado, e nos contornos do talhe ostentava mais desenvolvimento e graça que sua amiga e vizinha.

No genio erão as duas moças quasi iguaes; tinham ambas docilidade e brandura de coração, e character affavel e risonho.

Conversavão as duas amigas em casa de Luiz da Silva e dizia Laura:

— Sei dos teus amores, Emilia, e que breve has de ter por esposo áquelle que teu coração escolheu.

— Elle já prometeu que não tardaria em fallar a meu pai da nossa união.

— E contas que desse enlace ha de vir para ti a felicidade, Emilia?

— Mais de uma vez me tem dito que seremos ditosos, ricos, e gozaremos dos prazeres da vida; e o teu?

— O meu é poeta, e só vive pensando no seu amor, que desperta-lhe mimosos versos; talvez adquira fortuna na advocacia, mas receio que lhe não seja fatal o desejo, que nutre de incutir em seus compatriotas idéas que muitos julgão nocivas; além disto tem um character franco e elevado que não sabe dizer senão a verdade, e homens assim são sempre infelizes, especialmente agora que tanto se falla da arrogancia e despotismo do vice-rei.

— São assim os poetas, os pensadores, creão o seu mundo, e querem que todos vão viajar por lá.

— Dizem que o vice-rei conde de Rezende é homem taciturno, caprichoso, de character exaltado e vingativo, e Alvarenga falla muito delle; ora temo que disso lhe não provenha algum mal.

— E porque o não aconselhas?

— Mais de uma vez tenho-o feito, porém elle muda logo de conversa, e se fica pensativo é para improvisar bonitos versos a mim consagrados.



— Tens assim um bardo ingente para cantar-te; e ainda não fallou-te em casamento ?

— Em seus versos já, porém diz que quer antes reuuir algum cabedal pela advocacia para depois vivermos com decencia e felicidade.

— Então és também feliz por que a esperança alimenta o teu amor.

— Não sei; parece-me que o manto negro da fatalidade ha de envolver esta paixão, e frouxa acho a luz da esperança que esclarece o meu destino.

— São os versos sentidos do teu poeta que hão entristecido o teu coração; crê e espera, e a felicidade te acompanhará até o dia do noivado.

— E não sabes ; casa-se hoje a filha do Manoel Ribeiro ; vamos á janella para ver quando passão os noivos.

Decorrido algum tempo apparecerão duas cadeirinhas carregadas por pretos vestidos com ricas librés, calças estreitas e chapéo alto com pluma.

Na primeira cadeira vinha a noiva trajando vestido de sarja branca, curto na cintura e na saia, decotado nos hombros e nas mangas, e sarapintado de prata; o cabello arregaçado para o alto da cabeça e entrelaçado com fios de perolas; cobria-lhe o rosto um longo véo que descia até a fimbria do vestido, e sobre o véo a grinalda de flôres de laranja; do pescoço pendia grosso cordão de ouro, e das orelhas compridos brincos de pedras falsas; vestião as mãos e os braços luvas de seda que se estendião até ao cotovello.

Estava na outra cadeirinha o noivo que, por ser



official do regimento de Moura, trazia farda azul com canhão, golla e peitos amarellos, pelo que dava o povo o nome de gaturamos a esses militares; calção, meia de seda, sapato de fivella, sendo de prata as dragonas e os distinctivos da farda.

Os convidados acompanhavão a pé os noivos.

— Para aquella que alli vai, dizia Emilia mostrando a Laura a cadeirinha da noiva, chegou o seu dia, e Deus a fade bem; porém quando será o nosso?

Entrou nesse momento um escravo na sala, e entregou a Emilia uma carta na qual José Bernardo annunciava-lhe que ia pedi-la em casamento ao pai.

— Vês, continuou ella, fallando a Laura, é o Sr. José Bernardo que participa-me que espera hoje alcançar de meu pai a minha mão.

— Ha de obte-la, e feliz has de ser como aquella que alli vai para a igreja, repetio Laura apontando para o prestito do noivado que atravessava a rua.

Pouco depois percorria a rua um enterro. Ia o caixão carregado a mão por convidados revestidos de opa, com tochas accesas, e sem chapéo; de espaço a espaço descansavão o caixão mortuario sobre um escabello de madeira, e então entoavão os padres canticos funebres; abria o prestito um individuo sustentando uma cruz de prata. Logo que era avistado o enterro o sino da igreja dobrava a finados, o caixão era collocado sobre uma eça no centro do templo, abrião-no, e rezavão os sacerdotes a ultima encommendação, sendo o morto sepultado no proprio recinto da igreja.

Na occasião em que passava o enterramento, Laura avistou na rua Silva Alvarenga, que furtivamente entregou-lhe uma carta, contendo uma poesia, e na qual referia-lhe os boatos que corrião sobre a sociedade secreta que creara, os receios em que elle vivia, e terminava lastimando-se por não te-la visto ha dias. Dizia o poeta :

Vejo turvo o claro dia,  
Sombra feia me acompanha,  
Não encontro na montanha  
A alegria natural ;  
Tanto a magua me importuna,  
Que o viver já me aborrece,  
Para um triste que padece  
E' fortuna o ser mortal.

— Repara, accrescentou ella, mostrando a poesia a Emilia, quando avistámos o casamento recebeste a noticia que ião sollicitar a tua mão, e quando appareceu o enterro derão-me estes versos tristes e dolorosos. Não é um presagio, Emilia ?

— Não é; e se pensas assim não devo eu tambem crer que este enterro é um agouro para mim, que tão satisfeita e esperançosa fiquei ao receber a noticia do pedido da minha mão ! Não te entristeças, Laura; guarda esses versos, e fica certa de que os poetas são como as crianças, choromingão e gemem muito; e para não pensarmos mais em cousas tão tristonhas, vamos ao jardim colher malmequeres e

outras flôres a fim de ver se somos amadas como desejamos ser.

Encaminhárão-se Laura e Emilia para o jardim, e apanhando mal-me-queres começárão a arrancar as petalas repetindo as palavras quero, muito, pouco, ou nada; si acontecia terminar a ultima petala com as palavras pouco ou nada, tomavão outra flôr, até que findasse o jogo com a expressão muito; então sorrião ambas, volvião de um para o outro lado dos canteiros de flôres, e quasi ao mesmo tempo repetia uma para a outra:

— Quero muito, diz a flôr, ah sou muito amada !

— E tambem eu, e tambem eu, accrescentava a outra mui alegre e satisfeita.

---



## **A Instabilidade da Sorte**

Buscando a casa de Luiz da Silva fez-se José Bernardo anunciar, e introduzido na sala teve larga conferencia com o pai de Emilia, que não cedeu ao pedido que aquelle fizera da mão da sua filha.

No fôro adquirira esse moço triste nomeada; referião-se fraudes commettidas por elle, accusavão-no de concussionario e demandista, de protelar os processos para reverter-lhe dahi maiores propinas; era tambem tido como denunciante, espia do governo e homem tartufo e máo (\*); e por isso não accedeu Luiz da Silva á sua pretensão, pelo que ficou este enfuriado, e em accesso de colera despedio-se do velho murmurando:

(\*) Veja Noticias da vida e Obras de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga por Joaquim Norberto de Souza Silva.

— Ella ha de ser minha.

Ouvira Emilia em um quarto proximo á sala a conversa de seu pai com o pretendente José Bernardo, e penalizada ficou pela recusa do pai; retirou-se ao seu aposento, e todo dia alli encerrada chorou e lastimou-se de sua sorte.

Ella que ha pouco cuidara ver realisados os desejos do seu coração pela carta que recebera de José Bernardo, via toldado o seu destino, duvidoso o seu futuro, incerta a sua sorte.

No emtanto Laura no mesmo dia tinha ás mãos uma carta de Silva Alvarenga, em que communicava-lhe a satisfação de que se achava possuido pelo avantajado Incro que ia colhendo em sua banca de advogado, e avisava-lhe não tardar o dia, que para elle e para ella seria o dia do hymineu.

De feito, tendo-se estabelecido como advogado, tornára-se Silva Alvarenga mui procurado, e grangeára a fama de erudito e habil; chegavão-lhe ás mãos as causas mais importantes, e de dia para dia crescia-lhe o numero dos clientes e multiplicavão-se-lhe os redditos.

Assim mudavão em horas os destinos de Emilia e de Laura; a infelicidade como que se afugentava de uma para procurar a outra; se o anjo da esperanza afagára a principio Emilia, depressa avoejára e viera pousar ao lado de Laura; aquella ouvira a voz do desengano; esta prelibava as doçuras do contentamento; a Emilia parecia falsear o terreno onde ha pouco pisára; Laura erguia a cabeça, e diante de si via a estrella que devia guia-la; uma entristecia-se

e chorava; a outra expandia-se entregue aos encantos e felicidade do amor.

Tendo lido a carta de Silva Alvarenga embebeu-se Laura em pensamentos de esperança, abriu-lhe o rosto um riso fagueiro de alegria, e pronunciou:

— Felizmente elle falla no dia do nosso hymineu, e parece esquecer a inquietação, e afastar a tristeza, que quasi sempre acompanha suas palavras.

Ao mesmo tempo debulhada em pranto, e contristada repetia Emilia.

— Como sou infeliz, quão incerto e desditoso prevejo o meu destino !

---





**O Doudo Romualdo.**

Encolerizado deixára José Bernardo a casa de Luiz da Silva, e desde então planejou praticar um acto indecoroso e violento.

Escreveu a Emilia convidando-a a abandonar a casa de seu pai, e lembrou-lhe que estando proximo o dia da procissão de Cinza, podia fingir-se doente para não acompanhar a sua familia quando sahisse a ver a procissão; fez-lhe notar que erão puras as suas intenções, como já comprovára anticipando-se em pedi-la ao pai, mas que tendo sido desprezado seu pedido, não queria por esse obstaculo apagar a paixão que devotava-lhe, e repetio-lhe juras e juras de que se não descuidão os amantes em taes occasiões.

Não teve Emilia a reflexão bastante para repellir

tão deshonesto e disparatado alvitre, e ardente e exaltada em seus sentimentos, apaixonada por José Bernardo, aceitou o seu convite.

Sahia da igreja de S. Francisco da Penitencia a procissão de Cinza ; chegára a contar trinta andores, sendo depois reduzida a dez ; em cada andor ostentava-se ou a imagem de um santo de tamanho natural, ou um grupo de santos e santas ; em geral apresentavão-se as imagens com vestes de veludo e seda ; cada andor era carregado por oito, dez ou doze irmãos da ordem revestidos de habito preto e cordão branco ; diante e atraz dos andores caminhavão meninos e meninas vestidos de anjos. Trazião os anjos saiotos curtos e arregaçados por méio de barbatanas ou arames circulares ; sustentavão pregadas ás costas azas de gaza ou de qualquer outra fazenda de fino tecido sobrepostas aos arames e barbatanas ; os cabellos frísados, empoados, as faces arrebicadas, joias e perolas na cabeça e no peito, cordões de ouro ao pescoço, e sapatos de côr e abotinados ; levava cada anjo um emblema dos santos que entravão na procissão ; vinha depois dos andores o pallio debaixo do qual caminhava o bispo, e por fim a musica e uma guarda militar.

Concorrião as familias opulentas da cidade com esmolas para pompa e brilhantismo dessa procissão, a mais extensa e rica de todas que se fazião durante a quaresma.

Pretextando molestia não quiz Emilia acompanhar seus pais, que preparárão-se para assistir á festa, e ficou só em casa.



A' hora determinada, isto é ás nove horas da noite, apresentou-se José Bernardo á porta da casa de Luiz da Silva; Emilia assomou á janella, e veio até á porta da rua, mas ahi como arrependida do mal que ia praticar, da deshonra que ia lançar sobre o solar paterno, hesitou; José Bernardo insistia, lembrando-lhe o seu amor, repetindo-lhe juramentos.

Emilia chorava, e se receiava de dar um passo.

Estava nessa indecisão quando junto de si vio o doudo Romualdo que, ao atravessar a rua, aproximara-se por ouvir a voz de José Bernardo da Silveira.

Romualdo era muito conhecido na cidade desde o tempo do marquez do Lavradio; vagava pelas ruas, e não offendia a pessoa alguma; na opinião do povo credulo era perito na cura de certas molestias, especialmente na do cobreiro, que elle debellava com a seguinte oração.

Bicho ou bicha,  
Cobra ou cobraão.

Ou bicho de qualquer nação,  
Sahe daqui

Que a cruz de Christo está sobre ti.

— Vossa mercê por aqui, Sr. José Bernardo da Silveira Frade, exclamou Romualdo batendo no hombro do amante de Emilia.

— Falle baixo, homem, retorquiu José Bernardo.

— E a Sra. D. Emilia tambem por estas des-

horas com este passaro bisnau; oh seu pai não hade achar bonito o caso, accrescentou Romualdo.

Torrou-se José Bernardo irascivel, e quiz arrebatár Emilia pelo braço, mas esta recuou para o interior da casa.

— Alto lá, bradou Romualdô, a menina não vai daqui, e immediatamente principiou a gritar *aqui d'el-rei, aqui d'el-rei*.

Apparecerão os quadrilheiros, que erão homens de capote, chapéo armado e espada comprida encarrregados da policia da cidade; Emilia occultou-se no interior da casa; José Bernardo fugio, e Romualdo, como se nada houvesse acontecido, continuou no seu caminho, cantando uma cantiga popular que começava assim.

Seu sapinho onde vai ?

Eu vou rondar.

De espingarda sem baioneta ?

Eu vou caçar.

De caniço e samburá ?

Eu vou pescar.

---

**Dous Inimigos**

Falhara o intento de José Bernardo, não tivera exito favoravel a tentativa de rapto que elle premi-ditara ; e no emtanto Luiz da Silva, informado do que occorrera em sua auzencia, tornou-se vigilante na guarda da filha, reprehendeu-a, e se não clausurou-a no convento de Santa Thereza, foi por attender ás rogativas e ás lagrimas della e de sua mulher; mas declarou peremptoriamente que já-mais José Bernardo seria seu genro.

Contrariado, cheio de zelos e irritado pelo que ouvia dizer a seu respeito, lembrou-se José Bernardo de afastar Emilia da casa do pai judicialmente, e dado como era ás cousas forenses, começou a trabalhar para encetar o pleito.



Preparados os primeiros papeis encaminhou-se ao escriptorio de Silva Alvarenga, que, seu amigo dedicado, recebia-o sempre com intima cordialidade; acreditou que esse advogado se não recusaria assignar os papeis, e a guia-lo no processo que intentava, pois jámais lhe negara o menor favor.

Apresentou os requerimentos; Alvarenga recebeu-os para examina-los, e ao relancear os olhos sobre elles disse:

— Não o posso fazer.

— Porque?

— O pai desta moça foi o meu mais generoso protector; se tenho uma graduação scientifica devo-lh'a a elle só; é meu padrinho, e do menino que elle protegeu na pia fez um homem que, se não tem todos os sentimentos bons, preza-se de ser grato; contraria-lo seria uma ingratidão e uma injustiça, e não quero que elle attribua essas qualidades ao advogado que mandou vir de Coimbra.

Encarou José Bernardo da Silveira no rosto escuro de Silva Alvarenga, e tomando os papeis, accrescentou:

— Bem; acharei outro advogado mais corajoso e independente que delles cuide.

— E porque não desistes desta pretensão José Bernardo?

— Não dê-me conselhos para depois pedir-me paga da consulta, retorquiu José Bernardo, deixando o escriptorio do advogado.

Silva Alvarenga sorio, e acreditou que era a paixão que desorientava o seu amigo.

Mas desde então o tartufo, o amigo ingrato determinou vingar-se.

Tinha Alvarenga contra si dous inimigos, dous homens rancorosos, frei Raymundo e José Bernardo da Silveira Frade.

Qual delles lhe será mais fatal !

---





## XIII

### **Frei Raymundo**

Erão nos tempos já idos mui venerados nesta cidade os frades franciscanos; erão elles os mais notaveis oradores da tribuna da igreja, os mestres, os philosophos e theologos de maior tomo; no seu convento bebia a mocidade noções das sciencias e das linguas; attrahião as conferencias scientificas desse claustro a attenção dos homens doutos e de alta gerarchia; entre os convidados comparecião o vice-rei e o bispo; erão as festividades do convento as mais concorridas e esplendidas, quer pela devoção que tributava-se ao padre Santo Antonio, quer pelo conceito e admiração que os religiosos de S. Francisco havião angariado por sua austeridade de vida, por sua eloquencia no pulpito, por sua caridade e virtudes.

O convento distribuia todos os dias alimentos aos pobres; incumbião-se os franciscanos de confessar os presos, de acompanhar á força os sentenciados á morte, e de administrar o pão dos fortes aos doentes do hospital da Misericordia, sendo empregados nesse serviço dous religiosos chamados capellães da agonia. E por isso desde remota éra, concorria a Misericordia com a quantia mensal de mil e duzentos e oitenta réis para os gastos do convento.

Alistando-se frei Raymundo entre os religiosos desse claustro conseguiu logo galgar os cargos da ordem pela protecção do marquez de Angeja, que vinte annos depois devia fallecer no Rio de Janeiro com setenta annos de idade; chegou a guardião, e convidado para confessor da condeça de Rezende, adquirio maior valia; lhe não faltárão attenções e lisonjas, e incensou-o o thuribulo da adulação e da baixesa.

Aconteceu mais que cahio o obeso capucho na opinião de santo, e assim porfiavão todos em beijar-lhe o cordão ou o burel.

Bradavão as velhas de mantilha.

— O padre mestre guardião é um santo.

— E', repetia o povileo, ouvindo-o eatoar o canto-chão no côro.

Tornára-se frei Raymundo conhecido da familia de Laura, e por meio de conselhos suaves, de palavras doces e persuasivas, de uma austeridade bem estudada nos modos e nas acções ganhou a affeição de todos da casa, especialmente da mãe de Laura, que quiz te-lo no confessorario.



Admittido e respeitado no seio da familia começou o frade a exaltar os sentimentos religiosos de Laura, offerecendo-lhe bentinhos, ensinando-lhe orações, e assim insinuou-se no animo fraco dessa moça, que não julgava ninguém mais virtuoso e santo que o frade confessor de sua mãe.

Soube frei Raymundo que Silva Alvarenga amava a Laura, que era correspondido, e breve; junto do altar, abençoaria o padre esse amor.

Procurou o franciscano contrariar esse enlace, e por meio de jejuns, de penitencias e orações cuidou em afastar Laura das paixões do mundo, prendendo-a ás cousas do céu; mas Laura se não esquecia de Alvarenga, porque seu coração ainda palpitava ardentemente, e sua alma sabia sentir e amar.

E assim como abafar esse amor ingente em um coração ingente de vida e sentimento!

Reconheceu frei Raymundo que nada conseguiria sem afastar o poeta, sem separa-lo da mulher que amava.

Trazia na mente essas idéas, quando ao recolher-se uma tarde para o convento, avistou-se com José Bernardo, que narrou-lhe o que se dera entre elle e Silva Alvarenga sobre os papeis do casamento.

— Essa recusa foi um insulto, redarguiu o frade com voz surda; e não procuraes vingar-vos?

Sim, respondeu José Bernardo.

— E o meio é facil, sentenciou o religioso.

— Qual é?

Certo de haver encontrado o homem de que necessitava para executar a traição planejada contra



o poeta, perguntou frei Raymundo a José Bernardo.

— Não costumaes ir a casa desse excommungado?

— Quasi sempre.

— E tendes liberdade na casa?

— Tenho, sim.

— Pois entre seus papeis haveis de encontrar alguns sobre uma sociedade secreta que podem compromette-lo, e....

— Acabae.

— Trazei-m'os.

Havião se entendido os dous tartufos, e ao despedirem-se, ao apertarem a mão um ao outro, ostentou-se no semblante de ambos um sorriso de satisfação por terem descoberto um meio de vingança.

Boa e digna consolação!

---

**O Conde de Rezende.**

Era o conde de Rezende melancolico e excêntrico, de character austero e extravagante ; se em certos dias mostrava-se expansivo e de semblante alegre, convidando para seu palacio alguns individuos com os quaes se entretinha á noite, em outros apresentava-se iracundo, enraivecido, e ai daquelle que então atiçasse a colera da suprema autoridade do paiz.

Achava-se um dia á janella do seu palacio quando vio passar o pardo Felisberto vestido de S. Benedicto, e sentado em um andor carregado por pretos que seguíão-no entoando canticos africanos ; ficou o vice-rei irritado, mandou chamar o supposto santo, e recolhe-lo á prisão da ilha das Cobras, onde

o pardo foi açoutado, e só dalli sahio para assentar praça. (\*)

O Felisberto era tido como feiticeiro, e em seu domicilio encontrou-se grande porção de manipansos de todos os tamanhos e feitios, cascos de tartaruga, ossos, hervas seccas, pedras redondas e pontagudas, fâcas, argollas de metal, especies de trombetas de madeira para evocar as almas dos mortos, tambores, vasos de barro sarapintados, bagas envolvidas em arêa e outras bugigangas empregadas nas sessões cabalisticas. Já se vê que taes feiticeiros são entre nós entidades historicas tão antigas como os vice-reis ; que é secular a sua industria, e que dextros e numerosos discipulos ha produzido a ceita dos manipansos de todos os tamanhos e feitios.

O vice-rei dava audiencia duas vezes por semana, e então trajava casaca redonda, camisa com babados no peito e punhos, collete que descia até os quadris, calções, meias de sêda, sapatos com fivellas de ouro, tendo junto de si alguns dos seus ajudantes de ordens, que eram os seus filhos D. Luiz Benedicto de Castro, D. Manoel Benedicto de Castro e o brigadeiro de cavallaria Gaspar José de Mattos e Lucena.

Quasi nunca sahia a cavallo ou a pé, e sim de sege com as cortinas cerradas, e todas as tardes ou

(\*) Referio-nos este facto o pintor Antonio da Cunha Pereira, que viveu no tempo do conde de Rezende, e falleceu em 1863 com 84 annos de idade.



ia ao jogo da bola que tinha em Mata-porcos, ou á chacara do Angolista no Cattete.

Em dias de gala ou de festejo nacional, acompanhava a sege do vice-rei o esquadrão de cavallaria ligeira da guarda do mesmo vice-rei.

Em dias de audiencia havia dous empregados na execução das ordens da sala, que introduzião as pessoas que desejavão fallar a primeira autoridade do paiz, os quaes chamavão-se officiaes da sala.

Aconteceu apresentar-se no saguão do palacio, na hora da audiencia, uma mulher residente no becco da Musica na praia de D. Manoel, a qual queixava-se de terem-lhe apprehendido o unico escravo que possuia para trabalhar no aterro do campo de Sant'Anna, hoje praça d'Acclamação, ordenado pelo conde de Rezende.

Aquelles que não cedião seus escravos para esse serviço erão violentamente privados delles, não percebendo o menor salario ; e violento em suas medidas não attendia o conde ás reclamações, nem tolerava a menor opposição ás suas ordens.

Lastimava-se e chorava a mulher Anna Maria no atrio do palacio por não quererem os officiaes da sala introduzi-la á presença do conde de Rezende, por saberem que seria repellida a sua pretensão; mas ouviu o vice-rei os lamentos da mulher, e achando-se nesse dia de bom humor, mandou admitti-la á audiencia, attendeu-a, e ordenou que restituisssem-lhe o escravo, o que não fizera á pessoa alguma.

Consequira José Bernardo subtrahir d'entre os

papeis de Silva Alvarenga os estatutos da sociedade clandestina fundada pelo poeta, e se apressára em leva-los a frei Raymundo que, recebido em audiência pelo vice-rei, entregou-lhe os papeis.

Leu este com avidez os estatutos, e finda a leitura, disse ao frade ;

— Fico sciente, padre mestre, e promptamente executarei a lei.

— E' um homem perigoso esse poeta, senhor, não respeita nem o governo de el-rei nosso senhor, nem a religião.

— Como !

— Se conspira contra a autoridade de el-rei meu senhor, insulta a religião dirigindo pesadas satyras a um dos mais humildes servos, que se preza de ser bom servidor da igreja.

— A vós, padre mestre ?

— Deste pobre frade, criado de V. Ex., o maldito manchou o burel com violentos insultos em sonetos collocados por debaixo da porta da cella.

— Sei que elle gosta de fazer versos satyricos, e talvez fosse da sua lavra uma decima indecorosa que appareceu no dia dos meus annos.

— Era delle.

Frei Raymundo não podia affirmar tal cousa, mas não recebeu mentir para aggravar a sorte do seu inimigo.

— Pois receberá o castigo da sua ousadia.

Depois de fazer profunda cortezia ao vice rei, pedio-lhe o religioso licença para comprimentar á condeça de Rezende, o que foi-lhe concedido.



Entrou logo o conde para o seu gabinete particular, onde esperavão-no seus secretarios José de Oliveira Barbosa e José Constantino Lobo Botelho.

— Lavre já, senhor Oliveira Barbosa, rosnou o vice-rei irritado, ordem de prisão para Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; ordeno que esta noite seja cercada a sua casa e presos todos que alli forem encontrados, proseguindo-se depois a devassa nos termos da lei.

O secretario cumprio o mandado.

— Mandei dissolver a sociedade litteraria, e entretanto creárão outra com fins occultos e perigosos, continuou o vice-rei fallando consigo mesmo, bem, já que não se assustarão com o patibulo do Tiradentes ha outras praças onde pôde-se repetir o acto. E murmurando imprecações de odio e vingança occultou-se no interior do palacio.

Logo após sahirão os secretarios José Constantino Lobo Botelho e José de Oliveira Barbosa, que vinte quatro annos depois era nomeado governador de Angola, e mais tarde elevado a barão do Passeio pelo primeiro imperador do Brazil, recebendo do segundo imperador o titulo de visconde do Rio Comprido.

No dia seguinte ao amanhecer, isto é em 4 de Dezembro de 1794, estava cercada a casa de Silva Alvarenga, e erão presos, carregados de ferros e lançados nas prisões o poeta Silva Alvarenga, o professor João Marques Pinto, o medico Jacintho José da Silva, Marianno José Pereira da Fonseca appellado o Dr. Biscouto, e outros cidadãos.



Algumas horas depois chegava á cella de frei Raymundo o seu amigo José Bernardo, que dizia-lhe mui satisfeito .

— Venho dar a vossa reverendissima uma boa nova.

— Qual ?

— Forão presos Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e todos os seus collegas jacobinos.

Um sorriso inundou de contentamento as feições rubicundas do padre, que limitou-se a responder.

— Já o sabia.

Sahirão os dous da cella, e encaminharão-se para a igreja do convento, conversando talvez no modo porque havião de celebrar um *té-Deum* no dia em que Alvarenga e seus amigos fossem enforcados, como se cantára outro, ha pouco mais de dous annos e meio, em regosijo da morte do alferes Joaquim José da Silva Xavier o Tiradentes.

---

**Ismael.**

Cercado de soldados, e tendo os pulsos algemados atravessou o poeta Silva Alvarenga as ruas da cidade para ser conduzido á prisão da fortaleza da Conceição, onde encerrárão-no em um cubiculo estreito, escuro e humido.

Forão os outros presos recolhidos ás enxovias de outras fortalezas, e alli ficárão incommunicaveis.

Acompanhado do escrivão e meirinhos dirigio-se o juiz de fóra Dr. Bernardo de Castro, que servia de ouvidor, á residencia do poeta, cujos moveis, papeis, livros, objectos do seu museu, e a propria roupa forão confiscados.

Havendo sido encontrados entre os papeis de Alvarenga dous numeros do *Mercurio* periodico fran-

cez, em que lião-se artigos laudativos sobre a revolução franceza, e tambem a obra do abbade Mabbly intitulada *Direitos do cidadão*, mais grave e melindrosa tornou-se a sorte do infeliz.

Dirigio o primeiro interrogatorio ao réo, em 4 de Julho de 1795, o desembargador chanceller Antonio Diniz da Cruz e Silva, que apresentou-se seguido do escrivão e do tabellião Rodrigues de Araujo; e oito vezes mais compareceu esse juiz para formular novos interrogatorios. (\*)

Tinhão Silva Alvarenga e seus amigos por juiz o poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, que fora tambem quem julgára os presos da inconfidencia, os companheiros do Tiradentes; e aquelle e seus amigos experimentavão a austeridade do governo do conde de Rezende, o rigor da legislação do tempo, como tres annos antes acontecera aos republicanos de Minas Geraes.

Via-se o preso abandonado.

Erguera-se ha pouco o cadafalso do Tiradentes; ha um anno morrera Alvarenga Peixoto nos presidios da Africa, onde ainda jazião expatriados, condemnados ao exilio, á miseria e á infamia o mavioso poeta Gonzaga, Maciel e outros; ainda repercutião nos ouvidos de todos os gemidos e ais das victimas da inconfidencia, e ainda sustentava o bastão do mando o iroso conde de Rezende, que queria transformar seu braço em alavanca potente do absolutismo derru-

(\*) Veja a obra já por nós citada de Joaquim Norberto de Souza Silva.



bando as idéas livres e generosas que nascidas em França, tendião a espalhar-se pelo mundo; era por isso geral o terror, e receiavão-se todos de entreter relações com os parentes ou amigos que gemião sob a alçada da justiça.

Mas achou Alvarenga em um escravo, que acompanhava-o desde Villa Rica, um amigo fiel e dedicado.

Era Ismael quem trazia-lhe a comida á prisão, consolava-o com expressões rudes mas sinceras, e passava horas e horas exposto ao sol ou a chuva, junto ás grades da prisão, a fortalecer o animo abatido do seu desgraçado senhor.

Acontecendo cahir doente Silva Alvarenga, se não afastou mais Ismael da janella do carcere, e alli dormia ao relento, deitado no chão.

Como era escravo deixavão-no dispensar ao preso esses cuidados.

Aconselhava-o Alvarenga que se retirasse, e repetia-lhe.

— Vae, podem prender-te e sujeitar-te a tormentos, Ismael.

— E que tem que me prendão, respondia Ismael, não está meu senhor preso !

— Mas como és captivo podem usar de muita crueldade contigo.

— Será melhor, retorquiu o negro, morrerei e então não presenciarei o que estão praticando com meu senhor.

Fortalecia-se Alvarenga fixando os olhos no rosto escuro de Ismael, admirando sua constancia e

lealdade ; e este abaixava o olhar para que lhe não percebesse o senhor as lagrimas que corrião-lhe pelas faces, para que não lesse a dor, a angustia que torturava-lhe o coração.

Comprehendia Alvarenga a alma nobre do africano, e tambem este avaliava os sentimentos generosos que se nichavão na alma do seu senhor.

Um era digno do outro, um grande pelo talento, o outro admiravel pela dedicação, ambos infelizes, ambos generosos e ambos amigos dedicados.

Disserão um dia a Ismael que seu senhor ia ser enforcado.

— Mas, bradou o negro, em vez de um patibulo levantem dous se quizerem que este crime fique impune.

Era Silva Alvarenga a victima da intriga, da perseguição e do dispotismo, e era Ismael a imagem da firmeza, da constancia e da amizade, que acompanhava e consolava o poeta na enxovia da fortaleza da Conceição.

---

**Mineiros Fataes**

Continuara frei Raymundo no seu plano maldito; começou a persuadir a Laura que devia de esquecer-se de Alvarenga, porque era este um revolucionario, um jacubino, e offendêra a Deus tramando contra o governo de el-rei nosso senhor; que esperava-o morte affrontosa na forca, e sua alma o martyrio eterno no inferno, e iguaes penas padeceria a mulher que persistisse em ama-lo.

Credula e receiosa abriu Laura ouvidos ás palavras, creu nas insidias do frade que com cilicios, penitencias e bentinhos foi arrastando essa moça ao seu dominio e vontade.

Laura cortou os cabellos, desprezou os seus vestidos enfeitados, envolveu-se em uma mantilha, e toda voltada ao beaterio, já não cuidava senão em



rezar, em flagellar e abater o corpo com jejuns e penitencias.

Accresce que atemorizava a todos a convivencia dos individuos retidos por ordem do vice-rei, não só por acreditar-se que haviam conspirado contra o altar e o rei, como por todos temerem ser envolvidos como cúmplices no processo que se instaurava aos réos.

Acareado o infeliz poeta com José Bernardo da Silveira, confirmou este o que jurara na devassa sobre a leitura de periodicos e livros democraticos feita pelos membros da sociedade clandestina.

Assim estes dous homens, frei Raymundo e José Bernardo porfiavão em agravar a sorte de Alvarenga e dos seus companheiros que jazião presos, já depondo nos interrogatorios cousas de que não tinham fé, já propalando serem elles republicanos, jacobinos, inimigos de Deus e do rei.

Um discipulo de Silva Alvarenga, o joven José de Almeida, foi preso por haver recitado na aula de rhetorica um discurso em que lião-se idéas subversivas; e acareado com o mestre teve a dignidade de não contradizê-lo no que referira este a seu respeito; e ambos dignos um do outro, misturarão suas lagrimas e confundirão seus gemidos nas noites longas da prisão (\*).

Manietado, atado a pesados ferros estorcia-se o poeta em seu carcere amaldiçoando a maldade e

(\*) Veja a obra que já havemos citado de Joaquim Norberto.

perfidia dos seus inimigos, e contristado, doído pela ausencia e abandono em que deixavão-no os amigos, e até a sua querida Laura.

Chamando para junto das grades o seu escravo Ismael, perguntou-lhe Alvarenga.

— Que noticias tens de D. Laura ?

— Já não sou recebido nessa casa, meu senhor.

— Porque ?

— Todos se receião de ter relações com meu senhor, e com os outros presos do senhor vice-rei.

— E tambem ella, Ismael !

— Tem medo, meu senhor.

Inclinou o poeta a cabeça, abaixou os olhos, e começou a chorar.

Ficou Ismael firme com os braços cruzados sobre o peito, e o olhar voltado para o semblante desfigurado do seu senhor.

Dobados instantes sentava-se o poeta no chão, e tomando do escravo um lapis, escrevia sobre um banco de madeira os seguintes versos dedicados a Laura.

Não fujas, vem ó Glaura  
Piedosa, consolar o meu tormento,  
Já terna e feliz aura  
Brando suspira o preguiçoso vento,  
Já cobrão novo alento  
Os duros troncos, as mimosas flôres,  
Co' as graças e os amores  
Alegre a natureza se restaura,  
Não fujas, vem ó Glaura  
Piedosa, consolar o meu tormento.



Dobrado o papel entregou-o ao escravo, recomendando-lhe.

— Vai, Ismael, dai-lhe estes versos, ella ha de le-los e ha de ouvir-te; eu te peço, Ismael.

— Meu senhor manda, eu vou.

Deixando contristado o lugar junto as grades da prisão, onde permanecia como a sentinella do bem, correu o fiel escravo á casa de Laura, mas logo que avistarão-no despedirão-no asperamente.

— E agora que hei de fazer, dizia Ismael de si para comsigo, devo mentir ao meu senhor contando-lhe que entreguei os versos ou relatar-lhe a verdade?

Nessa incerteza de animo chegou ás grades do carcere.

Assim que Alvarenga avistou-o, perguntou-lhe.

— Entregaste?

— Não, senhor.

— Porque?

— Ella está doente.

-- E se ella morrer que consolação me restará na vida, exclamou o poeta na angustia da dôr.

Lançou o escravo sobre o senhor olhos lagrimosos

— Perdôa, Ismael, perdôa, repetio-lhe o poeta.

Separados pelos grossos varões da masmorra, esses homens se comprehendião; porque identificavão-os o mesmo pensamento, recolhião na mente a mesma idéa, afagavão ao mesmo sentimento, e gravado tinham em seus corações a mesma palavra.

— Amizade.



## XVII

### **A Flôr que murcha e a Flôr que renasce**

Laura já não era aquella moça de vinte annos alegre, feliz e apaixonada; mostrava-se triste, abatida, entregue a exercicios religiosos, a penitencias deprimentes; vivia com o rosario entre os dedos, balbuciando orações a cada momento : raras vezes pronunciava o nome de Silva Alvarenga, e esse nome parecia assustá-la, pois o não repetia sem levar a mão aos olhos, como cobrindo o rosto de vergonha ou de susto; era essa moça o lyric emmurchecido cujo pedunculo, se inclina, não podendo suster-se na fragil haste, onde outr'ora se ostentava vivaz.

Pedia continuamente a sua mãe para ir ás novenas, ás ladainhas, ao terço, que duas vezes na semana sabia das igrejas de S. José, do Rosario e Mãe dos Homens.

Acompanhavam o terço os meninos vadios, sustentando cada um uma caçamba, que era uma especie de candieiro de folha de flandres pregado n'um páo, com um bico de cêra no centro ; logo que o bico ardia até ao meio, os meninos apagavam-no e, escondendo-o, pedião outro ao regente que era um sujeito, que trazia ás costas um sacco cheio de bicos de vélas; irritava-se o regente, clamava contra os rapazes, appellidava-os de furta-bicos, mas por fim cedia-lhes outro pedaço de véla.

Percorria a procissão do terço diversas ruas, rezando o padre nosso e a ave-maria, e junto aos oratorios das esquinas das ruas contemplava os mysterios da Virgem do céo.

Seguião as devotas o terço, ou ião quedar-se junto aos oratorios, onde entoavão a ladainha de Nossa Senhora e outras orações.

Transformára-se Laura em devota do terço. E era cousa de ver-se essa moça, outr'ora risonha e animada, envolvida agora em uma mantilha, a repetir orações nas esquinas das ruas !

Aquelle coração tão cheio de amor, aquella alma tão sensível e apaixonada estavam modificados; a tristeza fechara-lhe a alma, e parecia o coração oppresso de dôr ou de arrependimento

Não acontecia o mesmo a Emilia ; a opposição que seu pai apresentara ao seu enlace com José Bernardo, aguçara-lhe mais o seu amor; e como sóe acontecer, a contrariedade exaltára os sentimentos do seu coração de donzella ; era esse coração a pyra em que o fogo ardia mais intenso; havia alli vehe-



mencia na paixão, ardor no sentimento, excesso no amor.

Indo visitar a sua amiga Laura, perguntava-lhe Emilia.

— Porque vejo-te tão melancolica e abatida, já não tens noticias do Silva Alvarenga ?

— Não me falles desse homem, respondia Laura, porque é um infeliz, um peccador que faltou ao juramento para com Deus e para com o rei.

— Mas não será tudo isso uma calumnia; terá elle de feito conspirado contra o altar e contra a soberania de el-rei?

— Diz frei Raymundo, e elle não mente.

— Quem sabe ? . . .

— Não, Emilia, esse padre falla-me em nome de Deus, e não seises seus labios conhecem o que é mentira.

— Mas porque Silva Alvarenga revoltou-se, se é verdade, contra a religião e o estado, esqueceste o seu amor, sua dedicação, os versos apaixonados da sua lyra ! Ah Laura, fraca é a tua alma e pequeno e mesquinho teu coração. No meu se não modificação tão depressa as paixões nem escravisa-se a alma ás contrariedades da vida. Depois que ouvi meu pai dizer que eu não esposaria o homem que amava, mais intenso tornou-se o amor que eu consagrava a esse homem; ateou essa repulsa o sentimento do meu peito, avivou a minha paixão, dispertou-me mais vida, mais amor no coração; não apaguei, como fizeste em um momento, o amor que se anichára em meu peito, não desdenhei, não sacrifiquei meus sentimentos.



— Fazes mal Laura; ergue, rejuvenesce esse coração de vinte annos; vem, abraçada com tua amiga, dizer-lhe que ainda amas, que não has renegado o teu amor, que mais de uma vez revelaste-me ser ardente e excessivo. Silva Alvarenga pôde não ser culpado, e se elle, livre e innocente, vier procurar-te e perguntar pelo seu amor, o que dirás tu, Laura ?

Emilia fallava apaixonadamente, mas tivera cuidado de não soltar uma palavra sobre o incidente da noite da procissão de Cinza.

— Ah ! falla-me assim, retorquio Laura, como se despertasse de uma profunda lethargia, deixa-me perceber essa nuvem vaga que me cercava, mas já se ia desvanecendo, chamada esperança; falla para que em minha alma se entorne alguma consolação; repete que elle não é culpado, que é innocente, que ama-me e é digno de meu amor, e este coração que dizes morto, palpitará ardente e apaixonado.

Annunciarão neste momento a chegada de frei Raymundo, que admittido na sala onde estavam Laura e Emilia, encetou a conversa, dizendo:

— Vai a lei castigar os culpados, os reprobos que ousarão clamar contra Deus e contra el-rei nosso senhor; os jacobinos, os revolucionarios vão ser desterrados para a Africa.

— Todos, perguntou Laura.

— E tambem Alvarenga? accrescentou Emilia ao mesmo tempo.

— Todos, respondeu o frade, e tambem esse poeta, cujos versos erão pasquins ferinos e malditos, como maldita e condemnada está a sua alma.

— E dizias Emilia que elle era innocente, balbuciou Laura.

Lançou Emilia um olhar consternado sobre sua amiga, fitou-a em silencio, e ao retirar-se, murmurou.

— E' talvez a victima innocente de alguma vingança atroz.





## XVIII

### **o Judas**

Mas José Bernardo se não mostrou digno desse amor idolatrado que Emilia devotava-lhe.

Tendo Silva Alvarenga recusado incumbir-se do processo que intentara José Bernardo para retirar judicialmente a filha de Luiz da Silva, recorreu este ao rabula appellidado o Bello Senhor, cuja mestria e tino em lidar com a justiça erão reconhecidos.

Gozava esse rabula de nomeada, e entre outros factos referia-se a confecção de um testamento forjado por elle em favor de um individuo da capitania de Minas Geraes, que havia sido desherdado por um seu parente.

Escreveu o Bello Senhor o testamento, assignou-o, imitando a firma do morto e as dos amigos deste, que tambem erão fallecidos, e persuadio ao desher-

dado que declarasse haver sido descoberto o testamento em certa casa, a qual foi varejada, e encontrado o documento, foi aberto e lido pelo parcho na occasião da missa, como se fazia; entrando o individuo na herança e recebendo o rabula pingue propina.

Mas exigio o Bello Senhor elevada somma para encarregar-se do pleito de José Bernardo, e por isso desistio este do intento.

Accresce que dando-se por esse tempo muita falta de sal em Pernambuco e Bahia, comprarão Luiz da Silva e outros negociantes todo o sal que appareceu no mercado, para remette-lo áquellas capitancias. Houve no Rio de Janeiro falta desse genero, e o povo sciente da especulação dos mercadores, começou a clamar tanto que, ordenou o conde de Rezende que doze soldados armados de machados fossem arrombar as portas dos armazens de sal, na Prainha, se os negociantes recusassem expô-lo a venda.

Não se oppozerão estes ás determinações do vice-rei, levarão ao mercado o sal que foi vendido a 100 réis por meia quarta (\*).

A ordem do conde de Rezende inutilisara os calculos dos negociantes do sal, que experimentarão prejuizos e damnos no empate dos seus capitaes.

Luiz da Silva foi um dos que mais soffreu, porque maior somma empregara na compra daquelle genero; além de que tendo de saldar as contas

(\*) Veja Pequeno Panorama, vol 2. pag 45.



com outra casa de commercio, vio desfalcados seus cabedaes, de modo que teve de fechar a sua casa de mercadorias.

Sabendo disso José Bernardô, que mais mirava o dote do que a posse da noiva, foi olvidando o seu amor, e inclinou-se para outro ponto donde avistou mais ouro.

Este procedimento, a sua vida irregular e impudica, e a traição praticada com Silva Alvarenga tornarão-o odiado e desprezado de todos; o que veio provar um factô occorrido em sabbado de alleluia. Depois das solemnidades da semana santa, logo que terminavão nas igrejas os officios divinos do sabbado, e que as salvas das fortalezas, os repiques dos sinos e o estalar dos foguetes e das bombas annunciavão o apparecimento da alleluia, principiava o divertimento do judas.

Apresentavão-se diversas ruas mui enfeitadas, especialmente a rua Direita, desde a igreja dos Carmelitas hoje capella imperial, até á rua do Rosario, vião-se de espaço em espaço palmeiras unidas por arcos de folhas e flôres, e entre as palmeiras postes presos aos do lado fronteiro por cordas enfeitadas de flores, e das quaes pendião vasos de barro de differente feitio e tamanho, e figuras grotescas, cada uma com um letreiro em verso, indicando a classe ou o individuo que era exposto á irrisão publica.

Mostrava-se atado a uma das palmeiras o boneco personalizando Judas, revestido de alva branca, e sobranceiro a este a figura de Satanaz.

As figuras erão de tamanho natural, vestidas gro-



tescamente, e apresentavão-se isoladas ou constituindo grupos ; Judas e o demonio erão acompanhados de serpentes e dragões cheios de fogos de artificio.

Logo que apparecia a alleluia descia Satanaz e cahia sobre os hombros do Judas ; arreventavão os fogos de artificio; nuvens de fumo e labaredas envolvião o demonio e o seu companheiro, que despedaçados erão arremessados ao chão, e arrastados pelas ruas entre as vozerias dos meninos e dos moleques armados de cacetes.

Communicava-se o fogo aos outros manequins, que impellidos pelos fogos de artificio que cercavão-nos, praticavão certas evoluções, desapparecendo por fim entre o estalar das bombas e no meio das chammas que erguião-se ao ar.

Finda a primeira parte deste divertimento asso-mavão nas esquinas das ruas cavalleiros ricamente ajaezados, armados de lanças e seguidos de escudeiros. Feitos alguns exercicios cada cavalleiro, a um signal dado, ia com a lança em riste quebrar algum dos vasos suspensos das cordas, dos quaes saltava um macaco ou um gato, um pombo, ou maribondos e outras bicharias que fazião o povo muito rir e folgar, ou correr espavorido, o que produzia sempre muita folia e contentamento.

Em um sabbado de alleluia uma das figuras expostas na rua Direita representava o José Bernardo da Silveira Frade.

Conversavão dous individuos.

Um era moço, alto e magro e estava vestido de

batina preta, porque era alumno do Seminario de S. José : chamava-se Luiz Gonçalves dos Santos e por ser mui loquaz, appellidavão-n'o os collegas de *Perereca*. O outro era homem de quarenta annos, alto, com strabismo nos olhos, com uma perna inchada, e vestia casaca de panno pardo, calção de ganga, collete da mesma fazenda e chapéo armado ; era o capitão Alexandre Dias de Rezende. Ambos devião deixar de seu nome honrosa recordação, o padre Luiz Gonçalves dos Santos em suas obras, e o capitão Alexandre Dias de Rezende no monte pio instituido na igreja de S. Pedro para os clerigos pobres.

— S. Januario não me salve. dizia Luiz Gonçalves apontando para uma das figuras, se aquelle não é o José Bernardo.

— E', affirmava o capitão Rezende; não vê aquellas barbas ruivas, aquelle cabello cor de fogo e aquelles olhos de gato como os do José Bernardo.

— E elle merece estar alli dependurado, senhor capitão, accrescentava Luiz Gonçalves; não foi denunciar o Alvarenga, não quiz raptar a filha do Sr. Luiz da Silva, e . . .

— E é um espião de policia, um biltre, accrescentou Alexandre de Rezende, interrompendo o que dizia o seminarista.

— Olhe, lá está sendo devorado pelas chammas, disse Luiz Gonçalves sorrindo.

— O fogo o consumma, e os demonios o levem, sentenciou o capitão Alexandre de Rezende.

— Cruz, Santa Martha e mais santos da corte do

céo, t'arrenego, repetio uma velha lançando um esgar de olhos na figura de José Bernardo. que instantes depois desaparecia devorada pelas chamas.

Alexandre de Rezende e o padre Luiz Gonçalves sorrirão, e despedirão-se indo apreciar outras scenas do divertimento.



**Flôr Morta**

De dia para dia sujeitava-se Laura mais e mais ás idéas, aos sentimentos de frei Raymundo ; parecia já não ter alma, nem coração para sentir e amar; era um automato que se movia á vontade daquelle que o dirigia ; era o braço de frei Raymundo a machina que agitava-a, a sua voz o unico som que dava movimento a essa mumia chamada mulher.

O ultimo lampejo de animação, a ultima faúlta do amor, que sahio desse organismo petrificado, deu-se no dia em que Emilia lutara por despertar sua amiga da lethargia em que cahira ; nunca mais penetrou um hausto de alento e esperança naquelle peito, nem aquella alma reagio mais, nem aquelle coração soube mais bater de amor.

Laura já não fallava em Silva Alvarenga: quei-

mára todas as poesias que o vate dedicára-lhe, lançara ás chammas os versos que devia ter guardado no calor do peito; amaldiçoara o nome e o talento do poeta, esquecêra o seu amor, e renegara essa lyra que tangêra suavemente para cantar-lhe o nome e a belleza.

Frei Raymundo triumphara; embrutecera, fechara esse coração de vinte annos, e abafara a esperança, a paixão, o contentamento, o amor, a vida em uma creatura no vigor da existencia.

Excitara-o nesse procedimento o desejo da vingança, tendo por satellite o vingativo, intrigante e vil José Bernardo da Silveira Frade.

Tinhão esses dous homens jurado a perdição do poeta Alvarenga, e como abutres esfaimados rangerão os dentes, abrirão as fauces, e lançarão-se á victima que devia ser immolada.

Jazia Silva Alvarenga preso, e no mesmo estado de torpôr e indiferença que sua amante; sepultára-se em profunda melancolia, tendo o coração oppresso de tristeza; dos seus labios havião fugido os sorrisos, de seu peito as alegrias, e por unica consolação restavão-lhe os carinhos e cuidados de Ismael.

Seus amigos achavão-se presos por te-lo acompanhado ás reuniões litterarias; Laura abandonara-o aos horrores do carcere; seu pai fallecera em Minas por haverem-lhe dito que o filho estava preso e condemnado; prestes devia erguer-se, na praça mais proxima, o patibulo para elle e seus companheiros, ou algum navio os transportaria aos desertos da Africa,



onde esperavão-os as agruras do terreno, os rigores asperrimos do clima, os tormentos, e trabalhos forçados dos galés, sendo declarados infames, sua memoria, seus filhos, netos e mais descendentes.

Era o carcere para o poeta um tumulto, onde o não vinha acordar uma lembrança querida dos tempos passados, mas echoavão-lhe continuamente aos ouvidos os gemidos dos seus amigos do infortunio, e flagellavão-lhe as recordações dos horrores da morte affrontosa que podia ter. Assim arrastavão Silva Alvarenga e Laura uma existencia penosa; um soffria recluso dentro dos muros de uma prisão; vegetava a outra encerrada em seu domicilio; e ambos havião cahido nesse entorpecimento de animo que parece ser o preludio da morte e do aniquilamento.

Laura já não deixava o seu quarto de dormir; e penetrando alli, disse frei Raymundo com voz cavernosa.

— Tenho, minha filha, que relatar-vos uma triste nova; o homem que nós conhecemos chamado Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que atrozmente renegou o throno e o altar, vai ter morte affrontosa e publica.

— Vai ser enforcado, perguntou Laura.

—Consta que sim.

Laura emmudeceu, tornou-se seu semelhante mais pallido, fechou os olhos, ajoelhou-se e começou a orar.

O abalo de tão inesperada noticia arrancou-lhe lagrimas, e como acordando-a da somnolencia em que vivia, despertou-lhe lembranças do seu amor. Já



não fallava no poeta, já o havia esquecido, mas aquella noticia horrivel orripilou-a, agitou-lhe o coração e acordou idéas que ja erão adormecidas.

Entregou-se a cupioso pranto e, sobrevindo-lhe violenta febre, pouco resistio ; deixou suavemente a vida no fim de tres ou quatro dias de molestia, e penetrou na eternidade.

Tivera Ismael permissão de entrar na enxovia de seu senhor, e chegando alli dissera a Alvarenga.

— A senhora D. Laura morreu.

-- Mórta! clamou o poeta chorando.

Quedou-se Ismael sem repetir mais uma palavra.

— Ah! sei quem matou-a, redarguiu o poeta em tom violento, limpando as lagrimas que lavavão-lhe as faces; foi frei Raymundo, foi aquelle homem que, pertencendo á milicia da igreja, só devia ter bondade e misericordia.

— Todos podem ser maos, meu senhor, quer se-jão padres, quer não, quer instruidos como meu senhor, ou ignorantes como eu; repetio Ismael.

— Mas tu és tão bom, Ismael !

E o poeta encostou o rosto debulhado em pranto no hombro do seu escravo.

## **Desembarque da Família Real no Rio de Janeiro.**

Quasi tres annos gemeu o poeta na prisão, e já julgava sem fim essa agonia longa e penosa quando vierão dizer-lhe que se achava livre.

Tendo dirigido Mariano José Pereira da Fonseca uma petição de graça á rainha D. Maria I, ordenou esta que, se os presos fossem criminosos, os remetesse o vice-rei com os seus processos para Lisboa, e, se entendesse que erão innocentes, desse-lhes liberdade.

Officiou o chanceller Antonio Diniz da Cruz e Silva ao conde de Rezende, que por, não haver maior prova contra os presos, devia conceder-se-lhes liberdade; e de feito, decorrido pouco tempo, forão soltos em 19 de julho de 1797 (\*).

(\*) Veja na Revista do Instituto vol. 28 pag. 225 a memoria escripta pelo conego Fernandes Pinheiro intitulada ultimos Vice-Reis do Brasil.

Dous annos depois, em 5 de outubro, fallecia no Rio de Janeiro o afamado poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, e vinte nove annos depois era condecorado com o titulo de marquez de Maricá o Dr. Mariano José Pereira da Fonseca, legando á patria um nome notavel na politica e nas letras.

AO deixar o carcere a primeira pessoa que Silva Alvarenga encontrou foi o seu escravo Ismael que, como a imagem da fidelidade, estanciara á porta da prisão para acompanhar seu amigo e senhor até á casa.

Não mostrou-se o poeta ingrato á magnanimidade da rainha; afinou a lyra, e saudou-a no seu anniversario natalicio com umcântico sublime.

Mas foi este um dos ultimos alentos da sua imaginação grandiosa, que, enfranquecida e gasta, não sabia senão modular versos sentidos e tristonhos.

Trouxera da masmorra a melancolia estampada no semblante; nunca mais virão-no rir ou brincar; sua conversação perdera a graça e a animação que tornavão-a aprasivel e attractiva, e quebrantado pelos soffrimentos e tribulações trazia o corpo abatido e o animo combalido

Causara-lhe a morte de Laura suprema tristeza, da qual o não acordava a assidua dedicação de seu escravo.

Nunca mais sahio á rua; vivia entregue á leitura de seus livros, e se pegava da lyra erão gemidos os seus versos e lagrimas os seus pensamentos.

Lembrando-se de Glaura versejava o poeta:



O prazer, a singeleza,  
A belleza que em ti via,  
N'um só dia, ingrata sorte,  
Tudo a morte me roubou.

Esculpido na memoria,  
Amo, ó Glaura, o teu semblante,  
Nelle vejo a cada instante,  
Essa gloria que passou.  
Volve o rio as puras aguas,  
Vai correndo e não descança,  
Assim foi minha esperança,  
E só magoas me deixou.

Nem a musica levantava mais da vista do poeta o manto escuro do pezar; já não sabia tanger a rabeca, nem perceber os sons melodiosos que outr'ora tanto divertião-no.

Mas um acontecimento pareceu despertar a musa de Silva Alvarenga. O Rio de Janeiro, colonia, surgiu em 7 de março de 1808 como metropole, acolhendo o rei e fidalgos de Portugal, e levantando dentro dos seus muros o throno da casa de Bragança.

Em 7 de março de 1808 as salvas de artilheria, os repiques de sinos, os foguetes do ar annunciarão ao povo a chegada da não em que vinhão a rainha e o principe regente D. João. Correu o povo alvorotado ás praias; e apressarão-se em ir a bordo para beijar a mão dos soberanos portuguezes o vice-rei, os magistrados, os vereadores, os clerigos e todos os *homens bons*, que tinham andado na governação da terra.

Vivo era o entusiasmo, e geral o contentamento, e espalhara-se por toda cidade, e dera pabulo ás conversações do dia a noticia deste acontecimento.

—O rei chegou.

Eis as expressões que corrião de boca em boca.

Marcou-se o desembarque do rei para o dia seguinte, e declarando o conde dos Arcos ao principe regente que, por se achar mui arruinada a igreja cathedral, mandara preparar a igreja dos frades carmelitas para a celebração do te-Deum, carregou o rei as sobrançelhas e respondeu.

— Desembarco amanhã e quero ir á cathedral.

A's cinco horas da tarde desembarcou na rampa do largo do Paço o principe regente seguido de outras pessoas da real familia; abria o cortejo a guarda de cavallaria dos vice-reis, vinhão depois os juizes, os desembargadores, os prelados de todos os conventos o clero, o cabido, os fidalgos e os soberanos, sob o pallio, cujas varas erão sustentadas pelos vereadores e por dous cidadãos Anacleto Elias e Amaro Velho, que já havião sido vereadores. Féchava o prestito a guarda de archeiros, a qual usava do mesmo uniforme que ainda conserva, mas em vez de ser de côr verde era encarnado, e o collete azul.

Guarnecia as ruas do transito a tropa de linha e de milicias; as portas e janellas das casas estavão ornadas de sanefas de seda e cortinas encarnadas; o chão alastrado de arêa e folhas aromaticas, e na rua do Rosario levantava-se um coreto.

Tendo atravessado o largo do Paço, entrou o



cortejo na rua Direita, e seguiu pela rua do Rosário até a sé e cathedral.

Atroavão no ar as acclamações repetidas do povo, que alegre e estupefacto, admirava a magnificencia, a pompa dos principes e dos fidalgos de Portugal.

Trajava o principe D. João calção côr de carne, meias de seda, sapatos com fivella de ouro, farda encarnada com bordados de ouro, espada, chapéo armado; trazia a princeza D. Carlota, vestido azul bordado de prata, decotado nas mangas e no corpinho, capa da mesma côr, um diadema de brilhantes, e um tocado bordado a ouro com plumas côr de carne.

Era rico e sumptuoso o vestuario das irmãs e das filhas de D. João, assim ccomo o dos fidalgos da casa real.

Extraordinario era o concurso do povo, e a agitação, a alegria popular, os repiques dos sinos, o estalar dos foguetes e girandolas, as salvas, os hymnos, os vivas davão a esta festa uma animação e enthusiasmo, como nunca se presenciára no Rio de Janeiro.

Da janella da sua casa assistia Silva Alvarenga a este espectaculo, e dizia para um homem, que estava ao seu lado vestido de tunica parda.

— E' sem duvida a princeza D. Thereza Maria aquella mais formosa que alli vai.

O homem de tunica parda nada disse, conservou-se como extranho ao que via, parecendo não attender áquellas festas, áquellas alegrias.

— Quantos principes, quantos fidalgos, retorquiu



Alvarenga, estão na America a realza e a aristocracia. Que dizes irmão Joaquim, accrescentou dirigindo-se para o individuo que estava junto d'elle.

—Digo que bastava o ouro dos bordados da farda de algum daquelles fidalgos para matar a fome de muitos dias de uma familia pobre.

Silva Alvarenga abanou com a cabeça como assentindo na mesma idéa.

Terminado o te-Deum voltárão as pessoas reaes para o antigo palacio dos vice-reis, que era agora o paço do rei, e o Rio de Janeiro a capital da monarchia portugueza.

Houve a noite brilhantes luminarias na cidade, que durarão nove dias, e em um monumento erigido no largo do Paço lião-se estes versos de Silva Alvarenga :

Negras nuvens longe exhalam  
Morte, estrago, horror, veneno,  
E entre nós sempre sereno  
Seja o céo, a terra, o mar.

Doce paz, candida astréa  
Vinde honrar a idade d'ouro,  
Pois é nosso este thesouro  
Que ninguem póde roubar.

## **As Aguas do Monte**

Correrão alegres e prasenteiros para o povo os annos que se seguirão á chegada da familia real ; festividades religiosas, te-Deuns, luminarias, danças, folguedos, cortejos e galas, tudo o povo presenciou e applaudio satisfeito e orgulhoso por ter junto a si el-rei nosso senhor.

As noticias da derrota que ião soffrendo os francezes em Portugal, o gosto e prazer que encontrava o principe regente nas festas religiosas improvisadas repentinamente na capella real e no palacio da quinta da Bôa-Vista, o talento e eloquencia dos grandes oradores sagrados de que se orgulhava o Brazil, e as melodias de Marcos Portugal e José Mauricio deleitavão o povo que vivia contente, tendo sô de resentir-se do vexatorio direito de aposenta-

doria de que gosavão os fidalgos, pelo qual erão privados os moradores do goso de seus predios cedendo-os para residencia da côrte numerosa, frivola e empavesada de D. João VI.

Verdadeiramente religioso quer por indole, quer por educação, indolente, amigo da paz, confiando muito da classe média, da qual era amado, procurava o rei D. João divertir e contentar ao povo, e por isso nadava a cidade em alegria desde os primeiros dias da chegada da familia real.

Apezar da opposição da rainha Carlota, realisouse em 13 de maio de 1810, o casamento do infante de Hespanha D. Pedro Carlos com a princeza D. Maria Thereza, e houve por esse motivo esplendidas festas, fogos de artificio, luminarias, dansas de africanos, serenatas no paço, cavalladas, praça de touros e mascaradas pelas ruas. No theatro de Manoel Luiz representou-se o drama *Triumpho da America*, e o poeta Eloy Ottoni recitou de um dos camarotes um lindo soneto que findava assim:

No hemispherio do sul mais cedo a aurora  
Abre as portas da luz mostrando ao dia  
Nova estrella no céu, nos campos Flora.

Ainda cantavão-se hymnos nas igrejas em rego-sijo desse consorcio do qual proveio um principe, o primeiro nascido na America, sendo seu pai o primeiro que aqui falleceu, quando experimentou a cidade um cataclysmo que aterrorisou-a.

Em 11 de fevereiro de 1811 começou o céu a



tingir-se de preto, nuvens densas e calliginosas estenderão-se como um manto negro sobre as montanhas mais proximas, o vento rijo do sul principiou a levantar o pó das ruas, a vergar as arvores e a impellir as nuvens, e corridos instantes acarretou sobre a cidade cupiosa chuva que durou onze dias; as praças, as ruas ficarão alagadas, navegava-se no campo de Sant Anna como em um vasto lago, penetrou a agua nas casas, e dos morros de Santo Antonio, do Castello e do Senado correu cupiosa quantidade de barro que entulhou as ruas, e desabou os predios, sepultando sob as ruinas os moradores.

Havia mais de meio seculo que a cidade soffrera um diluvio igual.

O rei mandou abrir as igrejas e celebrar preces para implorar a protecção divina.

As casas das ruas da Misericordia, do Cotovello, da Ajuda e de outras que abeiravão os morros, forão as mais damnificadas nessa innundação, a que o povo deu o nome de agua do monte.

Habitava então Luiz da Silva uma casa da rua do Cotovello, e percebendo que ameaçava ruina, tencionou retirar-se do lugar do perigo; de feito mandou sahir as pessoas da familia; mas indo a um aposento interior para recolher um cofre de joias, foi esmagado por uma parede que desabou.

Sabendo que seu pai estava morto, Emilia que se achava em uma casa fronteira, desmaiou, e desde então só houve luto e tristeza para essa infeliz.

Perdera a sua amiga Laura, José Bernardo olvidara

o amor que havia-lhe devotado, e agora finava-se seu pai. Uma familia caridosa amparou-a, e lá viveu a filha de Luiz da Silva sem conhecer mais o que erão alegrias da vida, tendo cheio de pezar e saudade o coração, outr'ora cheio de amor e de vida.

Indo um dia á missa encontrou-se com José Bernardo; Emilia ficou pasma e com o rosto branco como a polpa do algodão; quiz dar um passo, mas sentio-se presa ao solo; fazendo porem vigoroso esforço lançou violentamente a mantilha sobre o rosto e caminhou apressada.

O ingrato, o cynico José Bernardo sorrio, e batendo vagarosamente com o pé no chão, começou a cantarolar a primeira copla de uma canção, então muito popular que dizia assim :

Senhora Dona Sancha  
 Coberta d'ouro e prata,  
 Descubra o seu rosto  
 Queremos ver-lhe a cara (·)

(·) Erão estes os outros versos dessa cantiga popular.

Que anjos são estes  
 Que andão guerreando  
 De noite e de dia,  
 Com seu padre nosso  
 E sua ave-maria.

O algoz escarnecia da victima.

São filhos de rei  
E netos de conde,  
Que mandão que se escondão  
Debaixo de uma pedra  
De S. Miguel, o anjo

De S. Miguel, o anjo  
Visinho de umas freiras,  
Não bulão com ellas  
Que são mexeriqueiras





**Agonia Dolorosa**

Procurava Silva Alvarenga desfazer a nuvem que empanava-lhe os olhos, e combater a insomnia em que submergira sua alma; quiz rejuvenescer com a patria, cujo horizonte era agora mais lato e brilhante, e começou a collaborar nos periodicos que apparecerão. Mas a sua voz cedo emmudeceu, a sua mão tremula e pesada deixou de empunhar a penna e de suster a lyra, e uma molestia longa e afflictiva foi minando as forças e a intelligencia do vate.

Era o anno de 1814.

Achando-se em estado grave pedio a Ismael, seu escravo e companheiro de infortunio, que fosse chamar um padre. Cumprio o escravo apressadamente a ordem do senhor; correu ao convento de Santo Antonio, e deu a um religioso o recado. Veio o sacerdote.

Conservava o doente os olhos fechados e trazia o semblante desfigurado e com essa immobildade dos musculos, que annuncia não estar longe a morte.

O padre começou a orar de breviario aberto.

Quando o doente abriu os olhos tinha-os embaçados e fixos como os de um moribundo, mas pouco e pouco readquirio o olhar algum brilho e expressão; fitou o enfermo no semblante do monge, e como se uma força superior o sustentasse, ergueu-se um pouco no leito, e pousando as mãos descarnadas no hombro do frade, perguntou-lhe.

— Quem vos chamou aqui, como ousastes profanar o domicilio de um moribundo ?

— Foi o vosso escravo que guiou-me, respondeu o sacerdote aterrado como se fallasse a um morto.

— Ah! foi Ismael que quiz entregar-vos á minha vingança ; fez bem, porque aqui morreréis.

Firmando-se mais no leito, avançou Alvarenga para o padre, e procurou prende-lo pelo pescoço com ambas as mãos ; mas fraco como estava, foi facilmente repellido, e quasi exanime cahio sobre os travesseiros; porém, de repente como sacudido por uma força electrica, levantou-se e agarrando-se ao burel do frade bradou:

— Não fugireis, fizestes-me padecer em uma masmorra mais de dous annos; se falhárão minhas esperanças, se fugirão as minhas alegrias, se minha lyra gemeu, se meu coração soffreu as agruras da dôr, e se meu amor apagou-se, fostes vós o culpado; matastes dous entes; de dous amantes fizestes dous desventurados; abristes um tumulo, e começastes



o outro, cuja profundidade já pressinto, porém sentado a beira da cova, que me espera, ainda posso castigar a vossa maldade.

O padre tremia e parecia subjugado pela força prodigiosa do enfermo.

— E recordai-vos de Laura, continuou o poeta; do sepulchro mostra-me ella a sua palma de martyrio, e pede-me vingança, vingança.

Mas o esforço tinha sido supremo nesses eorganismo já gasto e abatido.

Frei Raymundo pôde desenvencilhar-se das mãos do seu adversario, que tombou no leito, balbuciando expressões vagas, e agitando convulsamente os braços.

Frei Raymundo sahio apressadamente e desapareceu.



## XXIII

### Epilogo

O excesso, a paixão a que se entregara o enfermo apressou-lhe o momento fatal; nunca mais abriu os olhos, nem fallou, e algumas horas depois em 1 de Novembro, desceu o anjo dos tumulos até ao leito do poeta e indicou-lhe o caminho da cova.

Depois de incessantes pesquisas descobrimos que o cadaver do poeta foi sepultado na igreja de S. Pedro, em 2 de Novembro, quando os sons tristes e lugubres de todas as igrejas annunciavão o dia dos mortos. Erão os gemidos da patria repetidos junto ao tumulo do seu filho dilecto (1).

Ismael acompanhou o seu senhor até ao jazigo, recebendo em recompensa de seus serviços a liberdade e um legado no testamento do finado.

Quanto a frei Raymundo, desde o dia em que fora

(1) Veja na *Revista* do Instituto Historico tomo 38 parte I, a noticia da sepultura do poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.



convidado para assistir a um moribundo, não sahio mais do claustro, tornou-se sombrio e pensativo, e velava horas e horas na igreja a orar de cabeça baixa e braços traçados sobre o peito.

Dizião uns que o frade rezava tanto e penitenciava-se para ganhar o céu, outros porém asseveravão que erão os remorsos que fazião vergar-lhe o peito.

Pelo seu character venal e corrupto tornára-se José Bernardo desprezado e odiado de todos; perdera o conceito publico, já não era procurado para os negocios forenses, e se vivia era á custa do que obtinha como denunciante da policia; mas era feliz esse homem? . . . talvez por que em geral os Bernardos são felizes.

E Emilia. . . . vivia na casa caridosa em que se acolhera, ou antes contava horas e dias de tristezas e angustias

Todos os annos ia Ismael á igreja de S. Pedro visitar o tumulo do seu senhor e amigo; e ahi quedava-se silencioso e pensativo, como se fosse a imagem da dôr erguida sobre o tumulo do poeta.

Dizia Ismael que parecia ouvir nesse lugar do silencio, da solidão e da morte canticos divinos.

Serião os anjos que avoejando vinhão entoar junto á cova do poeta harmonias celestes, ou serião as recordações gratase saudosas do amigo que, vibrando no coração do misero africano, fazião-no perceber hymnos e vozes que julgava virem do céu!

JOSE' LEANDRO

II





Designou o alvará de 15 de Junho de 1808 para cathedral e capella real a igreja dos frades carmelitas, sita no largo do Paço, e na tarde do mesmo dia della tomou posse o cabido.

Ostentava no dia seguinte a nova cathedral grande magnificencia nos velludos, sedas e galões de ouro, que ornamentavão-lhe as paredes, celebrando-se alli a festividade do Corpo de Deus em presença da familia real de Bragança.

Terminada a festa houve a procissão solemne.

Abrião o prestito quatro soldados de cavallaria; seguião-se as bandeiras dos officios, nas quaes vião-se as imagens dos santos que em vida havião exercido o trabalho manual, de que erão advogados e patronos no céo; apparecia logo após o homem d'armas, revestido de armadura de ferro, montado a cavallo, e sustentando em uma das mãos o guião do santo cavalleiro; oscillando sobre um cavallo caminhava a figura de S. Jorge, envolto em um manto de velludo encarnado, trazendo coxotes, grevas e arnez, capacete de ferro com plumas vermelhas, e em uma das mãos o escudo e na outra o estandarte; ladeavão-nos dous criados do paço que ião a pé; vinha após o

pagem do ,santo tambem a cavallo e vestido de farda de velludo encarnado, calções de panno pardo burzeguins vermelhos, chapéo armado debaixo do braço, e cabelleira empoada com rabicho.

Conduzidos a mão pelos moços das cavalharices reaes caminhavão doze ou vinte cavallos da casa real, com as crinas e a cauda entrelaçadas de fitas, e trazendo por xaireis mantos encarnados com as armas portuguezas lavradas em prata e sobrepostas no centro e nas extremidades; nove ou dez trombeiros e tambores vestidos de calção e collete azul, casacão comprido de panno pardo, e chapéo de feltro da mesma côr desabado, mas com a aba da frente voltada para cima, entoavão marchas guerreiras; e por fim fechava o prestito um esquadrão de cavallaria.

Desfilavão em seguida as irmandades, confrarias, ordens terceiras, os seminaristas dos tres seminarios existentes na cidade, os frades, o clero regular, os parochos, os conegos, as dignidades do cabido e o pallio, cujas varas erão sustentadas pelo principe regente D. João, pelo principe D. Pedro seu filho, pelo infante de Hespanha D. Pedro Carlos, e pelos ministros de Estado ; trazia a custodia o bispo diocesano D. José Caetano da Silva Coutinho. Remata-vão o longo sequito os fidalgos e todos os cavalleiros professos na ordem de Christo, revestidos de manto branco e espada.

Ladeavão as ruas percorridas pela procissão os batalhões de linha e de milicia, que ião marchando



na retaguarda do longo e estendido prestito religioso, logo que este desfilava em frente.

Ornavão as janellas do paço e as de quasi todas as casas da cidade, ricas colxas de sêda e damasco, pendendo tambem das vergas das portas sanefas de velludo e sêda ; estavam as ruas areadas e tapizadas de flôres e folhas aromaticas.

Agglomerava-se o povo em todas as ruas por onde transitava a procissão, e mostrava-se admirado do esplendor, da riqueza que ostentava a comitiva real, dirigindo-se todos os olhares para as pessoas reaes, e para os fidalgos que caminhavão atraz do pallio.

Os repiques dos sinos de todas as igrejas, as salvas das fortalezas e dos navios e o estalar das girandolas de foguetes augmentavão o jubilo popular, que manifestava-se em vozes de alegria, em vivas ao príncipe regente e a rainha nossa senhora.

Homens e mulheres sahião e entram na nova cathedral para terem a dita da aspensão da agua benta, e orarem na igreja que acabava de assumir á cathegoria de sé.

Ao transpôr o guarda vento da igreja dizia uma mulher á sua filha.

— Nunca tomes agua benta ao sahir da igreja.

— Porque, mamã ?

— Para não levares os peccados dos outros.

Conversavão os homens na rua sobre o espectáculo que presenciavão. Dizia um :

— Aquelle que vai ao lado do senhor príncipe da Beira, eu conheço, é D. Fernando José de Portugal, antigo governador da Bahia, e depois nosso vice-rei.



— E' agora ministro do reino, retorquiu o outro.

— E quem é aquelle fidalgo que vai atraz delle, á vara do pallio ?

— E' o ministro da guerra e de estrangeiros D. Rodrigo de Souza Coutinho.

— E onde está o ministro da marinha ?

— Vai alli, é o visconde de Anadia.

— Está pallido e abatido.

— Tem extranhado o clima do Brasil, e por isso acha máo e selvagem este paiz.

— Pouco poderá viver, sentenciou o cirurgião Dr. José Corrêa Picanço, mais tarde barão de Goyanna, ao ouvir a conversa.

De feito pereceu o visconde de Anadia, João Rodrigues de Sá e Menezes em 30 de Dezembro de 1809.

Ouvio-se então um rumor surdo e geral que atrahio todos os olhares, e originara-se por lubrigar-se um homem assistindo á passagem da procissão das janellas de um sobrado, o que era considerado como cousa mui irreverente na festa daquelle dia ; mas o intruso desapareceu avisado pela policia, e restabeleceu-se o silencio.

Mostravão-se todos alegres e absortos, extasiados de admiração e contentamento não só pela pompa com que era celebrado o acto religioso, senão por poderem vêr folgadoamente as pessoas reaes.

Porém no meio dessa multidão ruidosa e alegre, que só cuidava em apreciar o espectáculo grandioso que estendia-se a seus olhos, percebia-se um homem envolto em um capote pardo, o qual tinha o

olhar dirigido sómente para o príncipe regente D. João ; indifferente a tudo, não attendendo quando indicavão-lhe esta ou aquella personagem , absorto e como extranho á festa que celebrava-se, que dava-se quando o príncipe parava, e só sahia do estado de extasis, em que cahia, ao primeiro movimento do príncipe. Não fazia D. João um gesto, não avançava um passo que não despertasse a attenção daquelle homem que parecia ter vindo só para vêr o regente de Portugal. Dir-se-hia que era um demente, tal era o olhar pasmo e fixo que trazia pregado sobre o vulto do soberano ; não queria attender á pompa, ao luxo da festividade, e como deslumbrado pela farda bordada do príncipe, pelo manto branco que revestia-o, seguia-o como um automato ; vira-o sahir da igreja e acompanhara-o em todo o trajecto da procissão, procurando sempre devassar o semblante do príncipe d'entre os semblantes dos que cercavão-no.

Terminada a procissão e recolhido D. João á palacio, desapareceu o desconhecido, sem esperar que desfilasse a tropa, se retirassem as confrarias, o clero, os fidalgos e os ministros.

Oito dias depois via-se em uma casa da rua do Piolho, hoje da Carioca, o retrato do príncipe regente D. João, perfeitamente pintado e mui semelhante.

Era o primeiro e o melhor retrato que se fazia no Brasil desse soberano.

Tinha-o pintado o artista nacional José Leandro de Carvalho.





## II

Afastada oito leguas da capital da provincia do Rio de Janeiro, acha-se a villa de S. João de Itaborahy, sobre uma elevada collina da qual avista o espectador lindas planicies, bellas florestas, montes longinquos, e plantações e extensos campos de fazendas e sitios que circuitão a povoação.

Assentada em posição aprasivel é a villa de Itaborahy pouco extensa, porém alegre e de aspecto encantador que agrada ao viajante.

Está sobre o monte a parte principal da villa, formando as casas uma vasta praça onde levantão-se a matriz, a casa da camara e o theatro.

A igreja parochial, cuja construcção data de 1725, é espaçosa, elegante e vestida de sete altares.

Vê-se em uma das ladeiras, que dão subida para o largo, a capella do Senhor do Bom Fim, fundada pelo padre Mesquita, e reedificada ha pouco tempo; e em outra ladeira o cemiterio com capella e catacumbas.

Nesta villa visitada pelo rei D. João VI, pelo imperador Pedro II, pela princeza D. Isabel e seu esposo o principe conde d'Eu; nesta villa onde em uma casa terrea transformada em theatro, encetou a

carreira artistica o primeiro actor dramatico, que ha tido o Brasil, João Caetano dos Santos; patria do romancista, dramaturgo e poeta Joaquim Manoel de Macedo, o creador entre nós do romance de familia, do romance que descreve a historia, a vida intima do povo, do dramaturgo applaudido e festejado, do poeta o cantor da Nebulosa, poema fantastico como um canto oriental; *poema do amor, da belleza e do ideal. uma Odyseea de amor*, como disse Porto Alegre; na villa de Itaborahy, que pelo caracter ativo e independente dos seus habitantes mereceu de D. Pedro I a denominação de Pernambuco Pequeno; onde tambem teve o seu berço o obscuro escriptor destas chronicas; em Itaborahy ou antes no seu municipio, no lugar chumado Muriqui nasceu no seculo passado, o artista José Leandro de Carvalho.

Era seu pai lavrador e chamava-se Manoel Leandro; vivia em uma casa coberta de telha e caiada com tabatinga; tendo outros filhos que applicava-os todos a lavoura; mas não mostrava o primogenito, que era José Leandro, a menor propensão para a agricultura, e sim decidida vocação para a pintura; pois em horas de descanso vivia desenhando bonecos em pedaços de papel, com tintas que extrahia de certos vegetaes, ou que ia comprar á povoação. Arrepelava-se o pai com isso, e dizia que o que queria o filho era dar em vadio.

Celebravão-se outr'ora em Itaborahy as festividades do Natal, dos Reis, e do Espirito Santo, com muita pompa e concurrencia publica, e á antiga freguesia



acudia muita gente da cõrte para apreciar as cantatas dos foliões do natal e dos reis, os bandos, as danças burlescas, os fogos de artifício, os leilões no imperio do Espirito Santo, as cavalhadas e outros divertimentos que então se fazião.

Todos os annos ia o cirurgião Muzzi a Muriqui passar os dias de festa em casa de seu compadre Manoel Leandro, e então fallava-lhe o afilhado, rogava-lhe para vir para a cidade estudar a arte da pintura, mas se o cirurgião tocava nisso a Manoel Leandro, mudava este logo de conversa.

— Põde o menino vir a ser um grande artista, repetia o cirurgião.

— Qual artista, compadre, e que val isso; entre nós o artista não faz carreira, é desprezado e mal visto.

— O vice-rei Vasconcellos preza às artes; protege ao pintor Leandro Joaquim, ao mestre Valentim e outros.

— Mas não sabe o compadre que os rapazes se pervertem na cidade, tomão máos vicios, dão em vadios e dizem-me; e Manoel Leandro, chegando-se ao ouvido do cirurgião, accrescentava á puridade.

— Dizem-me que até fumão.

Usava-se então tomar tabaco ou rapé, e mui poucos pitavão cigarro, considerando-se esse vicio como o mais reprehensivel e hediondo. Ria-se o cirurgião Muzzi e retorquia.

— Então quer o compadre que o menino se embruteça aqui na roça a lavrar a terra, a plantar mandioca e milho !



— E que tem isso, meu compadre, nessa occupação nasci eu, e nella creei-me e todos os meus filhos, e della tenho vivido sem ser pesado aos amigos.

Dialogos semelhantes havião-se repetido diversas vezes entre os dous amigos, que jamais chegãõ a um accôrdo ; mas em certa occasião, tão viva tornou-se a contumacia do velho, que agastou-se o cirurgião ; de sôrte que, restando ainda dous dias de festejo, declarou que desejava regressar para a côrte. Amofinou-se Manoel Leandro, e aconselhado pela mulher, pensando que talvez cortasse o destino favoravel do filho, refléctio melhor, e no dia seguinte disse ao compadre .

— Desejava que meu filho mais velho occupasse meu lugar nesta casa quando eu faltasse ; queria deixar-lhe a minha enxada e machado, mas empenha-se o compadre para que elle tenha melhor vida, sorte mais favoravel que a minha... pois seja assim, leve comsigo o menino, e delle faça o que quizer .

As lagrimas lavavão as faces rugosas e ennegrecidas do velho lavrador .

— O compadre chora, se contraria-o a partida do rapaz elle não irá .

— Não repare nestas lagrimas, senhor doutor, são cousas cá do coração, eu concordo em que seu afilhado seja pintor .

— Então prepare a roupa do rapaz, que breve é a partida .

De feito dispoz-se tudo para José Leandro vir

para a cidade, e no dia da viagem, na ocasião da despedida, os pais abraçarão-no chorosos, e abençoando-o disse-lhe o velho Manoel Leandro.

— Deus Nosso Senhor seja contigo e faça-te feliz na vida que escolheste, meu filho.

E o pranto e os soluços suffocarão-lhe a voz.

Despedio-se o cirurgião Muzzi, satisfeito por trazer consigo o seu afilhado José Leandro de Carvalho.





### III

Chegado a cidade entregou o cirurgião Muzzi o seu afilhado a um pintor chamado Manoel Patola, que residia na rua dos Pescadores.

Dotado de genio docil, de talento artistico e mui propenso á arte da pintura, venceu José Leandro em pouco tempo, e com diminuto trabalho, obstaculos que para outros parecem insuperaveis ; em breve espaço avantajou-se entre seus condiscipulos ; era o mais novo e o mais habil, e applaudido pelo mestre, que já vangloriava-se por tel-o em sua officina.

O rapido adiantamento do joven artista, os milagres que na arte foi operando, a predilecção que votava-lhe o mestre, e os elogios que tecia-lhe, despertarão o ciume e a inveja dos seus collegas, especialmente de um chamado Geraldo de Abreu.

E houve cousa de maior monta para atizar o ciume e o odio de Geraldo contra José Leandro.

Vivia na rua da Lampadoza um individuo chamado Henrique de Paiva, que tinha uma filha de nome Aguedá. Os olhos azues da cor do céu, os labios, os cabellos louros como as petalas da sempreviva, o semblante, a estatura, a elegancia do corpo, tudo concorria para a belleza dessa moça ;

estavão alli reunidas as perfeições ; não havia um traço que se desviasse da harmonia e da belleza do todo ; era uma imagem linda, seductora, como as que a imaginação dos poetas crêa, ou os grandes artistas estampão na tela.

Recebera Agueda uma educação esmerada de seu pai, que pertencera á sociedade scientifica creada pelo vice-rei marquez do Lavradio ; e além de outras prendas tocava perfeitamente cravo, instrumento que então substituiu o piano ainda não vulgarizado. Aberto o cravo, a esbelta e graciosa Agueda fazia ouvir no teclado as modinhas populares e as musicas de Gluck e Piccini, que erão-lhe ensinadas por Salvador José, o mestre que foi do grande musico e compositor nacional o padre José Mauricio.

Geraldo de Abreu vivia embebido de amores por Agueda, que tambem lanceou o coração de José Leandro, e por isso tornarão-se os dous rivaes e ciuosos.

Se a principio Agueda mostrara sympathisar por Geraldo, logo que viu José Leandro, mais inclinada declarou-se por este, que tornou-se o preferido, o amante afortunado.

José Leandro foi recebido na casa de Henrique de Paiva, e amou e foi amado. Era André del Sarto ao lado de Lucrecia.

Acendeu-se então de ciumes o animo de Geraldo, que cuidou em afastar o seu feliz rival.

Havia naquelles tempos pomposas festividades na igreja dos frades capuchos não só em honra do orago



da ordem, senão de outros santos que habitavão os altares da igreja e as capellas do claustro ; e erão essas festas mui vistosas e concorridas pelo povo e pela alta sociedade. No dia da festa de S. Francisco, subia o vice-rei a ladeira do convento de Santo Antonio, e depois do officio divino jantava com os religiosos, assistia ao te-deum e só de noite recolhia-se ao palacio ; e o mesmo praticava o rei D. João 6.º o amigo dos frades, do cantochão e dos actos religiosos.

Acompanhada de seu pai foi Agueda assistir a festa de S. Francisco, e lá encontrarão-na Geraldo e José Leandro, ambos inflammados de amor, enraivecidos de ciumes pela mesma mulher, rainha absoluta daquelles caudatarios de seu coração.

Findo o acto religioso dirigio-se Agueda para uma meza collocada por debaixo do côro, na qual havia uma imagem do santo que festejava-se, e dous religiosos que distribuião registos e fitas douradas a troco das esmolas que davão os fieis.

Entregou Agueda a sua esmola, e recebeu um registo e uma fita com letras douradas, que era a medida da imagem do santo ; approximando-se de José Leandro disse-lhe a filha de Henrique de Paiva.

— A fita é sua, mas o registo não lhe dou para não cortar a nossa . . . . affeição.

Era então preconceito mui geral que prejudicava a amizade o offerecimento de registos de santos, assim como o de lenços, e thesouras.

Geraldo de Abreu que, assim como José Leandro, achava-se na porta da igreja para ver sahir a mulher



que amava, presenciando a entrega do registo, enraiveceu-se ; medio a filha de Henrique de Paiva com um olhar iracundo, dardejou olhar semelhante sobre José Leandro, e retirou-se murmurando.

— Perfidos, verão minha vingança.

#### IV

Mudados correm os tempos ; outrora divertia-se o povo nas festividades do Natal, dos Reis e do Espirito Santo; entretinhão-no as cavalhadas, as dansas grotescas e populares, os theatros de bonecos, as barracas do campo de Santa Anna, os canticos do terço, as novenas, as procissões e outras solemnidades da igreja ; mas hoje nos dias do vapor e do telegrapho electrico, outras são as distracções e diversos os passa tempos do povo ; já se não falla senão em bailes, em representações lyricas, em theatros, em festas ruidosas de grande pompa e luxo, e muito attrahem a attenção publica a politica, as eleições disputadas nas igrejas pelo pugilato, pelo cacete e punhal, no mesmo lugar, onde, em tempos já idos, concorria o povo para ajoelhar-se, para orar e implorar a protecção divina. Mudados correm os tempos, alterados os costumes, e se a civilisação ha ensinado outros gostos, tem tambem introduzido novos vicios.

O que divertia nossos antepassados, parece-nos hoje rediculo e mesquinho ; mas se não attende que naquellas eras havia mais expansão, mais alegria e liberdade nos folguedos publicos.

Em Itaborahy era a festa do Espirito Santo uma das mais concorridas. Ião da cidade os musicos, os cantores e os padres.

Annunciava a festividade o bando composto de cavalleiros mascarados e vestidos á fantasia que em versos burlescos referião os divertimentos que ião seguir-se ; percorrião as ruas a musica dos timballeiros, os foliões ; armava-se o imperio do Divino, collocado no centro da povoação ; celebravão-se os actos religiosos, a procissão, o te-deum, a posse do novo imperador, os leilões das offertas remettidas ao festeiro, as dansas e as cavalladas.

Vião-se neste ultimo divertimento os cavalleiros mouros e os cavalleiros christãos, os primeiros de turbante e os segundos de capacete, trajando todos ricos uniformes de seda e velludo.

Enviava o rei mouro aos christãos um cavalleiro em desafio, e aceita a luta, principiavão as evoluções ; encontravão-se mouros e christãos, cruzavão as lanças, as espadas em attitude de peleja, disparavão tiros de pistola, e reconhecendo-se os mouros vencidos, pedião paz, entrando o divertimento em outra pháse.

Cada cavalleiro quer mouro, quer christão, esforçava-se por quebrar com a lança um vaso de barro suspenso de um poste ; ja em tocar com a ponta da espada em uma cabeça de papelão pousada no terraplano da arena ; ja em despedaçar com um tiro de pistola essa mesma cabeça pregada em uma haste de madeira ; já em cortar com a espada uma rama de canna atirada ao ar por outro cavalleiro ;



vindo depois o jogo da argolinha. Suspensa de uma corda atada a dous mastros via-se uma argolinha de canotilho de seda, que cada cavalleiro esforçava-se por tirar com a lança, e aquelle que sahia victorioso, apressava-se em offerecer o delicado mimo a dama de sua afeição.

Para despertar o riso havia o bobo da cavallhada, que procurava redicularisar as sortes praticadas pelos cavalleiros; apresentava-se mal trajado, occulto o rosto em uma mascara de velho, e montado em um cavallo pequeno e feio.

A musica tocava durante o divertimento, que chamava a concurrencia publica, sendo geraes os applausos, e estridentes as risadas pelos gatimanhos do palhaço.

Todos os annos ia José Leandro assistir á festa do Espirito Santo em Itaborahy, em companhia do seu padrinho, o cirurgião Muzzi, que se não cansava em referir aos pais do seu afilhado os progressos deste na arte da pintura.

Mas a desgraça é a sombra do destino do homem, e acompanha-o sempre nas alegrias e prazeres como para lembrar-lhe, que não ha no mundo luz que não projecte sombra.

Attendendo, como o marquez do Lavradio, á necessidade de augmentar a guarnição da cidade, ordenou o vice rei Vasconcellos grande recrutamento; e em virtude da ordem do vice-rei espalharão-se os agentes recrutadores pela cidade, e pelo interior da capitania, e começarão a recolher homens para a praça.

Commetterão-se então abusos e arbitrariedades; muitos individuos occultarão-se nas mattas, sendo suas familias conduzidas á presença da autoridade e perseguidas; houve um capitão de milicia que aviltou-se praticando acções indecorosas, offendendo o lar domestico, e então fizeram lhe o seguinte epigramma.

O senhor José Caetano  
E' um grande capitão,  
Sabe recrutar moças,  
Porque homens... isso não.

Entretinha Geraldo de Abreu relações de amizade com o sargento-mór Joaquim Xavier Curado, e indo ter com elle participou-lhe que achava-se em Itaborahy, entregue á vadiagem um moço chamado José Leandro de Carvalho, mui apto para a praça.

Enviou Curado suas ordens a Itaborahy; e de feito, no meio dos festejos publicos, quando mais satisfeito e alegre vivia José Leandro, por estar junto de seus pais, na terra do seu nascimento, foi chamado pela patrulha dos recrutadores, e remettido prezo para a cidade, onde logo que desembarcou, foi recolhido ao quartel, e no dia seguinte assentou praça no regimento de artilheria.

No mesmo dia recebia o cirurgião Muzzi, que pertencia ao exercito, ordem terminante para embarcar para o sul afim de incorporar-se ao regimento (\*)

(\*) Veja Pequeno Panorama vol. 2º pag. 95.



Afflicto se ficou José Leandro quando vestirão-lhe a farda, e fizerão-lhe prestar juramento á bandeira do regimento.

A vida militar rude e tormentosa causava-lhe horror ; não nascera para suster a espingarda, nem para cingir a espada ; de character quieto e pacifico não era homem para affrontar perigos, assistir a batalhas, e vencer presenciando a desgraça dos outros ; assustou-se quando recrutarão-no, e ao alistarem-no no regimento ficou afflicto e desesperado.

— Não posso ser soldado, dizia elle comsigo, odeio essa vida que torna o homem duro e embota-lhe o sentimento.

Chorou lembrando-se de seus pais, do seu padrinho, dos seus amigos e de Agueda, e creu que só algum inimigo indicara-o ao recrutador para faze-lo assentar praça.

A primeira noite que passou no quartel foi de insomnia e angustia.

Lastimou Manoel Leandro a desgraça que acontecera a seu filho, porém não sabia que fazer ; o cirurgião Muzzi partira para o sul, e não tinha outro



amigo ou pessoa que podesse interceder pelo filho ; não estava este na isenção da lei, e nem era Manoel Leandro homem, que se animasse a vir a cidade supplicar ao vice-rei a baixa do filho.

Sentio dolorosamente a prisão do seu filho, e limpando as lagrimas com a baieta do capote, repetia o velho.

— Nunca me correu bem cá pelo juizo a ida do rapaz para a cidade ; e que hei de fazer, se me faltão palavras e animo para subir as escadas do vice-rei e fallar-lhe !

E o velho começava a scismar e a enxugar as lagrimas que marejavão-lhe os olhos.

Poucas relações adquirira José Leandro no Rio de Janeiro ; Henrique de Paiva conhecia-o de pouco, e seus collegas na arte não erão pessoas influentes, que pudessem arranca-lo da vida em que havia sido lançado.

Em suas cogitações, no meio dos tormentos que pesavão-lhe sobre o espirito, so lembrou-se de um amigo, de Leandro Joaquim que sabia ser muito estimado do vice-rei.

Leandro Joaquim era pintor.

Não se sabe o anno do seu nascimento, nem o de sua morte ; mas se não admirem os leitores desta ingratição da patria.

Naquelles tempos de absolutismo, em que so dominavão os homens nobres e ricos, lançava-se o desprezo sobre os artistas, e vivião estes na obscuridade e nella morrião ; seguia-os a miseria até ao tumulo, e se a sociedade desprezava-os em vida, esquecia-os

logo que descião á cova ; o berço e o tumulo dos artistas erão cousas que todos ignoravão ; em vida passavão esses homens despercebidos, e depois de mortos . . . . . o esquecimento, a ingratição, eis o epitaphio que a sociedade reservava para os seus sepulchros !

Leandro Joaquim era artista habil. Existião na igreja do Parto quatro paineis devidos ao seu pincel, os quaes desapparecerão, e representavão Santa Cecilia, S. João Evangelista, Santo Eloy, e a Senhora das Mercês ; e na sachristia da mesma igreja ainda se admirão tres retabulos historicos do mesmo pintor; relatão um o incendio do recolhimento do Parto, o outro a prompta reedificação desse edificio, e o terceiro é um retrato do vice-rei Vasconcellos.

Foi Leandro Joaquim o autor de quasi todos os quadros antigos que vestem as paredes da igreja dos frades barbonos no Castello, dos quaes alguns já desapparecerão carcomidos pelas traças.

Usava-se outr'ora distribuir nas festas religiosas pelos fieis pedaços de fita com letras douradas, as quaes erão a medida do santo que festejava-se, e quem dourava melhor estas fitas, era Leandro Joaquim.

Ealutou os primeiros annos do governo de Luiz de Vasconcellos uma epidemia chamada Zamparine que levou muitas vidas. Era uma febre nervosa de character grave, que se não matava, deixava ao doente paralyrias e deformidades physicas ; viera a molestia de Lisboa, onde começou a ser conhecida por Zamparine do nome de uma cantora veneziana



contractada como prima-dona de uma companhia italiana em 1770 (\*)

Foi Leandro Joaquim acommettido dessa doença, e restabelecido da febre restou-lhe uma paralyisia nos braços, que impossibilitava-o de trabalhar pela sua arte.

Para ver-se livre de mal tão grave recorreu o artista ao céu, promettendo fazer um painel da Senhora da Boa Morte logo que se sentisse curado.

Homem de fé viva creu na intervenção do céu ao ver-se são, e assim cumprio logo o voto, pintando o quadro da Virgem da Boa-Morte, que guarda-se no consistorio da igreja do Hospicio desta côrte.

Escreveu José Leandro a Leandro Joaquim certificando-lhe que havião-lhe assentado praça no regimento de artilheria.

Correu Leandro Joaquim ao quartel de artilheria que era no arsenal de Guerra, chamado então a casa do Trem.

Admirado se ficou Leandro Joaquim ao ver o joven artista vestido de farda azul com canhões e gola de cor preta, e com a espingarda ao hombro, de sentinella em uma das portas do arsenal; não julgou que encontraria o seu collega já uniformizado, e para disfarçar o seu espanto e commoção, bradou.

— Que garbo militar, ô José Leandro.

(\*) Veja *Criminosos Celebres, episodios historicos*, pelo Dr. Moreira de Azevedo, pag. 6.



Deixando quasi cahir a espingarda, apertou José Leandro com effusão de sentimento a mão do seu amigo, tendo os olhos rasados de lagrimas.

— Como aconteceu-te isto, perguntou-lhe o amigo.

Relatou-lhe José Leandro que tinham-no recrutado em Itaborahy.

— E como forão descobrir-te lá ?

— Não sabe, vossa mercê, que não ha faro mais atilado que á dos inimigos !

— Infeliz, exclamou Leandro Joaquim.

— Infeliz, sim, mas peço-lhe que livre-me desta vida que não está á feição do meu genio ; falle a seus amigos , eu supplico-lhe.

— Que amigos tem os artistas para lanças destes, meu rapaz ; não sabes que entre nós são os artistas como os reptis, que quasi não levantão a cabeça do chão, e por isso são vistos sômente pelos que ras-tejão ao lado delles !

— Mas o senhor vice-rei estima-o.

— Eu sei lá ; necessita de mim, e por isso mostra-me agrado.

— Elle falla-lhe com bondade, e póde ser....

Conservou-se Leandro Joaquim algum tempo pensativo com as mãos mettidas nos bolsos da vestia de baeta escura que trajava, e de cabeça baixa; mas levantando o olhar, perguntou momentos depois.

— Que idade tens ?

— Dezenove annos.

— E's filho unico ?

— Não, senhor.

— Tens mãe viuva ?

— Não, senhor.

— Pertences a tropa de milícia ?

— Também não.

— Então não tens nem uma das isenções da lei.

Abaixou José Leandro o rosto, e limpou as lágrimas que corrião-lhe pelas faces.

Guardou silêncio o artista Leandro Joaquim por algum tempo, e depois como se uma idéa feliz houvesse-lhe atravessado a mente, bateu no hombro do seu joven collega, e disse-lhe.

— Vou fazer o que posso, assim Nossa Senhora me ajude.

— Praza ao céu que sim, respondeu José Leandro, que mui commovido despedio-se do seu collega e amigo.

## VI

Corria o anno de 1786.

Tendo havido em Portugal o casamento do principe D. João com a princeza de Hespanha, D. Carlota, deliberou o vice-rei Vasconcellos celebrar no Rio de Janeiro pomposas festas em regosijo desse acontecimento ; e escolheu o jardim do Passeio Publico, aberto ha tres annos, para alli levantarem-se arcos e columnas, coretos e tablados; encarregou da execução dos carros triumphaes ao artista Antonio Francisco Soares, e da pintura de todos os ornatos do Passeio ao artista Leandro Joaquim.

Era este artista, assim como o mestre Valentim, muito estimado do vice-rei, que recebia-os cordialmente, e era com elles assaz generoso.

Fiado na benevolencia com que tratava-o o vice-rei Vasconcellos, animou-se Leandro Joaquim a dirigir-se a palacio para interceder por José Leandro.

Declarando ao official da sala que desejava fallar ao vice-rei, foi aquelle perguntar se o artista podia ser recebido, e tendo o assentimento de Vasconcellos mandou-o entrar,

Era Luiz de Vasconcellos homem de baixa estatura e de corporatura reforçada e cheia; tinha o



rosto redondo e sem barba, os olhos grandes e vivos e trazia o cabello rente.

Sendo introduzido o artista em uma das salas do palacio, meia hora depois appareceu o vice-rei.

Cobria-lhe o pescoço uma gravata de cambraia de linho, cujas pontas rendadas cahião sobre a camiza de bretanha, a qual tinha o peito e punhos franjados de renda; trajava uma casaca redonda de seda escura, collete de velludo azul muito comprido e com dous grandes bolsos, donde partião uma grossa corrente de ouro com grandes sinetes de rubis; os calções erão azues, as meias côr de carne, e os sapatos de entrada baixa com fivelas de ouro.

Adiantando-se até ao meio da sala avançou Leandro Joaquim a berna direita, collocou o pé esquerdo em posição enviesada, como era da etiqueta, e fez profunda cortezia.

— Que deseja. perguntou-lhe Vasconcellos.

Deu o pintor mais alguns passos, fez nova cortezia como a primeira, e disse.

— Ordenou V. Ex. que a obra da pintura dos festejos reaes no Passeio Publico ficasse prompta em oito dias; mas venho declarar que não é possível.

— Pelo que, perguntou o vice-rei fransindo as sombrancelhas.

— Não tenho um artista para ajudar-me, senhor.

— Não estão ahi o Raymundo da Costa, o Manoel da Cunha, o José Leandro; porque não chama-os?

— Necessitava de um artista especial em pintura a colla sobre o panno.

— E nem um desses lhe serve, retorquiu o vice-rei impacientado.

— Há um muito bom, mas....

— Que duvida ha; já fiz-lhe ver que não attenda a economias. e que o festejo ha de realisar-se de hoje a nove dias infallivelmente.

— Não é por isso, senhor, porém o artista de que necessito foi recrutado.

— Quem é ?

— E' o José Leandro.

— Ja assentou praça ?

— Sim, meu senhor, no regimento de artilheria.

— Pois volte daqui á pouco e procure pelo official maior da secretaria, José Pereira Leão, que delle receberá a baixa desse homem.

Depois de haver cortejado o vice-rei como fizera ao entrar, sahio Leandro Joaquim mui satisfeito, e correu ao quartel para referir a boa nova a José Leandro que abraçou o contentissimo.

Corridas algumas horas recebia Leandro Joaquim do official maior a baixa do seu companheiro.





## VII

Sabendo Leandro Joaquim que Luiz de Vasconcellos interessava-se pela prompta execução das obras do festejo real, lembrou-se de tornar necessaria a coadjuvação do artista José Leandro para a conclusão dessas obras, e vimos como foi bem sucedido.

Concluio-se no tempo fixado pelo vice-rei tudo que era necessario para o grande festejo, no qual além de outras cousas, percorrerão as ruas da cidade carros triumphaes de Vulcano, de Jupiter, de Baccho, dos Mouros e os das cavalhadas serias e das burlescas.

Aconselhado por seus amigos apressou José Leandro, para isentar-se da praça, o seu casamento com a graciosa Agueda, que experimentou uma surpresa ao entrar pela primeira vez na casa, que agora era tambem sua.

Vio pendente de uma das paredes da sala um quadro coberto com uma cortina encarnada, a qual corrida por seu esposo, deixou-lhe ver o seu retrato habilmente pintado e de perfeita semelhança.

— Como pôde representar com tanta semelhança as minhas feições, perguntou-lhe Agueda.

— Porque trazia-as gravadas no coração, retorquiu o artista,

Quanto a Geraldo, assim que soube do casamento de Agueda, exasperou-se de raiva e ciume, andou uma noite inteira como tresvariado pelas ruas da cidade, e chegou a adoecer.

Mandou chamar um barbeiro que residia no Beco do Saraiva, hoje do Carmo, o qual era tambem dentista, sangrador e curandeiro, como erão os seus collegas de officio, pois, exceptuado o Dr. Matheus Saraiva que já era velho, e alguns cirurgiões dos regimentos, erão os barbeiros que exercião a medicina, cujas noções bebião nos livros do Dr. Francisco da Fonseca Henriques que fora medico de D. João V. e nos de João Curvo Semmedo.

Receitou o *sabio* esculapio chá de grelos de laranja da terra passados antes em cruz sobre brazas; e depois de repetidas visitas e minucioso exame, sentenciou que o doente estava affectado dos bofes, e por isso convinha mudar de ares.

Aceitou Geraldo o conselho para curar-se do amor e da molestia; encaminhou-se para o Morro Queimado, cujas riquezas auríferas preocupavão então o governo de Portugal e o do Brazil.

Não houve alma viva que delle desse mais noticia alguma.

Leandro Joaquim, que havia sido uma das testemunhas do casamento de José Leandro, costumava gracejar com este, dizendo-lhe.

— Lembra-te da farda do regimento de artilleria ?

— Cruz, canhoto, tinha golla e canhões pretos, respondia José Leandro.

— E o Geraldo, lembras-te ?

— Morreu *queimado* pelo fogo que a senhora Agueda acendeu-lhe no peito.

E ambos os artistas sorrião relançando o olhar sobre o rosto mimoso da filha de Henrique de Paiva.





## VIII

Continuou José Leandro a cultivar a arte da pintura, e em breve adquirio nomeada entre os mais notaveis pintores do paiz; tornou-se emulo de Leandro Joaquim, de Raymundo e de Manoel da Cunha.

Activo e perito em sua profissão lhe não faltava trabalho; pintou um painel da Assenção para o tecto da igreja do Bom-Jesus, o qual a broxa do caiador apagou: pintou alguns prophetas que servião para occultar as imagens dos altares da igreja de S. Francisco de Paula nos dias da quaresma. Era uma pintura a colla sobre panno, genero em que não teve competidor o artista itaborahyense.

Fallando de José Leandro diz o habil artista e afamado litterato Porto Alegre.

« Trabalhou muito, e não ha quasi oratorio na cidade que não tenha uma Conceição ou santo do seu pincel. »

Vimos que logo que chegou o rei D. João VI foi José Leandro o primeiro pintor que retratou-o, e são devidos ao seu pincel os melhores retratos que ha deste soberano.

Diversas vezes foi chamado ao paço da cidade e

ao da quinta da Bôa-Vista para tirar os retratos das pessoas da familia de Bragança.

Elevada á cathogoria de capella real a igreja dos frades do Carmo, resolveu-se collocar no altar mór um retabulo representando a familia real; e aberto concurso para esse trabalho inscreverão-se um artista italiano e José Leandro de Carvalho. O primeiro estabeleceu a officina no consistorio da igreja do Rosario, e José Leandro no consistorio da igreja de S. Francisco de Paula, cujo era irmão.

Ião muitos individuos examinar os trabalhos dos dous pintores, e houve quem se offerecesse a José Leandro para mostrar-lhe o quadro do seu competidor; mas recusou-se elle dizendo.

— Seria uma deslealdade indigna de mim e da minha arte.

Pintou o artista italiano uma monstruosidade, e fez José Leandro o lindo painel que ainda conserva-se no altar-mór da capella imperial.

Agradarão a D. João VI a perfeição e belleza desse quadro, pelo qual recebeu o seu autor um conto de réis.

Impando de raiva por ter sido escolhida e premiada a tela de José Leandro, guardou o pintor italiano odio profundo do artista nacional, do qual tomou mais tarde vingança torpe e indigna.

Tendo de decorar-se a capella real para a solemnidade da sagração e corôação de D. João VI encarregarão a José Leandro de pintar os doze apostolos que ornamentão as pilastras dessa igreja, e



ainda hoje tecem os artistas louvores a esse primoroso trabalho.

Pintou para a varanda da corôação daquelle rei um grande painel, e para o theatro de S. João, hoje de S. Pedro de Alcantara, preparou scenarios que competirão com os do conhecido scenographo da epocha Manoel da Costa.

Pedira um negociante da rua de S. Pedro ao nosso artista que se incumbisse de um retrato seu, mas José Leandro recusou-se, declarando estar commettido a fazer o scenario, que devia de apparecer no dia 13 de maio anniversario natalicio de el-rei ; o negociante insistio, mas em vão.

Referido este facto ao pintor italiano principiou elle a propalar que negara-se José Leandro a tirar o retrato do negociante por ser este portuguez ; relatou esta calumnia ao ministro do reino, o marquez de Aguiar, que dando credito a essa atôarda, por ouvi-la mui repetida, procurou indagar para ver se tinha fundamento.

Disserão mais ao ministro, que emquanto recusava-se o artista brasileiro a pintar o retrato do negociante portuguez, occupava-se com um retrato do padre Januario da Cunha Barbosa.

Mandou o marquez chamar o artista à sua casa, e comparecendo este, disse-lhe.

— Desejo ter o meu retrato pintado pelo senhor.

— Peço a V. Ex. para não encarregar-me desse trabalho, retorquiu José Leandro.

— Porque, perguntou o fidalgo contrariado.

— Por achar-me mui atarefado com a pintura do scenario do real theatro de S. João.

— Mas não poderá dispor de algumas horas para fazer o meu retrato ?

— Infelizmente não, senhor.

— E como está pintando o retrato do padre Januario ?

— E' trabalho que ha tempo tenho em mãos, alem do que exige o retrato de V. Ex. muito cuidado e attenção, do que agora não posso dispor.

— Não será outro o motivo da recusa ?

— Qual, senhor, accrescentou o artista admirado.

O ministro não respondeu-lhe voltou-lhe as costas e ausentou-se.

Julgou José Leandro que em tempos de severo absolutismo podia impunemente negar-se a tirar o retrato de um marquez, ministro do reino ; não attendeu que vivia em uma epocha em que havião-lhe incumbido a elle proprio de pintar um retabulo com o retrato do rei e dos seus filhos, que a guiza de registo de santo, foi pregado no primeiro altar de uma igreja !

Algumas horas depois de ter o artista deixado a casa do ministro assignava o intendente geral da policia, Paulo Fernandes Vianna, uma ordem para o pintor José Leandro embarcar no dia seguinte em um navio, que se fazia de vela para Angola, onde teria de empregar-se na pintura de alguns edificios publicos que estavam em construcção.

Vira assignar esse mandado o fidalgo D. Fran-



cisco, depois conde das Galvêas, homem fino de corpo, alto de estatura, e dotado de muita força physica, como seus antepassados, e tambem de muito espirito .

Repetem-se milhares de anedotas attribuidas a esse fidalgo, que era muito estimado pelo seu genio jovial e folgazão ; sua conversa e ditos entretinhão a familia real, e prezavão-no os artistas pelo gosto e predilecção que dispensava ás artes .

Sahindo da intendencia da policia dirigio-se D. Francisco á casa de José Leandro .

Era noite, e o fidalgo embuçado em um capote e de chapeo desabado a cabeça, bateu á porta do pintor .

— Quem é, perguntarão de dentro .

— Pode abrir que é um amigo .

Appareceu José Leandro que, ao dar com o fidalgo, apressou-se em escancarar a rotula, dizendo .

— V. Ex. por aqui : é subida honra que quiz dar a este seu subdito ; póde entrar .

— Não é preciso, e urgente é o negocio que traz-me á sua casa ; acaba de lavrar-se a ordem para o senhor partir immediatamente para Angola .

— Eu, e porque ?

— Não sei ; mas propalão por ahi que o senhor não é muito amigo dos portuguezes .

Já então começava a apparecer a rivalidade entre brazileiros e portuguezes e que no reinado seguinte, e depois da abdicação do primeiro imperador, devia augmentar .



— E que hei-de fazer, retorquiu José Leandro, aconselhe-me V. Ex. proteja-me.

— Convem sahir já da cidade, e occultar-se.

— Onde, meu senhor ?

— Parte amanhã para Campos um hiate, embarque hoje nelle com sua familia e fuja.

— E como hei de lá viver ?

— Vou recommenda-lo a um fazendeiro meu amigo, e aqui tem alguma cousa para a viagem.

E tirando dos bolsos do collete de velludo algumas moedas de ouro entregou-as o fidalgo ao artista, e accrescentou.

— Não convem perder tempo, se quer evitar o desterro ; e retirou-se.

— Dirigio-lhe José Leandro algumas palavras de gratidão, ás quaes não attendeu o conde, pois afastou-se com apressado passo.

Corridas algumas horas, enfardelada a bagagem, recolhia-se José Leandro com sua mulher e filhos a um navio, que na manhã seguinte velejou para Campos.

Só assim pôde escapar ás garras do despotismo, então estabelecido na terra de Santa Cruz.

## IX

Muito soffreu José Leandro em seu exilio ; não encontrou trabalho para o seu pincel, experimentou privações, padeceu miseria, e terião perecido elle e seus filhos se lhes não valesse a protecção do fidalgo D. Francisco.

Mas vierão os acontecimentos politicos melhorar a sorte do humilde pintor : retirara-se o rei para Portugal, e um anno depois era o Brazil independente. Transformou-se em um imperio a colonia portugueza da America, e collocou o principe D. Pedro em sua cabeça a corôa de imperador.

Regressando para o Rio de Janeiro entregou-se José Leandro ao cultivo da sua arte ; então sou- brou-lhe trabalho, e adquirio dinheiro ; tornou-se o mais festejado dos pintores; erão de seu pincel os mais lindos paineis que figuravão nas festas do novo imperador ; teve para ajuda-lo seu filho José Leandro que pintava flôres admiravelmente, e seu discipulo Francisco Ignacio de Araujo Lima, que distinguio-se como pintor scenographo. (\*)

(\*) Teve José Leandro outro filho chamado Narcez Genserico de Carvalho.



Uma de suas filhas esposou o rico negociante inglez Plats, que tornando-se viuvo, teve por segunda mulher outra filha do mesmo pintor.

Já nem se fallava do artista italiano que, desprezado pela incorrecção e impericia do seu pincel, desgostou-se da arte, entregou-se à embriaguez, e falleceu em um dos leitos do hospital da Misericordia.

Mas estava reservada a José Leandro penosa magoa para os ultimos annos de sua existencia.

Terminou em 7 de abril de 1831 o reinado de Pedro I, e começou uma epocha de enthusiasmo de vida social, porém agitada, turbulenta porque era um periodo de transicção, de profunda alteração no regimem governamental: a nação lutou, envolveu-se em nuvens de discordia e anarchia, e se salvou suas instituições, sua unidade territorial deveu a alguns de seus filhos que sabia e prudentemente susterão o leme do estado.

Toldou-se tudo nessa epocha de effervescencia e antagonismo; decahirão as letras, as artes, o commercio e a industria; forão esquecidos os litteratos; despedidos os musicos da capella imperial; transformou-se em typographia a academia das bellas-artes, e não cuidou-se senão em ostentar principios liberaes, que nem sempre erão pregados com ordem e moderação.

Ao mesmo tempo que ordenava se expuzesse ao publico o desenho de um monumento feito pelo architecto Grand-jean em memoria do dia 7 de Abril, mandava a regencia lançar a esponja sobre o quadro



de José Leandro que representava na capella imperial a familia de Bragança.

Era uma profanação ; mas o povo folgava com ella, o mesmo povo que, poucos annos antes, tirara os cavallo da carruagem de D. João VI, e levara-o em triumpho pelas ruas da cidade.

Tambem o mesmo povo que com grande pompa conduzio o cadaver de Mirabeau para o Pantheon, alguns annos depois irritado e furioso exhumou o despojo mortal do celebre orador, despedaçou-o, injuriou-o !

Encarregarão ao artista Debret de cobrir as figuras do quadro de José Leandro, mas o distincto pintor recusou-se clamando.

— Não obriguem-me depois de velho a pertencer á seita dos iconoclastas, procurem algum caidor.

Lembrarão-se de chamar o proprio autor do quadro para modifica-lo, conforme ás conveniencias politicas do tempo, mas José Leandro negou-se, declarando que jamais mutilaria a sua obra ; e triste e taciturno sentou-se, fincou os cotovellos nos joelhos, occultou o rosto nas mãos, e muito tempo permaneceu assim.

Parece que nesse cogitar profundo acudiu-lhe ao cerebro uma reflexão, e o artista murmurou commovido.

— Talvez em tempos mais tranquillos, de mais calma e sizudez, possam reaparecer essas figuras, que agora querem occultar, e se sobre ellas eu corresse uma camada de colla não ficaria incom-

pleto, inutilisado meu quadro; com uma simples lavagem seria restaurado o desenho.

Enxugou o artista as lagrimas que assomavão-lhe aos olhos, e continuou.

— Seja o meu pincel a esponja negra que apague esses retratos que desenhei com tanto amor e enthusiasmo; ao menos mão profana e pesada não virá estragar esse trabalho artistico e historico, pintado por mim nos dias da minha mocidade e aos qual consaguei todo o meu genio.

E o pintor ergueu-se, tomou a broxa, e apresentou-se para alterar o seu painel; entrou na igreja sem attender ás pessoas, que alli estavam, subio rapidamente os degrãos do altar, e com a mão tremula cobrio com colla as figuras das pessoas reaes.

Mas tinha sido supremo o sacrificio, tinha elle proprio praticado um sacrilegio em seu painel, e por isso mostrou-se desde então melancolico e abatido; vivia recluso em casa; não visitou mais nem os parentes, nem o lugar do seu nascimento; lastimou-se continuamente por ter seguido a arte da pintura; considerava-se o mais infeliz dos seus irmãos, escondeu os pinceis, cahio em uma atonia de espirito, em uma melancolia de animo, da qual não despertou mais, até que chegou a morte, e chamou-o para a eternidade.

Se depois de trabalhosas pesquisas descobrimos os jazigos do poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, dos artistas Martinho de Brito, Manoel da Cunha e de Valentim da Fonseca e Silva, tambem conseguimos encontrar o lugar em que foi repousar o



cadaver do afamado pintor protagonista desta narrativa.

Falleceu José Leandro em 9 de Novembro de 1834, e conduzido o corpo em uma rede para a igreja de S. Francisco de Paula, houve ás dez horas do dia seguinte encommendação com libera-me por haver o finado occupado cargos na ordem terceira dos Minimós.

.....  
Sabia-se a mutilação que soffrera o painel de José Leandro, e censurando esse ultraje á arte, disse o habil cultor das letras Porto Alegre.

— Esse vandalismo não é irremediavel, um processo chimico muito simples pôde ainda reaparecer as imagens daquelles que pela primeira vez fizeram reflectir a purpura e a corôa diamantina nas aguas cristalinas desta sublime bahia.

De feito em 1850 mandou o ministro da justiça Euzebio de Queiroz gessar e dourar a capella imperial, e encarregou da restauração do retabulo de José Leandro ao artista João Caetano Ribeiro que, perito e habil, restituiu á tela do antigo pintor as figuras, os retratos da familia de Bragança desenhados com tanto primor e arte.

José Leandro lêra no futuro ; seu quadro resussitou, rasgou-se o véo negro e denso que envolvia-o, readquerio a sua primitiva belleza e perfeição, e é hoje um monumento da sua gloria e do seu nome.





DR. JOÃO ALVARES CARNEIRO

III





## **Enxugão-se as lagrimas**

Via-se na ladeira de João Homem, no morro da Conceição uma casa de triste aspecto, onde residião uma mulher já idosa, e uma moça que ainda não contava vinte annos.

Tinha Fausta mais de cincoenta annos, era alta, magra, de olhar expressivo e rosto pallido, mas dessa pallidez embaciada que os soffrimentos Moraes ou as molestias imprimem á epiderme ; era de genio docil e caritativo, e dotada desse dom angelico que ensina a repartir o pão com os que tem fome, e a derramar uma lagrima quando vê-se outra lavar as faces dos infelizes.

Quem a conhecera nos primeiros annos da vida, na época em que fruire venturosos dias, notaria em seu semblante uma animação e expansiva alegria, que os pezares e as molestias occullárão cedo. Era agora uma velha esgrovinhada, abatida e triste.

Idalina, sua filha, não completara ainda o quarto lustro de existencia, e nessa idade as moças são como as flôres, ostentão todo o viço ; a côr viva dos

labios e das faces, o brilho e fulgor dos olhos, o lustro e negridão dos cabellos, a vivacidade nos movimentos, a belleza e compostura do corpo indicavão o vigor da idade, o alvorecer da juventude, o desabrochar da vida. Era risonha e alegre apesar do que soffria e via sua mãe padecer, porque se não conhece a profundeza da dôr nas primeiras idades, e mais depressa abre-se e expande-se o semblante á alegria, do que se contrahe e entristece pelo sofrimento.

Via Idalina a sua mãe em amargura de animo e tambem gemia ella em agruras da miseria ; trabalhava dia e noite para vestir-se e ter parco alimento ; não frequentava divertimentos, não passeava, vivia reclusa em casa, e no emtanto mostrava-se alegre, por ter junto de si sua mãe, e no coração a esperança, essa luz que se resplandece aos olhos dos infelizes.

Era pequena a casa em que habitavão Fausta e sua filha ; constava de duas salas, dous quartos e cosinha com janellas pequeninas, tectos acaçapados, porque quando se fazem casas para os pobres se não attende que tambem elles têm pulmões, e necessião respirar livremente.

Nem uma área, nem um quintal. . . . quintal, isso é luxo, se quizerem espaço vão para o campo, repete o senhorio ambicioso e estúpido, insultando a pobreza.

Costurava Idalina dia e noite e mourejava em todo o serviço da casa, pois pouco ajudava-a sua



mãe velha e enfermissa, occupando-se só em fiar ou tecer algum crivo.

Desde que experimentára a desgraça que a reduzira á miseria, cahira em abatimento de animo e se ennuviara-lhe a razão ; gastava horas e horas em orações ; ora chorava ou ria sem motivo, ora mostrava-se timida, assustada e começava a exorcizar o demonio, mas voltavão-lhe logo os momentos de lucidez, e então ninguém mais affavel e boa do que ella.

Esforçava-se Idalina por consola-la e distrahi-la nesses periodos afflictivos e desvairados ; e só á sua filha attendia Fausta quando cabia nesse obscurecimento da razão, nesse declinio do entendimento.

Acabara um dia a pobre mulher de largar o fuso, e voltando para a filha olhar compassivo, dissera :

— Que temos para jantar, filha.

— Pouca cousa, mamãe, algumas laranjas e farinha.

— Só, e eu estou tão fraca e doente.

— Se quer vou pedir um pedaço de carne á vizinha Maria da Conceição.

— Não ; se não deve importunar muito aos vizinhos, as laranjas hão de chegar para ti e eu . . .

— E mamãe ?

— Não tenho appetite, e Fausta começou a chorar.

— Não chore, accrescentou Idalina, limpando-lhe as lagrimas e beijando-lhe as faces, quer um pouco de mingão, eu preparo com a farinha que ha.

— Não, come tu e deixa-me descansar.



Deitou-se Fausta na esteira em que estava sentada.

Dirigira-se Idalina á cosinha, e ao voltar aproximou-se de sua mãe, apalpou-lhe as mãos e sentio-as frias, chamou por ella uma e muitas vezes, mas não ouviu resposta, derramou lagrimas, e afflicta correu á janella para ver se avistava pessoa conhecida que lhe valesse e fosse chamar um medico; olhava para um e outro extremo da rua, e quasi ao mesmo tempo voltava o rosto para onde jazia sua mãe; e estava nessa inquietação e desasocego de espirito, quando avistou um individuo atravessar a rua com andar firme e compassado; quiz chama-lo mas envergonhou-se, encarou-o, e levando logo o olhar sobre sua mãe, sentio-lhe um estremecimento. Julgou Idalina ser a convulsão da morte, assustada abriu a rotula, e correu ao encontro do homem que já se distanciava um pouco.

— Senhor, disse-lhe a moça tremula e lavada em lagrimas, queria pedir-vos um favor.

— Fallai, filha, respondeu-lhe o homem em tom benevolo.

— Necessitava de um medico para ver minha mãe que está a expirar.

— Onde reside vossa mãe?

— Alli, e a moça apontou para a rotula.

— Pois vamos lá que eu sou medico.

— Ah! foi a Virgem Nossa Senhora que vos enviou a este lugar, disse a moça volvendo os olhos humidos de lagrimas para o céu.

Idalina se passou para diante, abriu a rotula ao

medico, que seguindo-a entrou na sala, tomou o pulso á doente e lavrou a receita.

— Sua mãe não está em perigo de vida, sentenciou o medico, é um ataque que teve, o qual desaparecerá com o remedio que vae tomar ; acha-se porém assaz abatida e precisa tomar repetidos caldos.

— Mas.... balbuciou Idalina.

— Que dizeis ?

— Desejava perguntar-vos em quanto póde importar a receita, e as faces ficarão-lhe rubras como se estivessem vertendo sangue.

— Não vos envergonheis, minha filha, retorquiu o medico notando o embaraço e pejo da donzella ; sois pobre, mas que tem isso ; entro todos os dias em muitas casas em que habitão pobres ; a pobreza não é vergonha é desgraça ; e quando se é pobre, tendo a vossa idade e formosura, deve-se alçar a cabeça porque a virtude se não curva ; quanto ao remedio remettei a receita á botica de Santo Antonio na rua da Quitanda, e lá será aviada gratis, mas não vos esqueçais dos caldos.

Curvou-se o medico para examinar de novo a doente, e ao erguer-se deixou cahir sobre a esteira, sem que Idalina o presentisse, algumas moedas de prata. Tomou o chapéo, e já estava junto á rotula, quando a moça detendo-o, perguntou-lhe com voz tremula e commovida :

— Dão-se os caldos já, e não póde continuar porque o choro suffocou-a.

— Socegae, eu voltarei, repetiu o medico esqui-



vando-se de responder ao que Idalina lhe perguntára.

Sahio e apressado percorreu a rua.

Appropinquando-se de sua mãe, avistou Idalina as moedas na esteira ; ficou absorta e perplexa sem saber o que fazer ; chegou á janella para chamar o medico e entregar-lhe o dinheiro, porém o não avistou ; pensou em guarda-lo para restitui-lo no dia seguinte ; mas não serião essas moedas uma esmola, não estava sua mãe necessitada desse socorro, pensou ella de si para si, e assim resolveu guardar o dinheiro e não revelar a sua mãe como o obtivera.

— Devo salvar-lhe a vida, e que me importa, fallou ella para si, que minha mãe me exprobe por haver recebido essas moedas ; virá o remedio, prepararei os caldos, e ella se restabelecerá ; eis o que almejo.

De feito veio o remedio, administrárão-se os caldos, e corridas algumas horas experimentava Fausta sensiveis allivios.



**o Proprietario**

Repetio o medico as visitas, e ao retirar-se deixava ficar sobre a mesa ou em alguma cadeira uma pequena bolça com algum dinheiro, que Idalina recolhia, mas um dia disse ella ao doutor :

— Somos pobres, senhor, e não podemos contrahir dividas porque tarde ou nunca poderiamos paga-las.

— Ah, sorrio o medico, não conheço os meus credores, minha memoria lhes não retem os nomes, nem lubriga-os meus olhos em parte alguma.

— Mas minha mãe se affligirá sabendo que hei recebido esse dinheiro e . . .

— E acreditará que sou um seductor, não é assim, menina, fallou o medico interrompendo-a. Se reprehender-vos por isso dissei que o medico é como o sacerdote ; como este deve beneficiar o pobre, e se assim não faz esquece a sua missão e não merece a graça do céu ; convive o medico com os infelizes e com elles deve repartir o que é seu ; não basta afugentar a molestia, tambem é preciso

remediar a penuria ; o sol não dá só luz a planta, porém também calor e viço, e a agua do regato anima o arbusto e deixa-lhe junto da raiz os elementos da seiva. Assim deve ser o medico ; curar do pobre enfermo, e também allivia-lo da fome e sede. Mas não fallemos mais dessas ínfimas moedas, que por pequeninas se perdirião em meu bolso, e se por ellas ouvirdes alguma censura de vossa mãe, apontai-lhe para o céu, e dizei-lhe-Deus é a caridade, mamãe.

Ausentou-se o doutor, e Fausta que inclinada sobre o leito, curiosa e attenta, procurava ouvi-lo e observa-lo, notou que ao abrir a rotula, deixara elle cahir um papel lacrado sobre uma cadeira, o qual Idalina se apressara em apanhar ; e tomando como impellida por um movimento repentino, a mão do medico, apesar da obstinada opposição deste, beijara-a com soffregidão.

Fausta não escutara o que o facultativo dissera antes a Idalina, percebera só o objecto que cahira na cadeira, e que sua filha apanhara collando logo após seus labios ás mãos do homem, que apressado se afastara.

Aninhou-se no peito de Fausta uma suspeita, e lembrando-se do que occorrera nos dias de sua molestia, começou a considerar que tivera remedios, caldos repetidos e dieta conveniente e salutar cousas que em outras occasiões de doença lhe faltarão.

E donde proviera o dinheiro ; sem duvida dera-o o doutor para mais tarde pagar-se dos seus beneficios seduzindo Idalina.

A pobre mãe tremeu, corou de pejo e vergonha



por crer que aceitara sua filha agrados e favores do seductor ; tremeu porque presentio que fim estava reservado a essa infeliz, que caminhava para a perdição, para o crime.

Tendo-a junto de si quiz exproba-la, pedir-lhe contas do seu procedimento, mas deteve-se pelo pejo e pelo amor materno; enrubecerão-se-lhe as faces, e nichou-se em seu seio o amor maternal; recuou como mulher e como mãe, e avistando sua filha abaixou os olhos, cerrou as palpebras, cruzou os braços e não murmurou palavra.

O pudor de mulher e o amor de mãe fecharão-lhe os lábios.

Dobados alguns instantes baterão na rotula, e Idalina apressou-se em ver quem era.

Era o proprietario da casa, em que residia Fausta, homem gordo, de barriga enorme, rotundo, vermelho, calvo, de ventas abertas e salpicadas de tabaco.

— Menina, rosnou o homunculo sem se cançar em deitar a mão no chapéo ; ha quatro dias que está vencido o aluguel da casa, e nada de pagamento, assim declare á sua mãe que procure outro domicilio.

— Tenha a bondade de esperar alguns dias mais, senhor Mandillo, minha mãe tem estado doente.

— Sempre a mesma historia, tem sua mãe dinheiro para pagar medico, botica, e dieta, mas para satisfazer ao proprietario faltão-lhe meios.

— Sabe que o aluguel da casa é pesado.

— Então julga que oito mil réis é muito dinheiro



por este predio que tanto me custou a construir ; pois olhe já offerecerão-me mais, e assim diga á sua mãe que mude-se e leve-me amanhã a chave. E sem despedir-se afastou-se o bruto ambicioso sorvendo uma vez de rapé.

Nesse momento descia a ladeira o medico que, tendo-se demorado na visita de um doente da vizinhança, parara ao ouvir a voz aspera e roufenha do Mandillo; encarara-o fixamente, lançara-lhe um esgar de desprezo, e batendo com a bengala nas pedras da calçada, começara a caminhar murmurando.

— E' preciso satisfazer a ambição deste esfaimado.

### III

## Quatro centos mil réls

Tinhão Luiza e Idalina de deixar a casa no dia seguinte, como determinara Mandillo, mas ao abrir a porta na manhã desse dia, vio Idalina junto á rotula um papel dobrado; apanhou-o e encontrou dentro duas moedas de ouro de quatro mil réls cada uma. Correu Idalina a mostrar á sua mãe o dinheiro, e ficarão ambas admiradas, pois a quantia encontrada era exactamente a que pagavão de aluguel da casa.

— Quem seria, perguntava uma a outra, seria o senhorio que compadecido da nossa pobreza quiz fazer-nos agora esta esmola occultamente; mas não tem sido elle sempre tão arrogante e exigente! Seria algum vizinho a quem Mandillo referisse que ia expellir-nos de casa :

Não suspeitou Idalina que a esmola partisse do medico, porque ignorava este quanto era o aluguel do predio, e assim dirigindo-se á sua mãe disse-lhe.

— Foi Deus Nosso Senhor que favoreceu-nos, e guardou o dinheiro.

Algumas horas depois appareceu o velho Mandillo, e recebeu em ouro o aluguel da sua propriedade.

O homunculo arregalou os olhos, sorveu uma pitada e repetio.

— Bem, continuem, podem continuar na casa, e despedio-se satisfeito.

Fechando-se no seu quarto abrija Idalina o papel lacrado que o medico deixara sobre a cadeira, e grande foï o seu sobresalto ao contar dentro da carta quatro centos mil réis.

— Quatro centos mil réis nesta carta, exclamou ella absorta, será para mim esta quantia; o papel não traz sobre escripto! E com que fim fará esse homem tão avultada esmola: haverá intenção criminosa nesta sua dadiva; oh! seria uma infamia. E que devo fazer, mostrar o dinheiro á minha mãe! Não, vou guarda-lo para amanhã restitui-lo ao seu dono.

No dia seguinte voltou o medico, e depois de haver receitado e recommendado o que se devia fazer, tomou do chapéo para sahir, mas detendo-o junto á porta, disse-lhe Idalina.

— Senhor, destes-me hontem uma carta, e dentro della encontrei uma avultada quantia.

— Não sei quanto alli havia, retorquio o medico, recebi esse papel lacrado de um doente do Andarahy (\*)

— Encerrava essa carta quatro centos mil réis.

(\*) E' facto historico.



— Quatro centos mil réis em uma carta, repetio Luiza, que ouvira as palavras de sua filha.

— Melhor para vós, respondeu o medico.

— Mas não posso receber essa somma que não parece uma esmola.

— Assim como encontrastes quatro centos mil réis podieis achar muito mais.

— Mas que dirá minha mãe quando eu apresentar-lhe essa quantia ?

— Contai-lhe que aconteceu eu dar-vos esse dinheiro sem saber quanto elle era.

— Então vos enganastes, senhor, e eu não posso, não devo aceitar.

— E' vosso, já disse, insistio o doutor.

Ouvindo do leito a conversa da sua filha, disse-lhe Luiza com voz um pouco suffocada.

— Sim, minha filha, recusa e despede o seductor.

Idalina corou, abaixou os olhos e murmurou baixinho que só o medico ouvisse.

— Perdão, senhor.

Sem alterar-se, sem manifestar o menor desgosto e contrariedade, apertou o doutor a mão da moça, accrescentando.

— E' talvez delirio da febre.

E sorrindo ausentou-se.



## **A Verdadeira Caridade.**

Levantara-se Luiza do leito restabelecida da molestia que soffrera, e entregando-lhe Idalina os quatro centos mil réis, resolverão mãe e filha guardar esse dinheiro para envia-lo ao medico em occasião conveniente.

Findara o mez do aluguel da casa, e no dia seguinte apparecerão junto á rotula as duas moedas de ouro.

Veio o proprietario e contentissimo levou o dinheiro, admirando-se da pontualidade da inquilina.

— Talvez a mulherzinha tirasse alguma sorte na loteria, dizia o velho de si para si, ou tivesse alguma herança, ou quem sabe, entregasse a filha á prostituição.

Pensara já o ambicioso em augmentar o aluguel, e se o não fizera fôra por temer que, mudando-se a mãe de Idalina, viesse outro inquilino menos cuidadoso e pontual.

Attendendo ao procedimento de sua filha, que quasi nunca ia á janella, e continuava sollicita no



serviço domestico, e além disso não tendo avistado mais o medico de quem tivera algumas suspeitas, acreditou Luiza que este, desde o dia em que Idalina recusara o seu presente, se ausentara resentido e contrariado.

Continuavão, é certo, a apparecer junto á rotula no fim de cada mez as moedas de ouro para o aluguel da casa, porém pensava Luiza ser isso devido á caridade de algum homem bemfasejo que, informado da pobreza em que ella e sua filha vivião, as soccorria occultamente, para evitar agradecimentos e exercer pacifica e humildemente a sua missão caridosa.

Não era raro naquelles tempos já idos de mais religião e pureza de costumes, ver homens caridosos repartirem esmolas com familias pobres, nas horas occultas da noite, receiosos de que diminuisselhes o valor da acção meritoria os agradecimentos e louvores dos soccorridos; davão porque dizia-lhes o coração que devião de amparar os infelizes; davão porque ensinava-lhes a religião a repartirem com os pobres o pão do seu sustento; mas não querião ouvir as palavras de gratidão dos seus protegidos, ambicionavão outra recompensa, a do céo, porque sabião que Deus é a testemunha sempre presente, vigilante sempre, a todas as acções humanas.

Entre outros homens bons daquellas eras podemos mencionar o capitão Manoel Jorge da Silva, que todos os mezes entregava ao coadjutor da freguezia de Santa Rita vinte mil réis para da-los a algum pobre que tivesse de receber o santo viatico, e

pedia-lhe não revelasse o nome de quem mandava a esmola. Indagava onde residio familias pobres, e ao amanhecer ia levar-lhes esmolos, deixando-as ou por debaixo da porta ou por entre as rotulas das janellas.

Encontrando uma infeliz mulher todos os dias uma moeda de prata debaixo da porta, quiz conhecer o seu bemfeitor, e por isso acordou muito cedo, e ficou queda por traz da rotula.

Passou Manoel Jorge e atirou a moeda, e abrindo a mulher o postigo agradeceu ao seu bemfeitor. Este voltou-se, tomou o numero da casa, e nunca mais deitou esmola alli.

Este homem que a santa casa da Misericordia conta entre seus bemfeitores, e d'elle guarda o retrato, falleceu em 3 de Novembro de 1820 com 72 annos de idade.

Luiza recebia a esmola para pagamento da casa em que habitava, e não indagava como lhe vinha, mas em suas orações rendia graças ao céo por esse soccorro, que a mão da caridade ou da providencia trazia ao seu domicilio.

Idalina começou a crer que podia vir a esmola das mãos do medico ; que era elle quem amparava a sua mãe e a ella ; era elle quem vinha depositar todos os mezes essas moedas junto á rotula, e mais de uma vez desejara correr á porta para surprehender o seu bemfeitor e dirigir-lhe um agradecimento, porém se receiava de sua mãe que podia lançar novas suspeitas sobre esse homem honrado que as favorecia.



Todavia resolveu aproveitar-se da melhor occasião para executar o seu intento, e voltando uma noite com sua mãe do campo de Sant'Anna, onde tinhão ido assistir a um fogo de artificio, acordou muito cedo, e attendendo que mais profundo devia ser o somno de sua mãe nessa manhã, chegou-se á rotula, e ao atirar a mão desconhecida a esmola, descerrou ella o postigo, reconheceu o medico e murmurou.

— Obrigada.

Vio ao mesmo tempo passar junto á porta um individuo envolto em um capote de panno escuro e bradar.

— Infame.

A moça assustou-se, deu um grito e fechou apressadamente a rotula.



## A Ambição

Antonio Martins era um negociante rico, e gozava de muito credito e consideração ; sua firma era uma garantia nas transacções e seu nome repetido com louvor e respeito na praça ; mas era homem orgulhoso e altivo, julgava-se superior aos que tinham menos ouro que elle, e para tornar-se o mais rico, o primeiro negociante entre todos encheu-se de ambição, e esforçou-se por multiplicar rapidamente seus cabedaes com o commercio dos negros da Africa, que nessa epoca atopetava de moedas de ouro os cofres dos homens mais ricos, ambiciosos e deshumanos. Mandou vir da Africa alguns escravos, vendeu-os e obteve espantoso lucro, pediu nova e maior remessa, e mais assombroso foi o ganho ; então cegou-o a ambição, resolveu armar seis navios e remette-los á Africa, e por isso liquidou todos os seus negocios e contrahio muitos empréstimos.

Em verdade se os navios negreiros conseguissem abicar ao Rio de Janeiro, tornar-se-hia Antonio Martins um dos mais ricos negociantes.

Mas não aconteceu assim ; quatro navios forão aprisionados pelos Inglezes, e dous derão a costa.

Espalhando-se essa noticia na praça houve profunda sensação, e aquelles que havião emprestado seus capitaes, tratarão de exigi-los, pelo que vio-se Antonio Martins pobre.

Elle, o negociante acreditado, cujo nome era o melhor abono nas transações, elle homem orgulhoso e altivo, costumado ás adulações e cortejos de todos, via-se agora pobre e desprezado.

Elle, o negociante probo que jamais retardara o pagamento de qualquer letra, que tivera sempre ouro bastante para satisfazer a seus debitos e aos dos seus amigos, via-se constrangido a despedir os seus credores, e occultar-se delles.

— Sou um negociante fallido, desacreditado, sem nome, sem honra, dizia comsigo Antonio Martins, e assim devo suicidar-me ou fugir para não ouvir palavras de escarneo, de vituperio ou de condemnação.

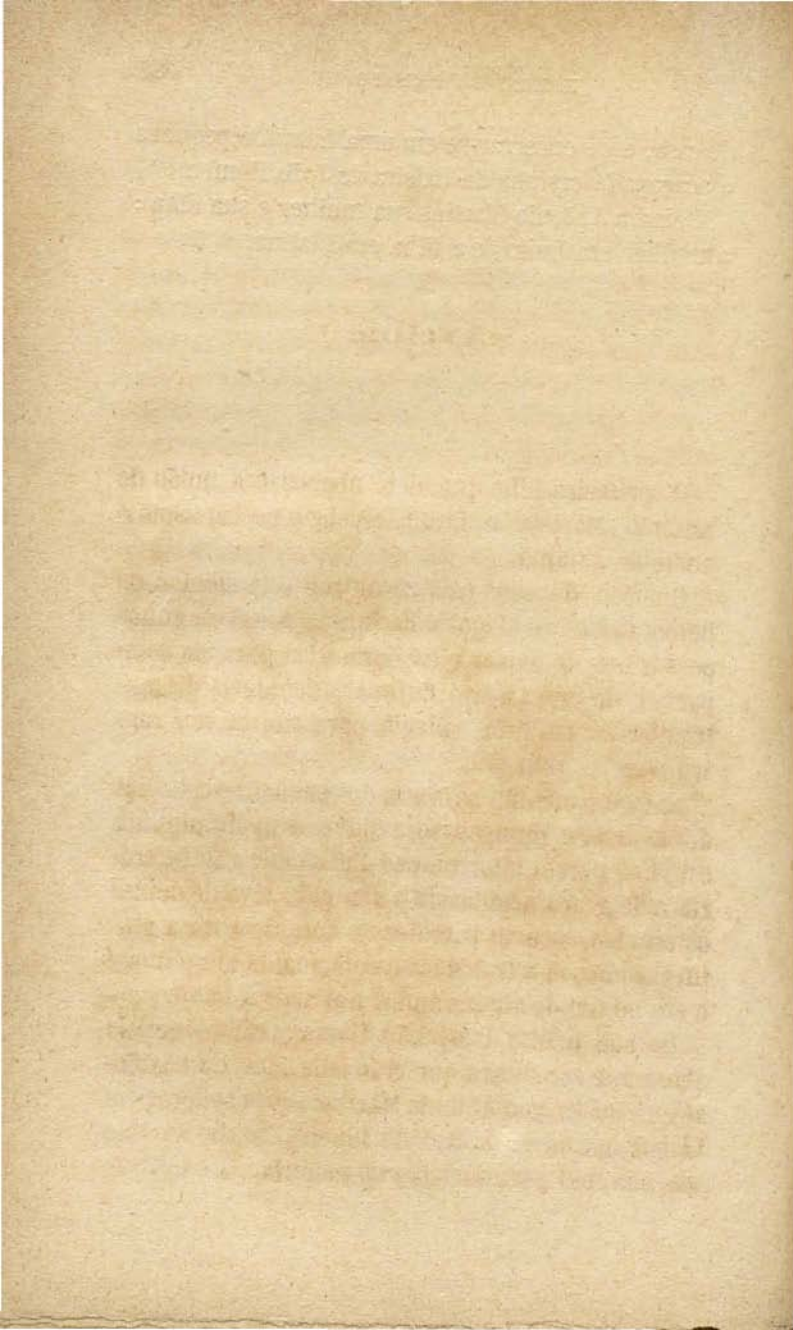
De feito tres dias depois de ter corrido a noticia do máo resultado dos navios negreiros, desapareceu Antonio Martins abandonando sua familia, sem saber-se para onde se dirigira ; dizião uns que elle se retirara para os Estados-Unidos, outros para Buenos-Ayres, e asseveravão alguns que se suicidara.

Começarão a apparecer os credores, e no fim de alguns dias teve a familia de Antonio Martins de entregar os brilhantes, os trastes, e todos os objectos

de casa, e de encerrar-se em uma humilde, pequena e acaçapada casinha da ladeira de João Homem.

Deixara Antonio Martins sua mulher e sua filha ; a mulher era Luiza, e a filha era Idalina.





**Avelino**

O primeiro filho que viera abençoar a união de Antonio Martins e Luiza, recebeu no baptismo o nome de Avelino.

Querido de seus pais encontrou este menino no berço todos os afagos e carinhos ; aos doze annos porém teve de deixar o lar domestico para em companhia de um tio ir á Europa, onde devia de matricular-se em um collegio para educar-se e instruir-se.

Entrou o menino para um dos primeiros collegios de Lisboa, e mostrou-se assiduo e applicado nos estudos, porém interrompeu-lhe a educação litteraria a desgraça acontecida a seu pai ; teve de deixar os estudos, e como patenteasse vocação para a pintura, começou a trabalhar na officina de um pintor ; e era no fim de alguns annos um artista habil.

De sua mãe e irmã não tivera Avelino noticia alguma, e acreditava que erão fallecidas, ou havião-se ausentado com Antonio Martins ; mas ao tocar em Lisboa um navio do Rio de Janeiro, soube Avelino que sua mãe e irmã vivião na penuria.

Immediatamente embarcou o joven pintor em direcção á patria, e ao chegar fez amiudadas indagações para descobrir a residencia de Luiza e de Idalina, e disserão-lhe que habitavão na ladeira de João Homem, porém não derão-lhe o numero.

Encaminhou-se Avelino para esse lugar, e aconteceu bater na casa em que moravão duas mulheres Ignacia e Camilla.

Mandarão-o entrar, e fallarão sem tossir nem cuspir mais de uma hora, deixando-o atarantado.

— Porém onde mora essa viuva, perguntou-lhes por fim Avelino.

— Muito perto daqui, o senhor é parente della ?

— Sou.

— Um, pois olhe. . . .

— Que.

— Não sabe de nada ?

— De que ?

— Ah ! quer o senhor divertir-se comnosco.

— Juro-lhes que não.

— Pois saiba que essa senhora tem agora boa protecção.

E ambas começarão a rir e a segredar-se.

Avelino ficou sério, subio-lhe o rubor ás faces, e a idéa de ter sua mãe ou irmã se entregado á perdição, causou-lhe profundo abalo.

Era Avelino de genio arrebatado e arrogante, e assomado se ficou pelo que ouvira daquellas mulheres, que receiando-se de qualquer violencia da parte do moço, se recusarão a dar-lhe outras informações, aconselhando-o porém que, se quizesse



noticias mais averiguadas se dirigisse ao velho Mandillo, cuja casa não ficava distante.

Tendo o veneno da desconfiança no coração, resolveu Avelino não apresentar-se em casa de sua mãe sem alcançar declarações minuciosas do modo de vida della, para não ter de cõrar em sua presença.

Chegado á casa do velho Mandillo, recebeu-o este vestido com um robe de chambre de chita que descia-lhe até aos pés, e com um barrete de cassa branca com babados.

— Conheceis, perguntou-lhe Avelino, uma viuva chamada Luiza Martins, que reside nesta ladeira?

— Conheço-a, é minha inquilina, retorquiu o velho.

— E paga pontualmente o aluguel?

— A principio não, andava sempre atrazada, e eu amofinado, aborrecido de atura-la, tencionei despedi-la, mas ha alguns mezes tem satisfeito exactamente o aluguel.

— Como ; melhoraria de fortuna ?

— Antes de responder-vos, desejava saber porque quereis esmiuçar essas cousas ?

Julgou Avelino conveniente occultar seu parentesco para saber toda a verdade, e assim accrescentou.

— Sympathiso com a filha dessa viuva, e tenciono pedi-la em casamento.

— Ah ! e a menina quererá ?

— Porque não ?

— Não sei, mas creio que ella já tem dono, redarguiu o velho batendo as palmas.

— Que dizeis !

— Escutai ; vivião essas mulheres mãi e filha na miseria, não sahião á rua, erão tardias em pagar a casa ; se adoecião não tinhão medico ; mas ha alguns mezes vivem folgadoamente, pagão em ouro o preço do predio que occupão, passeão, têm medico, botica e dieta. E donde lhes veio a felicidade não sei ; o marido não appareceu mais desde o dia em que correu a nova de que os navios tinhão ido ao fundo ; mas consta-me . . . .

— Que lhe consta, perguntou Avelino tremulo.

— Moderai o vosso ciume, tornou o velho ; dizem que alta noite penetra naquella casa um homem.

— Será possivel !

— Porque não ; não é cousa de causar assombro ; a filha da viuva é bonita, e sem duvida deixou-se render pelas moedas de ouro, que em verdade têm uma côr, um brilho e um tenir que fascinão ; não é assim, meu amigo !

— Eu me vingarei, murmurou Avelino.

— Vede como procedeis, mulheres ha muitas.

— Adeus, senhor.

E sahiu Avelino sem attender ás ultimas palavras do velho, que fechando a rotula, e apertando no ferrolho, acrescentou :

— Chegou tarde, meu amiguinho ; e Mandillo começou a sorrir e a sorver repetidas pitadas de tabaco.

A maledicencia é um veneno corrosivo que distroe o brilho das mais bellas acções, é um bafejo infernal, que embacia os actos mais puros.

Ignacia, Camilla e Mandillo calumniavão ; sem perscrutarem os factos, só attendendo ás apparencias, condemnavão a uma mulher velha e a uma moça innocente ; entes vis e corruptos enxergavão o mal em tudo, e não sabião elogiar e dizer o bem de alguém, mas erão promptos e escorreitos na maledicencia, na censura e na intriga ; erão como os corvos que se não sabem cantar, grasnãõ muito.





**● Embuçado**

Nunca mais Luiza soube do seu marido, nem Idalina de seu pai.

Vendo-se sem amparo entregou-se a pobre mulher ao trabalho para obter o sustento quotidiano, e pagar o tecto que abrigava-a e a sua filhinha.

Contava esta seis annos quando seu pai abandonou-a, e por isso mui pouco ajudava sua mãe ; mas logo que foi crescendo em idade, dedicou-se ao trabalho da agulha e da casa, e por fim era ella quem mais mourejava.

Porém pouco podião fazer uma mulher doente e uma menina. A vida penosa que supportava Luiza, tendo antes vivido em abastança, a apprehensão, o abalo que causou-lhe a ausencia do marido, do qual não ouvira mais noticia, e o cuidado, o receio que despertava-lhe o futuro de sua filha, havião-lhe enlanguecido o organismo, e arruinado-lhe a saude e a razão ; tendo tambem concorrido para isso, a miseria em que vivia, a fraca e insufficiente alimentação de que usava.

Vivera com seu marido mais de quinze annos, e logo depois de casada tivéra um filho, que vimos, tinha sido enviado a Europa para lá educar-se.

Quando aconteceu-lhe a desgraça do desaparecimento do marido, escreveu Luiza a seu filho participando-lhe o que occorrera na familia, porém não recebera resposta desta carta nem de outras.

Perdera seu marido, toda a sua fortuna, a posição social, do filho não tivéra mais noticia, e só, na indigencia, com uma filha que teria de deixar no mundo abandonada, vivia Luiza apprehensiva, abatida e enfermissa. Mas não renegára seus principios de mulher honesta ; nada praticava que offendesse á memoria de seu marido, e reconhecendo-se pobre e abandonada esforçava-se por legar á sua filha um nome sem mancha.

Escrevera ao medico remettendo-lhe os quatrocentos mil réis, e se guardava o que davão-lhe para o aluguel da casa, era por considerar que esse socorro provinha da mão da providencia.

Quanto a Avelino desde o dia em que colhêra informações do velho Mandillo, começou a percorrer todas as noites a rua em que habitavão sua mãe e irmã, porém jámais encontrára pessoa alguma de quem podesse suspeitar ; e já estava inclinado a acreditar que o que havião-lhe dito era calumnia, quando ao subir um dia á ladeira, á hora das matinas, percebeu um individuo aproximar-se da porta de Luiza, e deitar para dentro da rotula alguma cousa.

Correu quasi um mez e o individuo não voltou,



mas em uma manhã tornou a apparecer e a praticar o que fizera da outra vez ; e o mesmo acto repetia se de mez em mez, até que um dia abrio-se a rotula e uma moça apparecendo dissera :

— Obrigada.

Allucinado como estava, creu Avelino que o homem sahira da casa de sua mãe, e então aproximando-se da rotula repetio a palavra infame que assustára a sua irmã.

Quem seria aquelle homem que, envolto em um cumprido capote, para não ser reconhecido, buscava aquelle sitio em hora tão occulta e silenciosa ; não era de crer que fosse algum seductor que em horas em que a luz do dia é frouxa e dubia, apresentava-se á sua amante e deixava-lhe presentes e cartas !

— E' certo, considerava o moço de si para consigo, o que referirão-me as mulheres Camilla e Ignacia, e tambem o velho Mandillo ; esse individuo que se esconde e disfarça é o amante de minha irmã, e por isso assomou ella ao postigo para agradecer-lhe os mimos e affagos de amor.

Impressionado pelo que vira desceu Avelino a ladeira de João Homem, e foi seguindo o embuçado que caminhava apressadamente, e percorrerão ambos diversas ruas até que entrou o desconhecido em um sobrado da praia da Gambôa.

Defronte estanciava á janelça de uma casa terrea, uma velha com tôca branca á cabeça e chale ao pescoço.

Avelino chegou-se della e perguntou-lhe.

- Sabe dizer-me quem móra naquelle sobrado ?
- E' o medico João Alvares, não o conheceis ?
- Não, senhora.
- Nunca ouvistes repetir o seu nome ?
- Não, senhora.
- Sois filho daqui ?
- Sim ; e para evitar novas perguntas Avelino afastou-se apressado.

Não admittindo que, sendo-se filho do Rio de Janeiro, se ignorasse o nome popular do cirurgião João Alvares Carneiro, julgou a velha que o moço quizera mofar della, e irritada voltou o rosto para o lado opposto áquelle que tomou o mancebo, e repetio :

— Ha cada vadio e badameco por esta cidade, que é cousa de pasmar ; irra, abrenuncio, santanaz te confunda. E a velha benzeu-se e fechou a janella.

## VIII

### Mãe e Filha

No dia seguinte áquelle em que Idalina vira o medico deitar o dinheiro junta á rotula, ao abrir a porta, vio no chão uma carta, e creu ser do homem que dava-lhes o dinheiro do aluguel da casa ; mas ficou perplexa no que devia de fazer.

— Devo abrir a carta, pensou ella para si, e ver o que nella se contém ; porém se encerrar alguma declaração de amor, alguma proposta mais ou menos indecorosa e inconveniente que deverei fazer ! Póde ser que nada contenha de censuravel, e sim a noticia de um novo favor que esse homem nos queira prestar ; mas se abri-la e mostra-la depois á minha mãe, não cuidará ella que occultei-lhe alguma cousa, e só deixei-lhe ver o que me convinha que visse ! E se houver aqui algum motivo de censura ; não exorbitará minha mãe, e não dirigirá acres palavras a esse homem que tanto nos ha favorecido !

De si para si pensou Idalina que a carta trazia um fim illicito ; vira-a o medico á janella, e como



se descobrira ser elle o bemfeitor, julgava-se agora com direito a exigir qualquer cousa, a fazer declarações amorosas, ou quem sabe, a apresentar propostas que a honra e o pudor devião de repellir.

E' facil lançarem-se suspeitas sobre as acções mais honestas e os actos mais meritorios ; facilmente arrasta-nos o pensamento para o mal ; assim como turvão-se mais promptamente as aguas de um regato, do que tornão-se cristallinas e puras, tambem menos custoso é censurar as boas acções do que louva-las e proclamar seu merecimento.

Depois de muitas cogitações e incertezas julgou Idalina mais prudente apresentar a carta fechada á sua mãe ; e assim o fez.

— Mamã, disse ella, encontrei esta carta na sala.

— De quem será, perguntou Luiza inquieta.

— Não sei, mas presumo que será do medico que veio cura-la na sua doença.

— Será possível ; sem duvida é dirigida a ti sobre quem teve esse homem pretenções pouco licitas.

— Mas nunca dei-lhe motivo para não respeitar-me.

— E que tem isso, filha ! somos pobres, e julgão muitos que a pobreza é synonimo de infamia, e que os sentimentos bons, não procurão os corações dos pobres.

— Mas esse homem tratou-me sempre com todo respeito, e só devo-lhe obsequios.

— Os seductores são assim, menina, mostrão-se lhanos, generosos e só mais tarde se descobrem e

apresentão-se taes quaes são ; não assaltão logo as suas victimas, tem a tactica dos grandes jogadores, que a principio perdem para mais tarde empolgar todo o dinheiro dos companheiros e amigos.

— Será melhor, mamã, lermos a carta antes de accusar talvez injustamente a esse homem, que tanto nos tem favorecido.

— E eu considero preferivel deitar ao fogo esse papel ; ha palavras que offendem tanto como as acções ; e eu nem quero corar, nem ver subir o rubor ás tuas faces em minha presença.

— A carta é volumosa e parece coater em si alguma cousa.

— E' sem duvida o preço da compra ; ahi vem o dinheiro que elle julga valer a tua honra.

— Mamã.

— E' preciso fallar-te assim para saberes odiar esses malvados, que aviltão a mulher comparando-a com qualquer mercadoria.

— Pois vejamos a carta, mamã, porque se assim é, desejo avaliar a infamia desse homem para saber que odio, que desprezo devo lançar sobre elle.

— Dizes bem.

Luiza rasgou a capa da carta, e leu com assombro o seguinte :

Senhora D. Luiza.

« Apezar de ter a senhora recusado os quatro centos mil réis que aconteceu virem-me ás mãos na minha clinica, e da-los, sem eu saber a somma que



offertava; conhecendo quanto era-lhe penoso pagar o aluguel do predio que habita, deixava-lhe todos os mezes o dinheiro necessario para esse fim, mas quiz a senhora sua filha saber quem era a pessoa que se encarregara dessa tarefa, e se o conseguiu, desgostou ao individuo que se propuzera fazer occultamente este beneficio; o qual vê-se obrigado, para não ter quem vigie-lhe as acções, a mudar de conducta, e a não aproximar-se mais desta casa onde só tencionava fazer o bem.

« Todavia para não soffrer a senhora a consequencia da leviandade propria das primeiras idades, consegui que um amigo de Antonio Martins, nome que deve-lhe ser muito caro, enviasse-lhe agora cem mil réis, e em tempo competente igual quantia.

« Os quatro centos mil réis que não quiz receber, estão depositados na santa casa da Misericordia, para dote de sua filha quando casar-se. »

*João Alvares Carneiro.*

— Oh, mamã, e nós calunniavamos a este homem !

— Sim, Idalina, a esse homem que esconde os beneficios que distribue, que nega o bem que faz, que não quer ouvir o elogio de suas acções !

— E que fazer agora, mamã ?

— Ir á sua casa, e de joelhos pedir-lhe perdão, pelo máo juizo que temos feito de sua conducta, pela affronta que atiramos-lhe recusando a avultada quantia que offertou-te.



— Porem poderá affligir-se, e privar-nos de todo o auxilio.

E as duas mulheres ficarão irresolutas, incertas no que devião de executar. E estavam nesse estado dubio e obscuro em que o espirito parece avoejar no espaço sem fixar-se em uma só idéa, ou antes em que fica submerso em pensamentos contrariados, quando virão atirar á sala um papel. Correu Idalina, apanhou-o, e leu o que se segue.

« O seductor foi descoberto, e juro que hei de vingar a honra de meu pai.

*Avelino.*

— Avelino, exclamou Luiza, sobresaltada, dai-me esse escripto, é elle, é meu filho ; mas como aconteceu-me, julga que o nosso bemfeitor é um seductor e sem duvida vai assassina-lo; ah, minha filha, como salvaremos o Dr. João Alvares, e onde encontrarei o meu filho, o teu irmão.

E a infeliz mulher agitada por esses pensamentos, inquieta, abalada por ter tido noticia do filho e receiosa do que aconteceria ao medico, e a Avelino, passou por tão forte commoção, que cahio em profundo desmaio.

Ajoelhou-se Idalina perto de sua mãe suffocada pelos soluços e pelas lagrimas.



**⓪ Medico**

Nunca ouvistes pronunciar o nome de João Alvares Carneiro, nem vos recordarão algum acto de caridade praticado por elle, e nem vos fallarão de sua abnegação, amor ao proximo, da dedicação que votava-lhe o povo, e da sua habilidade e tino medico !

Nunca ouvistes dizer que esse medico restabelecia a saude do enfermo, e cobria-lhe a nudez, e saciava-lhe a fome !

Nunca, entre os nomes dos homens bons da nossa terra, lestes o do cirurgião João Alvares Carneiro ; nunca vos disserão que foi elle um apostolo da caridade, um sabio da medicina ! Percorrei então estas paginas, e respeitai o vulto que vai perpassar diante de vossos olhos.

Filho de André Carneiro e de D. Anna Lyonisia de Santa Rosa nasceu João Alvares em 18 de outubro de 1776, e baptisou-se na freguezia de S. José desta côrte.

Cedo vio-se orfão ; o berço foi para elle um leito



de luto e de lagrimas; seus pais perecerão, e assim não teve o menino a ventura de pronunciar o nome de seu pai, nem de sentir junto do seu coração o coração terno e carinhoso de sua mãe. Ficou orfão; mas a natureza, que também é mãe, chama aos orfãos seus filhos, e indicou a João Alvares uma mulher estranha, que tornou-se sua segunda mãe.

Anna Thomazia de Jesus mandou educar o menino, e logo que elle terminou o estudo das humanidades, matriculou-o na escola medico-cirurgica do Rio de Janeiro; onde o filho de André Carneiro disputou o primeiro lugar entre os mais talentosos alumnos, e alcançou dos mestres louvores e estima.

Tendo obtido o diploma de cirurgião, ficou ao serviço do hospital da Misericórdia, do qual foi nomeado cirurgião do banco.

Que proficiencia não manifestou João Alvares nesse cargo, que paciencia e humanidade em tratar dos enfermos pobres, que caridade, que desejo em attender ás dôres dos afflictos, aos lamentos dos doentes!

Todos o buscavão; era nelle que depositavão fé; por elle só querião ser pensados, medicados e aconselhados em seus padecimentos; era elle o medico indicado pela pobreza; e receitava, preparava os remedios, e fornecia dieta á custa do seu bolsinho a muitos infelizes.

— O cirurgião do banco é pobre, repetia elle, mas o que tem sempre lhe ha de chegar para repartir pelos desgraçados.

Veio consulta-lo um velho que, depois de expôr seus padecimentos, ajoelhou-se bradando.

— Minha familia morre a fome, senhor doutor.

Correu João Alvares ao thesoureiro da santa casa da Misericordia, pediu-lhe adiantado o ordenado do mez, e tendo recebido o dinheiro, entregou-o todo ao infeliz, dizendo.

— Eis todo o dinheiro que eu devia ganhar este mez.

— Mas, senhor, que reservaes para vós !

— Nada, porém a caridade desta casa há de acolher-me quando eu tiver fome e frio.

Era cirurgião do hospital da ordem terceira do Carmo, mas para beneficiar a um collega pobre, resignou este lugar.

Reconhecendo que convinha observar os factos chirurgicos em outros hospitaes, e ouvir as lições de outros mestres, dirigio-se á Europa, mas ao transpor a ilha da Madeira, aprisionarão os mouros o navio que conduzia-o.

Foi levado a Tanger, cidade edificada na encosta de uma collina, e só notavel pelas torres de suas mesquitas e synagogas, e pelas altas muralhas que a cingem.

Vivem alli os homens na maior indolencia, e são as mulheres que trabalham ; porém João Alvares como captivo teve de sujeitar-se a pesados serviços sem nunca murmurar um queixume ; vivia triste, mas sem lastimar-se, temendo que qualquer constrangimento que manifestasse armasse contra elle o braço barbaro e cruel do seu senhor.



Pelo seu character affavel, e simplicidade de animo alcançou a amizade do mouro, seu senhor.

Acontecendo adoecer gravemente a filha deste, forão chamados os curandeiros da cidade, que receitarão os medicamentos sem examinar a doente. pois é expressamente prohibido a qualquer mouro penetrar no recinto das mulheres; agravou-se a molestia, e por fim declararão os falsos esculapios que não era mais possível a cura.

Afflicto ficou o mouro, mas informado de que seu captivo entendia da sciencia de curar, mandou-o vir á sua presença, e disse-lhe.

— Salva a minha filha da morte, e pede a recompensa que quizeres.

— Desejo a liberdade.

— Terás; Allad nos ouve.

Por ser estrangeiro foi João Alvares introduzido no aposento da doente, que apresentou-se envolvida em uma capa de lã branca, tendo os cabellos de um lado rentes e do outro formando uma espessa trança.

Examinou-a, receitou, e no fim de alguns dias, estava a enferma restabelecida; e o mouro cumprio a palavra libertando o seu captivo. (\*)

Seguiu João Alvares para Lisboa, e depois de haver visitado os hospitaes, e assistido ás lições do curso de medicina na universidade de Coimbra, retirou-se para o Brazil; onde entregou-se com dedi-

(\*) Veja nos Ensaios Biographicos de Moreira de Azevedo a biographia de João Alvares Carneiro, pags. 50



cação ao exercicio medico, tornando-se em pouco tempo o mais conhecido e acreditado medico pela certeza dos seus diagnosticos, pela sua promptidão e caridade.

Chamarão-no um dia para ver um menino que achava-se assaz abatido, pallido e ameaçado de tuberculos pulmonares.

Olhou João Alvares attentamente para o enfermo, examinou-o, e accrescentou sorrindo.

— Como não quer estar assim, se do estomago resolveu fazer uma fabrica de papel.

De feito o menino comia pedaços de papel, e ainda nem um medicó atinara com a causa do mal.

Além de attender á sua numerosa clinica, occupava-se em trabalhos litterarios, e fundava a sociedade de medicina, hoje academia imperial de medicina ; da qual foi algum tempo presidente.

Era homem alto, gordo, de olhar expressivo, estatura regular, boca pequena, testa espaçosa e cabellos crespos.

Não se recusava a visitar os doentes pobres, e não só não pedia-lhes paga do seu trabalho, senão fornecia-lhes remedios e dieta ; e exercia a caridade com recato e modestia ; evitava os agradecimentos, distribuia occultamente diversas esmolas, e quando lembravão-lhe os beneficios, os actos caritativos que praticava, respondia, tendo nos labios o sorriso dos anjos.

— São mais as vozes do que as nozes (\*)

(\*) Palavras textuas de João Alvares.

Era Anna Thomazia de Jesus quem mais se alegrava ao relatarem-lhe uma acção meritoria do seu filho adoptivo ; a velha ria e chorava ao mesmo tempo, experimentavão os seus musculos da face uma expressão difficil de exprimir-se, e dizia ella com alacridade.

— Deus Nosso Senhor recompensou-me generosamente pelo trabalho que tive na educação deste menino, tornando-o um homem bom e justo ; eu vos agradeço, meu Nosso Senhor Jesus Christo.

Já vimos que foi este o medico que livrou a mãe de Idalina da morte e da miseria : e que sollicito em praticar o bem, desprezava as injurias, olvidava-se do juizo precipitado que fazião de suas acções, esquecia-se dos vituperios que ousavão atirar-lhe, e sem querer ouvir hymnos de louvor, vivia distribuindo beneficios, como esses astros que caminão dando sempre luz.

**Cilada**

Alguns dias depois de ter indagado onde residia o cirurgião João Alvares Carneiro, buscou Avelino á casa d'este, e declarou que queria fallar-lhe.

— Não está em casa, responderão-lhe.

— Quando virá?

— Não ha de tardar.

— Desejo que logo que chegue vá visitar um doente pobre, na praia do Sacco do Alferes, o qual está mui perigoso.

— Irá, retorquirão-lhe.

Avelino retirou-se.

N'essa época estendia-se a praia da Gambôa desde a praia do Lazareto até o forno da cal, onde ligava-se com a praia do Sacco do Alferes ; não existia a rua da União, e o lugar onde as duas praias se encontravão era solitario e ermo, e conhecido pelo nome de forno da cal, por existir alli uma fabrica de cal de mariscos.

No forno da cal foi postar-se Avelino para assassinar o cirurgião, e depois atar-lhe uma pedra aos pés e lança-lo ao mar.



A's oito horas da noite entrou João Alvares em casa, e assim que derão-lhe o recado, para ver o doente, resolveu sahir; admoestou-lhe a esposa que a noite estava escura, e o lugar era retirado e ermo.

— Que importa, accréscentou João Alvares com calma.

— Talvez o doente não esteja perigoso, como disserão.

— Quando o pobre recorre aos soccorros medicos, é porque delles necessita muito.

— Mas o sitio é muito triste e deserto á noite, insistio a esposa.

— E que tem isso, ponderou o medico, ha uma cousa que anima e fortalece a quem se não receia dos perigos.

— Qual é?

— A consciencia.

E João Alvares sahio.

A velha Anna Thomazia de Jesus, como quem presentia algum mal que podesse acontecer ao medico, quiz dizer-lhe que não fosse; mas era tão commum attender João Alvares aos chamados dos doentes, indo visita-los a qualquer hora nos lugares mais longinquos e pouco habitados, que ella retraio-se, calou-se, mas logo que elle sahio, dirigio-se ao oratorio, abrio-o, e acendeu uma vela de cera, e começou a orar descosendo entre os dedos as contas do seu rosario.

Corria o anno de 1829 e era noite dos reis.

Percorrião as ruas principaes da cidade, os foliões

da festa dos reis vestidos de calção e jaqueta de seda, chapéo de palha com fitas cahidas pelas costas, entoando cantigas ao som de varios instrumentos ; ião cantar ás casas dos amigos e conhecidos, e alli encontravão abundante e variada refeição, alli foliavão, dansavão e recebião dadivas.

Entre outros versos repetião os foliões os seguintes :

Acordai nobres pastores,  
Contemplai alegremente,  
A presença dos tres reis,  
Que vierão do Oriente.

Senhora, dona da casa,  
Acordai e ouvireis,  
Que da parte do Oriente,  
São chegados os tres reis.

De seus reinos separados,  
Longes terras tem cõrrido,  
Para virem adorar,  
O menino Deus nascido.

Ouro fino lhe offertarão,  
Como a Deus universal,  
Incenso, como divino,  
Myrra, como immortal.

Mas nas praias da Gambôa e Sacco do Alferes, 2  
lugares então mui pouco habitados, reinava nessa

noite completo silencio, e nada denunciava ser uma noite de alegria e de festa.

Estava João Alvares proximo do lugar, onde esperava-o o filho de Luiza, e já percebia este o ruido das pisadas na arêa, e tirara por isso o punhal que trazia occulto no seio, quando ouviu-se um individuo bradar.

— Senhor doutor, sr. doutor.

Tranquillo e calmo caminhava o medico, sem attender que atravessava uma praia deserta, havendo completo silencio, só interrompido pelo bater das ondas na arêa.

Ouvindo chama-lo, voltou-se e interrogou :

— Que me quer ?

— Ah, quasi que não posso fallar, por pouco não deito a alma pela boca, pronunciou o individuo que viera a correr.

— Então que é ?

— E' a sra. D. Luiza, mãi da D. Idalina, a qual está muito doente e afflicta, e diz que morre. Fui procurar o sr. doutor em casa, e como disserão-me que tomára para este lado, aqui cheguei esbaforido. . . .

Applicou Avelino o ouvido, e buscou ouvir o que referia o individuo, que viera em procura do medico.

— Eu ia ver um doente pobre, que creio deve estar muito grave.

— Não importa, sr. doutor, a sra. D. Luiza está a expirar, e disserão-me que, antes de fallecer, de-seja fallar-lhe.



— Quer minha mãe exigir alguma reparação da honra de minha irmã, murmurou Avelino.

— Vamos pois, se o caso é extremo, e a doente deseja tanto ouvir-me, sentenciou o medico.

Partirão ambos em direcção ao morro da Conceição, á ladeira de João Homem.

— Escapaste-me, redarguiu Avelino, mas eu te seguirei, e lá mesmo em casa de tua amante, pedir-te-hei a reparação do teu proceder infame.

E Avelino apertando na mão o punhal, que tornou a esconder no peito, foi em perseguição da sua victima.

Chegando o medico á rua de S. Francisco da Prainha, hoje da Saude, junto ao adro de S. Francisco, adiantou-se Avelino e pensou em assassina-lo alli mesmo; mas deteve-se porque nesse momento sahião de uma casa fronteira os foliões dos reis repetindo esta cantiga :

Deus vos pague a bella esmola  
Que destes com alegria,  
O reino do céu vos veja,  
Ao pé da Virgem Maria.

Avelino, parou, mas o cirurgião foi seguindo, e os foliões, não sendo recebidos em outra casa, onde havião batido, afastarão-se cantando :

Esta casa fede a breu,  
Aqui móra algum judeu ;  
Se não é o dono della,  
E' algum parente seu.



## A Paz na Família

O abalo que experimentou Luiza por ter sabido da chegada do seu filho, e tambem o receio que despertou-lhe a sorte do medico, que era seu bemfeitor. causarão-lhe um profundo deliquio sobrevindo mais tarde febre intensa convulsões e delirio; o mal se foi aggravando de dia para dia, e sendo acommettida de dôr aguda no peito que embaraçava-lhe a respiração, creu Luiza proximo o momento da morte, e por isso pedio á sua filha que mandasse chamar o doutor João Alvares Carneiro, não só para consulta-lo, senão para pedir-lhe perdão da injustiça e ingratição com que julgara seu procedimento.

Ao entrar na casa da doente encontrou-a o medico em luta com uma dor que soffocava-a, causando-lhe suores cupiosos, vomitos, e excessiva agitação.

Examinou-a cuidadosamente, e tirando do bolso da casaca, um vidro contendo um elixir, deitou algumas gottas em uma colher com agua e deu-a a doente.



Vendo o estado afflictivo de sua mãe mostrava-se Idalina inquieta e desasocegada ; ora aproximava-se della, ora do cirurgião ; indagava della o seu estado, e do cirurgião a gravidade da molestia.

Repetio o facultativo o remedio e, no fim de algum tempo, declinou o mal, tornou-se a dor menos viva e incommoda, cessarão os symptomas nervosos, e tomando o pulso á doente, disse João Alvares.

— Está livre de perigo.

Chegava nesse momento Avelino, e occultando-se em um corredor, que ia ter ao quarto, em que estava sua mãe, ouviu o cirurgião dizer.

— Está livre de perigo.

— Que charlatão, murmurou Avelino.

— Ah, eu agradeço-vos, senhor doutor repetio Idalina, fostes a providencia, mais alguma demora e minha mãe estaria morta ; muita gratidão vos devemos, senhor.

Produzirão estas palavras um tremor nervoso em Avelino.

— Sim, e nem posso explicar-vos a sympathia, a impressão que o vosso character me ha causado.

— Obrigado, minha senhora, mas que hei feito para merecer tanto, perguntou João Alvares.

Avelino estava inquieto, e mais de uma vez apalpara o punhal que trazia comsigo.

Sentindo-se alliviada dos seus padecimentos ergueu-se Luiza no leito e pronunciou.

— Ah rendo-vos muitas graças, senhor doutor, e supplico-vos perdão pelo mal que pensei de vós,

pela ingratidão com que recibi vossos beneficios, pelas offensas, pelas injurias que em troca de vossa liberalidade partirão de meus labios; perdoai a uma mulher velha e ensandecida que, tendo breve de comparecer perante Christo, Senhor Nosso, quer despir-se de suas culpas e peccados.

Acreditando estar sua mãe illudida no juizo que formava do medico, irritou-se Avelino, e pensou em precipitar-se na sala e castigar ao seductor, que abusava da boa fé de sua mãe, mas conteve-se, de-sejoso de ouvir mais algumas palavras, para melhor conhecer o culpado.

— Quantos beneficios havemos recebido de vós, exclamou Idalina.

— E como ingratas e injustas temos sido comvosco, acrescentou Luiza beijando as mãos do medico.

Obrigando a doente a deitar-se e conservando-se de pé junto della, fallou João Alvares.

— Nada tendes que agradecer-me; pratiquei comvosco o que hei feito sempre com todos os infelizes como vós; os que tem devem dar aos que não tem, e se a caridade é uma virtude, deve ser exercida como as outras, ou antes primeiro que todas, porque os que tem fome não podem esperar.

Accresce que mais tarde soube que tinha, diante de mim, nesta casinha a familia do meu amigo Antonio Martins.

— Conhecestes meu marido, perguntou-lhe Luiza.

— Conhecestes meu pai, ajuntou Idalina ao mesmo tempo.



— Meu pai, repetio Avelino como se fora o écho da voz de sua irmã.

— Sim ; fui seu amigo nos dias felizes, e nas horas da desgraça. Ainda recordo-me como ficou succumbido quando divulgou-se a nova de que se havião perdido os navios que voltavão da Africa.

— Costumado a viver no luxo, na grandeza, dotado de orgulho, de amor proprio, julgou que não devia de continuar no lugar em que fora rico e respeitado, elle que achava-se pobre e sem poder pagar o que devia ; resolveu ausentar-se, deixar patria e familia ; não soube ter resignação e humildade ; descreu da sorte, e alem de pobre, tornou-se um infeliz, indo viver em terra estranha, longe de sua mulher e de sua filha. Assim como a cobiça o allucinara, arrastarão-o o amor proprio, os preconceitos sociaes ; não quiz que repetissem-lhe : sois um negociante fallido, um especulador que anniquilastes os vossos cabedaes e os alheios ; e por isso deixou a familia sem amparo, sem pão ; não soube lutar ; succumbio, expatriou-se tornando viuva uma mulher antes da morte do seu marido e orfã sua filha antes delle morrer.

Luiza e Idalina choravão e tambem nos olhos de Avelino marejavão as lagrimas.

— Muito tempo, continuou João Alvares, ignorei qual o destino da familia de Antonio Martins, até que entrando nesta casa como medico, cheguei a conhecer que a familia, que eu devia de proteger, era esta.

— Ah, mais gratidão vos devemos, repetirão



Luiza e Idalina, porque soubestes cumprir o santo dever de amigo.

— E tambem grato vos sou, acrescentou Avelino entrando no aposento, e ajoelhando-se ante o medico.

— Quem sois, perguntarão todos.

— O filho do homem, cuja familia amparastes até hoje.

— Meu filho, meu irmão, clamarão Luiza e Idalina abraçando-se em Avelino.

De pé, de braços cruzados, calmo e pensativo, assistia João Alvares a essa scena intima e enternecedora, que se passava no seio de uma familia pobre.

Cessados os primeiros transportes de alegria de uma mãe que, depois de muitos annos de ausencia, tornava a avistar seu filho, e de uma irmã que pela primeira vez abraçava seu irmão, pôde Avelino dizer ao medico.

— Beijo-vos as mãos, senhor, pelos beneficios que tendes feito á minha familia, e peço-vos perdão.

— De que ?

— Vedes este punhal ?

— Uma arma !

— Era para assassinar-vos.

— Ao nosso protector, gritarão Luiza e Idalina attonitas.

— Sim. Em Portugal tive noticia de que meu pai se expatriara, deixando na miseria minha mãe e irmã ; vim logo que pude ao seu auxilio, e chegando aqui, ao indagar onde residião, asseverarão-me que

um estranho as protegia, e que offendia á moral o seu procedimento.

— E ousastes acreditar, Avelino, perguntou Luiza.

Idalina corou e não pronunciou palavra.

— Perdoai minha mãe, perdoai Idalina ; os calumniadores são os vossos próprios vizinhos. Tratei de observar, e de feito, no fim de algum tempo, vi um homem ao amanhecer aproximar-se desta casa, deixar alguma cousa junto á rotula e desaparecer ; praticou o mesmo acto outras vezes ; e eu sempre vigilante, inquieto, e resoluta a não entrar nesta casa antes de vingar a honra de minha familia, de meu pai, que julgava ultrajada pelo procedimento de minha irmã.

De olhos voltados para o chão e rubra como o lenço vermelho que trazia ao pescoço, Idalina ouvia o irmão chorando.

— Em uma manhã, prosequio Avelino, vi minha irmã á janella, e percebi que fallava ao homem que costumava apparecer áquella hora na ladeira. Nem sei o que pensei nesse momento ; passei por junto da rotula, disse alguma cousa á minha irmã, e fui seguindo o desconhecido até a casa em que entrou ; e então preparei-lhe uma traição, da qual salvou-se, porque vierão chama-lo para ver minha mãe que disserão achar-se muito doente.

— Se assim foi, rendo a Deus infinitas graças por haver-me dado aquellas dores cruciantes, aquelles padecimentos violentos, redarguiu Luiza elevando as mãos ao céu.



— Perdoai-me pois, senhor doutor, continuou Avelino ; Deus que é pai dos pobres protege a todos que, como vós, amparão seus filhos ; foi elle quem vos afastou do perigo .

E o filho de Luiza abraçou o medico .

— E' a providencia quem prepara e dirige os acontecimentos, interrompeu-lhe João Alvares , tinheis de reconhecer a innocencia de vossa irmã nesta casa onde julgastes não dever entrar , A virtude é como as flôres mimosas, cujo perfume se não percebe de longe , Quanto a mim ainda não bateu no sino da eternidade a hora em que devo deixar o mundo, sendo necessaria nesta casa a minha presença para salvar a vida de vossa mãe, e a reputação de vossa irmã, e assistir tambem ao vosso recebimento nesta familia, que desde hoje peço me julguem parte della, por que ha aqui duas cousas que despertão sempre sympathias, muita pobreza e muita honra .

— Meu protector, meu pai, eis os nomes que Luiza, Idalina e Avelino derão ao cirurgião João Alvares ao transpor este o limiar desta humilde habitação .





**Non moritur virtus**

Decorrerão seis annos depois dos acontecimentos que vão narrados ; Luiza fallecera, Avelino se estabelecera com officina de pintor na rua do Hospicio, e Idalina, a pedido seu, entrára para o recolhimento das orphãs da Santa Casa da Misericordia, instituindo-lhe dote o Dr. João Alvares Carneiro, que além desta dotou mais duas orphãs, Mathilde e Leopoldina.

Quanto ao velho Mandillo morreu á mingua por não querer pagar medico para trata-lo. Avelino, que sabia fazer versos, dedicou-lhe o seguinte epigramma :

Meu amigo, collega Ferrabraz, (1)  
 Cá do Averno o Mandillo te confessa,  
 Que se queres formar uma tripeça.  
 Vem com elle morar, mais Satanaz

(1) Ferrabraz era a alcunha de um usurario, que houve ? no Rio de Janeiro.

E João Alvares Carneiro ? Viveu até 1837 perecendo victima do amor que consagrava ao proximo.

Tendo ido vêr um doente no morro do Livramento, em noite escura e tenebrosa, cahiu do cavallo, batendo com a cabeça nas pedras da calçada. Chegado em casa, balbuciou o habil cirurgião :

— Temo me não resulte desta quêda algum mal no setimo dia (1).

De feito no dia indicado, sentio forte contracção nos musculos do pescoço, e perguntando-lhe sua esposa o que era, respondeu João Alvares sorrindo :

— São novenas (2).

Desde então se não levantou mais do leito, e corridos sete dias de uma molestia cerebral, expirou em 18 de Novembro de 1837.

Causou seu passamento consternação geral ; no dia do enterro agglomerou-se na praia da Gambôa, onde residira o illustre medico, uma multidão afflicta e pesarosa ; todos fallavão no caso, e todos lastimavão-no. Começou ás cinco horas da tarde o sahimento, e chegava o carro funebre á igreja do mosteiro de S. Bento, onde abrio-se o leito mortuario que se chama cova, e ainda desfillavão pela praia da Gambôa as seges conduzindo os convidados, os amigos do finado; contavão-se no prestito mais de duzentos carros. Jámais presenciára o Rio de Janeiro tanta concurrencia atraz de um esquife, e era um morto quem chamava alli todo aquelle

(1) Proprias palavras do protagonista desta narrativa.

(2) Palavras textuaes.



povo. Choravão os pobres, soltavão magoados gemidos encarando no carro funebre; lastimava-se a sciencia, e gemia dolorosamente uma viuva; porque havia sido o finado preclaro varão na sciencia, exemplo de virtudes na familia, e apostolo da caridade.

Dedicarão-lhe á beira do tumulo uma poesia, onde lêem-se estes versos :

Sua memoria é grata ao rico e ao pobre,  
Honrou a humanidade e deu á patria,  
De virtudes christãs exemplo novo.

Em outra ,escripta em latim, está estampado o seguinte :

« Non moritur virtus, virtus et ille fuit. »

Estava a igreja de S. Bento coberta de crêpe, e ao descer o ataude á sepultura, recitárão eloquentes discursos os medicos Cruz Jobim, Felix Martins, De-Simoni, Octaviano Rosa e Paula Menezes e o Dr. Pereira da Silva, lastimando todos a perda desse homem, que se na medicina fôra igual a Galeno, appellidado por Avicena e outros, o principe dos medicos, na caridade não ficára áquem de S. João de Deus, porque durante quarenta annos servio de pai aos necessitados (1).

(1) Descansão os ossos de João Alvares em um jazigo de marmore preparado por sua viuva, e collocado no claustro do mosteiro de S. Bento; e ha na sala das sessões da academia de Medicina o seu busto em marmore.

Em seu testamento libertou João Alvares todos os seus escravos ; perdeu as quantias que lhe devião ; contemplou as orphãs e engeitadas da Misericordia ; declarou que por espaço de dez annos se dessem dez mil réis cada mez para o pão dos religiosos de Santo Antonio, e legou bens á sua mãe adoptiva Anna Thomazia de Jesus.

Esta mulher de avançada idade não chorou pela morte de seu filho, mas conservou os olhos pasmos, voltados para o céu, notando-se no rosto uma resignação, uma expressão de contentamento como se uma aureola de luz alegrasse-lhe a vista.

Nessa modorra de entendimento, nessa cogitação taciturna talvez Anna de Jesus julgasse vêr no céu, no reino dos justos, o seu filho adoptivo !

Em lugares diversos, porém no mesmo dia, na mesma hora, dois irmãos, dois orphãos, Avelino e Idalina, choravão, quando o povo chorava, pelo mesmo homem, pelo seu bemfeitor commum, pelo cirurgião João Alvares Carneiro, e repetião talvez entre lagrimas e gemidos as palavras do poeta :

« A virtude não morre, elle foi virtuoso. »

FIM

## INDICE

	PAGS.
Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.	5
José Leandro. . . . .	115
Dr. João Alvares Carneiro. . . . .	163





